

# incipit<sup>11</sup>

WORKSHOP DE ESTUDOS MEDIEVAIS  
UNIVERSIDADE DO PORTO  
2022 | 14ª EDIÇÃO



GIHM  
GRUPO INFORMAL DE  
HISTÓRIA MEDIEVAL



U.PORTO  
think medieval



COORDENAÇÃO DE  
ANA CLARINDA CARDOSO,  
JOÃO PEDRO ALVES,  
JOÃO TEIXEIRA MOREIRA,  
MARCO ALEXANDRE RIBEIRO,  
PAULO MORGADO E CUNHA,  
RUI BRESSIANI

UNIVERSIDADE DO PORTO  
FACULDADE DE LETRAS  
BIBLIOTECA DIGITAL, 2023



**Grupo Informal de História Medieval**

Universidade do Porto, Faculdade de Letras  
Via Panorâmica, s/n, 4150-564 – Porto, Portugal  
www.gihmedieval.com

***Incipit 11***  
***14º Workshop de Estudos Medievais da***  
***Universidade do Porto, 2022***

**Coordenação:**

Ana Clarinda Cardoso  
João Pedro Alves  
João Teixeira Moreira  
Marco Alexandre Ribeiro  
Paulo Morgado e Cunha  
Rui Bressiani

Porto, 2023  
Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Central  
ISBN: 978-989-9082-63-2

**Título:** Incipit 11 (14<sup>o</sup> Workshop de Estudos Medievais da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2022).

**Coordenadores:** Ana Clarinda Cardoso; João Pedro Alves; João Teixeira Moreira; Marco Alexandre Ribeiro; Paulo Morgado e Cunha; Rui Bressiani.

**Edição:** Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital.

**Ano de Edição:** 2023.

**ISBN:** 978-989-9082-63-2.

**Capa:** Paulo Morgado e Cunha.

**Imagem de capa:** Bodleian Library MS. Add. A. 15, fol. 56r.

**Composição e paginação:** João Alves e Rui Bressiani.

© **Grupo Informal de História Medieval**

Universidade do Porto, Faculdade de Letras  
Via Panorâmica, s/n, 4150-564 – Porto, Portugal

© **Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital**

Universidade do Porto, Faculdade de Letras  
Via Panorâmica, s/n, 4150-564 – Porto, Portugal

© **Autores**

© *Todos os direitos reservados, em harmonia com a lei em vigor.*

**Responsável Científico:** Luís Miguel Duarte (U. Porto).

**Avaliadores Científicos:** Amélia Campos (U. Coimbra); Ana Cristina Sousa (U. Porto); André Evangelista Marques (FCSH - UNL); André Silva (U. Porto); Andrea Mariani (U. Porto); Carla Vieira (FCSH - UNL); Clara Barros (U. Porto); Diogo Faria (U. Porto); Filipe Alves Moreira (U. Porto); Flávio Miranda (U. Porto); Francesco Renzi (U. Porto); Inês Caldeirón Medina (U. Illes Balears); Joana Lencart (U. Porto); Joana Sequeira (U. Minho); João Carlos Teixeira (U. Porto); João Luís Inglês Fontes (FCSH - UNL); João Rebalde (U. Porto); José Maria de Francisco Olmos (U. Complutense); Leonor Botelho (U. Porto); Luís Carlos Amaral (U. Porto); Luís Miguel Rêpas (FCSH - UNL); Luís Urbano Afonso (U. Lisboa); Maria José Azevedo Santos (U. Coimbra); Mariana Leite (U. Porto); Miguel Aguiar (FCSH - UNL); Océane Boudeau (FCSH - UNL); Paula Oliveira e Silva (U. Porto); Pedro Monteiro (U. Porto); Ricardo Seabra (U. Autónoma de Lisboa); Rosário Ferreira (U. Porto); Sara Prata (FCSH - UNL).

**Apoios:** Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

*(Esta página foi intencionalmente deixada em branco)*

## Índice

Lista de Autores ..... vi

### ***Comissão Organizadora***

*Incipit* – Apresentação ..... vii

*14<sup>o</sup> Workshop de Estudos Medievais* (Programa)..... viii

### ***Mario Ramos Soriano***

Arqueología del poder y del territorio en la península del Barbanza entre la Antigüedad y la Alta Edad Media (ss. V-X d.n.e.).....1

### ***Jorge Garrido López***

La producción de textil y cuero en los siglos finales de al-Andalus (XIII-XVI): propuesta de investigación ..... 11

### ***Rui M. Rocha***

«Regnum et Studium»: A Reforma Manuelina da Universidade. Um estudo da relação entre cultura letrada e poder político na baixa idade média (1495-1521) ..... 32

### ***Iago Brais Ferrás García***

La transmisión del contenido medieval de la Historia General de España de Juan de Mariana (1601-1869): una propuesta de investigación..... 50

### ***Julia María García Morales***

Imágenes de dolor y piedad mariana desde Oriente a Occidente entre los siglos XI- XV ..... 66

### ***Marco Alexandre Ribeiro***

Tiveram os mesterais portugueses do final da Idade Média consciência política? Uma proposta de investigação.....80

***Beatriz Alves Caldeira***

*Psychomachia*: o combate espiritual nos sermonários de St. António de Lisboa e de Fr. Paio de Coimbra..... 97

***Afonso S. Sousa***

Monteiros e Montaria em Portugal na Idade Média: um projeto de dissertação para o seu estudo..... 114

***Pablo Fernández Pérez***

Los discursos proféticos en el reinado de los Reyes Católicos (1474-1516).....125

## **Lista de Autores**

**Afonso S. Sousa**

*Universidade de Coimbra*

*Universidade Nova de Lisboa - Instituto de Estudos Medievais*

**Beatriz Alves Caldeira**

*Universidade de Lisboa – Centro de História*

**Iago Brais Ferrás García**

*Universidade de Santiago de Compostela*

**Jorge Garrido López**

*Universidad de Granada*

**Julia María García Morales**

*Universidad de Murcia*

**Marco Alexandre Ribeiro**

*Universidade de Lisboa – Centro de História*

**Mario Ramos Soriano**

*Universidade de Santiago de Compostela*

**Pablo Fernández Pérez**

*Universidade de Santiago de Compostela*

**Rui M. Rocha**

*Universidade de Lisboa - Centro de História*

## ***Incipit – Apresentação***

Os nove textos que compõem o 11<sup>o</sup> número da *Incipit* foram resultado da 14<sup>a</sup> edição do Workshop de Estudos Medievais (WEM), que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade do Porto nos dias 7 e 8 de abril de 2022. Este evento é organizado anualmente pelo Grupo Informal de História Medieval (GIHM), tendo como objetivo proporcionar um espaço de debate e reflexão para que mestrandos e doutorandos de diferentes áreas dos Estudos Medievais, de universidades portuguesas e estrangeiras, apresentem e discutam os trabalhos e pesquisas que têm em curso.

A 14<sup>a</sup> edição contou com 10 comunicações de autores portugueses e espanhóis, nas áreas de História, História de Arte, Estudos Literários e Arqueologia. Esta edição assinalou o regresso ao formato presencial, depois de dois anos de ausência, revigorando a vertente humana deste evento, que vive da comunicação e análise de especialistas e entre os próprios participantes, quer mestrandos quer doutorandos.

Como é habitual, a comissão organizadora do Workshop e a comissão editorial da *Incipit* gostariam de deixar aqui agradecimentos às várias instituições e pessoas que possibilitaram a concretização destes dois projetos: ao Prof. Doutor Luís Miguel Duarte, responsável científico do WEM; aos participantes da 14<sup>a</sup> edição, tanto estudantes, como professores; à Dra. Isabel Pereira Leite, que viabilizou a publicação da *Incipit* na Biblioteca Digital da FLUP; à Direção do Mestrado em Estudos Medievais e do 3<sup>o</sup> Ciclo em História na FLUP; à Diretora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; à Reitoria da Universidade do Porto; e à Associação de Estudantes da FLUP.

Porto, 6 de abril de 2023

*Ana Clarinda Cardoso*

*João Pedro Alves*

*João Teixeira Moreira*

*Marco Alexandre Ribeiro*

*Paulo Morgado e Cunha*

*Rui Bressiani*



# 14<sup>o</sup> Workshop de Estudos Medievais (Programa)

7 e 8 de Abril de 2022

Universidade do Porto, Faculdade de Letras

## Quinta-feira - Dia 7

- 10h00 Sessão de Abertura / Apresentação da *Incipit 10*
- 10h30 **Mario Ramos Soriano** (U. Santiago de Compostela) Archaeology of power and territory in Barbanza's Peninsula between Antiquity and Early Middle Ages (c. V-X).  
Comentário de Jorge Garrido López (U. Granada)| Análise de Andreia Arezes (U. Porto)
- 11h15 Pausa
- 11h30 **Jorge Garrido López** (U. Granada) La industria del tejido en los siglos finales de al-Andalus: Caracterización y evolución hacia nuevas fórmulas productivas (siglos XIII-XVI).  
Comentário de Rui Miguel Rocha (U. Lisboa)|Análise de Joana Sequeira (U. Minho)
- 12h15 Pausa para almoço
- 14h30 **Rui Miguel Rocha** (U. Lisboa) A Reforma Manuelina da Universidade Portuguesa. Um estudo da relação entre cultura letrada e poder político na baixa idade média (1495-1521).  
Comentário de Beatriz Alves Caldeira (U. Lisboa)| Análise de Mário Farelo (U. Nova de Lisboa)
- 15h15 **Iago Brais Ferrás García** (U. Santiago de Compostela) La transmisión del contenido medieval de la Historia General de España de Juan de Mariana (1601-1869).  
Comentário de Júlia Maria (U. Murcia)| Análise de Filipe Alves Moreira (U. Porto)
- 16h00 Pausa
- 16h15 **Julia María García Morales** (U. Murcia) Imágenes de dolor y piedad mariana desde Oriente a Occidente entre los siglos X- XIV  
Comentário de Iago Brais Ferrás García (U. Santiago de Compostela) | Análise de Ana Cristina Sousa (U. Porto)

## Sexta-feira - Dia 8

- 10h30 **Marco Alexandre Ribeiro** (U. Lisboa) Consciência política nos Mesterais em Portugal de finais da Idade Média? Uma proposta de investigação  
Pablo Fernández Pérez (U. Santiago de Compostela)| Análise de Adelaide Millán da Costa (U. Aberta)
- 11h15 Pausa
- 11h30 **Beatriz Alves Caldeira** (U. Lisboa) Ler a Guerra: representações da guerra na literatura portuguesa medieval (sécs XII-XIII).  
Comentário de Mario Ramos Soriano (U. Santiago de Compostela)| Análise de Joana Gomes (U. Porto)
- 12h15 Pausa para almoço
- 14h30 **Camila Seixas e Sousa** (U. Lisboa) A pantera: simbologia nos bestiários e na obra portuguesa Orto do Esposo  
Comentário de Marco Alexandre Ribeiro (U. Lisboa) | Análise de Maria do Rosário Ferreira (U. Coimbra)
- 15h15 **Afonso Manuel Lopes Soares de Sousa** (U. Coimbra) Monteiros e Montaria em Portugal na Idade Média  
Comentário de Camila Seixas e Sousa (U. Lisboa)| Análise de Luís Miguel Duarte (U. Porto)
- 16h00 Pausa
- 16h15 **Pablo Fernández Pérez** (U. Santiago de Compostela) Los discursos proféticos en el reinado de los Reyes Católicos (1474-1516)  
Comentário de Afonso Manuel Lopes Soares de Sousa (U. Coimbra)| Análise de Paula Mendes (CITCEM)

*(Esta página foi intencionalmente deixada em branco)*

# **Arqueología del poder y del territorio en la península del Barbanza entre la Antigüedad y la Alta Edad Media (ss. V-X d.n.e.)**

*Mario Ramos Soriano*

**Universidade de Santiago de Compostela**

**Resumo:** En este texto se presentan las claves generales del proyecto de tesis del autor, que versará sobre el estudio arqueológico de la articulación de las relaciones de poder entre el fin del mundo romano y la Alta Edad Media, en el contexto específico de la península del Barbanza, en la costa occidental gallega.

**Palavras-chave:** Poder, Alta Edad Media, Barbanza.

**Abstract:** In this text, it is intended to show the general keys of the author's thesis project, which will be about the archaeological study of power relationships articulation between the end of the roman world and the Early Middle Ages, in the specific context of Barbanza's peninsula, at the western Galician coast.

**Keywords:** Power, Early Middle Ages, Barbanza.

## **1. Tema, problemas, cronología, espacios y objetivos**

El fin del Imperio Romano conllevó, en toda Europa Occidental, transformaciones estructurales dentro de un proceso histórico que remataría con la emergencia del mundo medieval.<sup>1</sup> En el caso del Noroeste de la Península Ibérica, concretamente en el territorio correspondiente a la antigua provincia de *Gallaecia*, el conocimiento que tenemos sobre este período es desigual, producto de una historiografía particular pero en línea con el desarrollo historiográfico en otros espacios para la misma cronología.<sup>2</sup> Analizar la historia de las dinámicas de poder y su transformación en el tiempo entre los diversos grupos sociales que se constituyeron en el territorio de la sierra del Barbanza (Galicia) en el período entre el final de la Antigüedad y la Alta Edad Media (ss.

---

<sup>1</sup> Peter Brown, *El mundo de la Antigüedad tardía: De Marco Aurelio a Mahoma* (Barcelona: Taurus, 2021); Chris Wickham, *Una historia nueva de la Alta Edad Media: Europa y el mundo mediterráneo, 400-800* (Barcelona: Crítica, 2016); Bryan Ward-Perkins, *La Caída de Roma y el fin de la civilización* (Madrid: Espasa Calpe, 2007).

<sup>2</sup> José Carlos Sánchez Pardo, "Territorio y poblamiento en Galicia entre la Antigüedad y la plena Edad Media" (Tesis doctoral, Universidade de Santiago de Compostela, 2008).

V-X d.n.e.) se constituye, por tanto, como vacío a rellenar dentro de ese complejo mosaico.

Partiendo de este planteamiento, cabe señalar el avance en los últimos tiempos que se han experimentado tanto en el estudio de fuentes textuales como de restos arqueológicos en el contexto gallego, lo que posibilita establecer diversas vías de investigación. Para empezar, se plantea la necesidad de emprender estudios territoriales específicos que subrayen las particularidades del proceso a nivel general como pueden mostrar los trabajos efectuados en la Rioja por el investigador José María Tejado Sebastián.<sup>3</sup> Además, hay una falta acuciante de información proveniente de contextos arqueológicos bien analizados en el noroeste para esta cronología, lo que implica empezar por la construcción crítica de los contextos de base, muchos de ellos todavía inéditos.<sup>4</sup> En este sentido, y en tercer lugar, sería importante plantear la correcta definición y clarificación en materia de cronologías, tipologías, estructuración de las actividades productivas locales o la reconstrucción de las condiciones de vida de las sociedades post-romanas, base para toda construcción de síntesis histórico-arqueológicas.<sup>5</sup> En último lugar, es imperativo plantear la articulación del poder territorial en el mundo posromano como eje fundamental para entender la posterior estructuración territorial en época medieval, como un punto de llegada mejor conocido a través de las fuentes escritas, escasas para el período inmediatamente anterior.<sup>6</sup>

La *Gallaecia* supone así un buen caso de estudio para abordar las temáticas anteriormente mencionadas por diversos motivos: es un territorio donde convergen de forma sincrónica procesos tales como el surgimiento del primer reino postromano (el reino suevo), la emergencia de comunidades campesinas típicamente medievales o la presencia de poderosas élites territoriales que articulan una compleja realidad económica todavía por ser explorada. Todo ello implica que esta provincia es un espacio con

---

<sup>3</sup> José María Tejado Sebastián, *Vislumbrando la tardoantigüedad: una mirada desde la arqueología* (Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, Gobierno de La Rioja, 2018); José María Tejado Sebastián, “Fortificaciones tardoantiguas en el entorno del Alto Valle del Ebro: *clausurae, turris* y *castra* como elementos interrelacionados de control territorial” en *Recintos fortificados en Época Visigoda: historia, arquitectura y técnica constructiva*, eds. Josep Macias, Albert Ribera y Miquel Roselló, (Tarragona: Institut Català d’Arqueologia, 2020), 75-104.

<sup>4</sup> Carlos Tejerizo-García, “El poblamiento en el interior de la Gallaecia entre el final del Imperio Romano y la Alta Edad Media: nuevos datos, nuevas propuestas”, en *Studia Historica. Historia Medieval* 38-2 (2020): 155-187.

<sup>5</sup> Alfonso Vigil-Escalera Guirado, y Juan Antonio Quirós Castillo, “Un ensayo de interpretación del registro arqueológico”, en *El poblamiento rural de época visigoda en Hispania. Arqueología del campesinado en el interior peninsular*, ed. J.A Quirós Castillo (Bilbao: Universidad del País Vasco, 2013).

<sup>6</sup> Iñaki Martín Viso (ed.), *¿Tiempos oscuros? Territorio y sociedad en el centro de la Península Ibérica (siglos VII-X)* (Madrid: Sílex, 2009).

un alto potencial para arrojar novedosos e interesantes datos que contribuyan a los diferentes debates que basculan en torno a estas fechas en la Península Ibérica y Europa Occidental.<sup>7</sup>

Con el objetivo de dotar de una realidad empírica en la escala local a estas preguntas e hipótesis, se ha escogido el territorio de la Península del Barbanza. Esta se ubica en la costa occidental gallega, y está flanqueada por las rías de Arousa y de Muros/Noia (desembocando en estas los ríos Ulla y Tambre, respectivamente). Jalonado por pequeños riachuelos y compuesto por siete municipios, el Barbanza posee además un relieve con contrastes muy marcados por grandes diferencias entre la costa y la serranía. Por otra parte, a su este y noreste encontramos dos núcleos urbanos de extraordinaria importancia (cosa que reflejan las fuentes documentales) para la configuración de las dinámicas del poder durante la Alta Edad Media: Santiago e *Iria* (Padrón).

Junto a ello, se busca analizar en profundidad la articulación del poder entre los distintos grupos sociales a partir del análisis arqueológico y documental del papel que tuvo como sede *Iria Flavia* en las proximidades, o la cercanía geográfica que mantuvo con respecto a Compostela. Además, este proyecto se centrará en el análisis de un tipo de yacimiento arqueológico fundamental para comprender la transformación de las dinámicas del poder durante la Alta Edad Media: los asentamientos fortificados. La hipótesis principal es que estos sitios fueron centros de poder de las élites del momento y, por lo tanto, su análisis permitirá desvelar las características sociales y económicas que permitieron a estos grupos sociales mantener su posición y estatus. Así, a partir de los trabajos ya desarrollados durante el Máster en entornos específicos como son los asentamientos fortificados de Vitres (Boiro), Fruíme (Lousame) o San Mamede (Lousame) se profundizará en el estudio de los mismos y en la comprensión de diferentes cuestiones tales como el poblamiento, la articulación de las relaciones de poder y demás. También será interesante incorporar el estudio detenido de las infraestructuras viarias con el fin de entender la manera de articular comunicaciones o las redes de intercambio, pues se conocen algunas que vertebrarían el paso a través del propio espacio serrano (como la Calzada de Vitres). Por último, y como forma de contrastar las dinámicas de las élites, se plantea examinar el poblamiento campesino, las dinámicas sociales que propiciaron el cambio en los patrones del mismo y la conformación del sistema aldeano a través de casos de estudio específicos, pues permitirían completar el

---

<sup>7</sup> Alexandra Chavarría Arnau, *El final de las «villae» en «Hispania» (siglos IV-VIII)* (Turnhout: Brepols, 2007).

mosaico que pretende comprender la articulación de las dinámicas de poder.

Compaginando estas labores, cabría mencionar también la necesaria realización de un trabajo de socialización del conocimiento generado, a través de actividades de carácter divulgativo, con el fin de dar a conocer los resultados al público general, específicamente el del Barbanza. Ello devendría en la necesaria generación de vínculos entre las comunidades locales y su patrimonio.

Atendiendo a lo anteriormente expuesto, podrían establecerse la siguiente serie de objetivos, divididos entre principales y secundarios:

### ***1.1. Objetivos principales***

- Analizar la articulación de las dinámicas de poder en el Barbanza, a través de las diversas manifestaciones materiales que estas sociedades y sus dinámicas internas y externas generaron en este espacio.

- Definir la modalidad de asentamientos de la zona desde época tardorromana y las transformaciones que sufren, con el objetivo de entender los diferentes cambios que se dieron en la estructura de poblamiento, así como el surgimiento de nuevos núcleos de carácter urbano.

- Estudiar las redes de intercambio locales a través del análisis detallado de la cultura material (p. ej. cerámica) mediante la comprensión de las pautas de consumo, la distribución de materiales y los espacios productivos de donde provienen, reconstruyendo el propio ciclo de vida de las piezas.

- Examen pormenorizado de las fuentes documentales, de cara a extraer información que nos permita dar una contextualización histórica, así como servir de apoyo a la resolución de algunos de los otros objetivos planteados.

- Ver la relación existente entre los núcleos de población y las actividades productivas acontecidas en la propia península, tanto en tierra como en el mar. No sólo desde el punto de vista organizativo (en cuanto al marco territorial), sino también socio-económico y religioso, atendiendo a cuestiones tales como la cristianización del territorio.

- Analizar los posibles fenómenos de reutilización de la infraestructura viaria del período romano en época medieval, o investigar si esta cambia de forma significativa. También sería interesante entender el papel jugado por los cursos de agua en la configuración de los patrones de asentamientos.

- En términos más conceptuales y teóricos, entender el proceso de cambio social



que se da en el paso del modo de producción antigua al feudal, con especial hincapié en el conocimiento de la situación de los grupos sociales subalternos.

- Examinar, agrupar y sintetizar la información arqueológica hasta el momento generada en la península con el fin de ofrecer un adecuado estado de la cuestión.

### **1.2. Objetivos secundarios**

- Revalorización de yacimientos arqueológicos y patrimonio cultural vinculado al proyecto, con el fin de realizar una necesaria labor de difusión de los resultados y de socialización del conocimiento.

- Desarrollar estrategias para revalorización de patrimonios «atípicos», con el fin de dar a conocer un patrimonio que no siempre ha de entrar dentro de la concepción monumentalista que tiene el disfrute del patrimonio para mucha gente. De tal manera, ello va vinculado a la consecución de relaciones con las comunidades locales, que siempre pueden realizar importantes aportes a la hora de conocer diversos territorios.

## **2. Marco historiográfico**

El marco historiográfico lo comprende una serie de escritos. Comenzando con los pioneros trabajos de M. Pallares, E. Portela o F. López Alsina desde finales de la centuria pasada, se ha posibilitado el avance del conocimiento de la mano del desarrollo de la investigación arqueológica y la renovación de los estudios en la documentación escrita<sup>8</sup>, mediante los cuales se ha alcanzado a mostrar la existencia de un poblamiento dinámico que experimenta complejos procesos de transformación hasta la Plena Edad Media. Tanto es así, que recientes estudios como los efectuados en el puerto de Vigo sobre el comercio en la Antigüedad Tardía,<sup>9</sup> en sitios eclesiásticos como los de la región de A Mariña,<sup>10</sup> o la producción bibliográfica relativa a las fortificaciones tales como O Castelo de Valencia do Sil o el Faro de Budiño, aquellas de la Depresión Meridiana, etc.,<sup>11</sup> vendrían a suponer la materialización de ese empuje experimentado por la

---

<sup>8</sup> José Miguel Andrade Cernadas y Anselmo López Carreira, *O reino medieval de Galicia: crónica dunha desmemoria* (Vigo: Xerais, 2020).

<sup>9</sup> Adolfo Fernández Fernández, *El comercio tardoantiguo (ss. IV-VII) en el Noroeste peninsular a través del registro cerámico de la ría de Vigo* (Oxford: Archaeopress, 2014).

<sup>10</sup> José Carlos Sánchez-Pardo, Miguel Carrero-Pazos, Marcos Fernández Ferrero, y David Espinosa-Espinosa, "Exploring the landscape dimension of the early medieval churches. A case study from A Mariña region (north-west Spain)", *Landscape History* 41-1 (2020): 5-28. <https://doi.org/10.1080/01433768.2020.1753977>

<sup>11</sup> Carlos Tejerizo García, Celtia Rodríguez-González, Santiago Ferrer Sierra, Carlos Fernández Rodríguez, José Carlos Sánchez Pardo, José Fernández Pérez, Diego Torres Iglesias, Francisco Alonso Toucido, Mario Fernández Pereiro, Verónica Silva Alite, Andrea Mouriño Schick, y Carla Pascua Ríos, "El final del imperio romano en el noroeste peninsular: intervenciones recientes en el yacimiento de O Castelo, en Valencia Do Sil (Ourense)", *Lucentum* 40 (2021): 287-306.

investigación en estos años.

A nivel microrregional para este período en todo el conjunto del Barbanza, más allá del conocimiento que se tiene de época prehistórica, tan sólo serían mencionables los trabajos que recientemente están llevando a cabo en la propia serranía el Grupo de Estudios de Prehistoria del Noroeste de la Universidade de Santiago de Compostela, que han conseguido documentar y datar diversos contextos con ocupaciones altomedievales en las zonas altas de la sierra, concretamente con los yacimientos de Río Barbanza (inicios del s. VIII d.n.e. – finales del s. IX d.n.e. y Porto Traveso (finales del s. VIII d.n.e. – inicios del s. X d.n.e.), los cuales todavía no han sido incorporados a los debates historiográficos sobre la Alta Edad Media.<sup>12</sup>

Adicionalmente a estos estudios vinculados a lo propiamente territorial, deben ser mencionados algunos trabajos de carácter general vinculados a la línea de investigación. Así podemos destacar de lo que viene siendo la investigación tanto de fortificaciones a autores en el plano nacional tales como J.A. Quirós Castillo;<sup>13</sup> en el mundo de la estructuración de las relaciones de poder en la Alta Edad Media a Martín Viso<sup>14</sup> o Sánchez Pardo<sup>15</sup>; e incluso dentro de los estudios relativos al campesinado, a Tejerizo

---

<https://doi.org/10.14198/LVCENTVM.18558> ; Mario Fernández-Pereiro, José Carlos Sánchez-Pardo, y Francisco Alonso Toucido, “Fortificaciones y control del territorio en la Gallaecia Altomedieval. Estudio arqueológico del yacimiento de Faro de Budiño (O Porriño, Pontevedra)”, *Munibe Antropologia-Arkeologia* (2020), <https://doi.org/10.21630/maa.2020.71.04> ; Mario Fernández-Pereiro, “Recintos Fortificados en Altura na costa atlántica galega. Estudo arqueolóxico” (Tesis doctoral, Universidade de Santiago de Compostela, 2018).

<sup>12</sup> Víctor Barbeito Pose, Ramón Fábregas Valcarce, Carlos Rodríguez Rellán, Ramón Blanco Chao, Manuela Costa-Casals, María Martín Seijo, Alexandre Paz Caamaño, Alfonso Fariña Costa, y Lino Gorgoso López, “Ocupación domésticas na Serra do Barbanza: Resultados preliminares”, *Gallaecia* 34 (2015): 125-158 ; Víctor Barbeito Pose, Ramón Fábregas Valcarce, Carlos Rodríguez Rellán, Alfonso Fariña Costa, Alexandre Paz Camaño, M<sup>a</sup> de los Ángeles López Taboada, Ana M<sup>a</sup> Suárez Piñeiro, Juan Manuel Abascal Palazón, Gonzalo Francisco Fernández Suárez, Gregorio Casado González, Alia Vázquez Martínez, y María Vanesa Mariño Calvo, “Do planalto ás terras baixas: novas achegas á ocupación da península do Barbanza dende a Prehistoria ata o Medieval”, *Gallaecia* 37 (2019): 1-38.

<sup>13</sup> Juan Antonio Quirós Castillo ed., *Los castillos altomedievales en el noroeste de la Península Ibérica*, (Bilbao: Universidad del País Vasco, 2012); Juan Antonio Quirós Castillo y Carlos Tejerizo-García, “Filling the Gap: Peasant Studies and the Archaeology of Medieval Peasantry in Light of the Northern Iberian Evidence”, *Journal of Agrarian Change* 21-2 (2021): 377-395. <https://doi.org/10.1111/joac.12393>.

<sup>14</sup> Iñaki Martín Viso, *op. cit.*, nota 6.

<sup>15</sup> José Carlos Sánchez Pardo, *op. cit.*, nota 2 ; José Carlos Sánchez Pardo, “Castros, castillos y otras fortificaciones en el paisaje sociopolítico de Galicia (siglos IV-XI)” en *Los castillos altomedievales en el noroeste de la Península Ibérica*, ed. Juan Antonio Quirós Castillo, 29-55 (Bilbao: Universidad del País Vasco, 2012); José Carlos Sánchez Pardo, “Power and Rural Landscapes in Early Medieval Galicia (400-900): Towards a Re-Incorporation of the Archaeology into the Historical Narrative: Power and Rural Landscapes in Early Medieval Galicia”, *Early Medieval Europe* 21-2 (2013): 140-168. <https://doi.org/10.1111/emed.12013> ; José Carlos Sánchez Pardo, “Organización eclesiástica y social en la Galicia tardoantigua. Una perspectiva geográfico-arqueológica del Parroquial Suevo”, *Hispania Sacra* 66-134 (2014): 439-480. <https://doi.org/10.3989/hs.2014.058> ; José Carlos Sánchez Pardo, “Sobre las bases económicas de las aristocracias en la Gallaecia suevo-visigoda (ca. 530-650 d.C). Comercio, minería y articulación fiscal”, *Anuario de Estudios Medievales* 44-2 (2014): 983-1023. <https://doi.org/10.3989/aem.2014.44.2.10>.

García<sup>16</sup>.

### 3. Fuentes

Las fuentes a emplear en el trabajo abarcan una amplia diversidad, desde fuentes textuales estudiadas y revisadas por historiadores (como los Tumbos del Archivo de la Catedral de Santiago de Compostela o el *Chronicon* de Hidacio), a restos arqueológicos de los diferentes yacimientos. Adicionalmente, se analizarían otro tipo de interesantes documentos como es el caso de los diversos productos cartográficos obtenidos a través de la fotografía aérea, el LiDAR o la propia cartografía histórica.

### 4. Metodología

La metodología se compondrá de una serie de pasos a ejecutar:

a) *Revisión bibliográfica, fuentes documentales altomedievales (la mayoría de ellas ya publicadas y sin necesidad de realizar trabajo de archivo), fuentes corográficas y estudios toponímicos*: análisis de toda la documentación arqueológica que se ha generado hasta el momento (literatura gris, informes, memorias, etc.) sobre los yacimientos rurales y urbanos para el área de estudio, que comprenderían los 7 municipios de la península: Lousame, Boiro, Rianxo, A Pobra de Caramiñal, Porto do Son, Noia y Ribeira. Dicha información se podría consultar tanto en la sede de la Dirección Xeral de Patrimonio Cultural como a través de las diferentes empresas e investigadores que hayan actuado en este espacio. Por otra parte, se ha de efectuar un estudio tanto de las formas de explotación del territorio que pudieran mencionar diferentes autores, así como de las actividades productivas tales como la ganadería o la pesca. Al hilo de esto último también se plantea el análisis de las diferentes crónicas tardorromanas (como p.ej. la del *Chronicon* de Hidacio), altomedievales (por ejemplo, Tumbo A del Archivo de la Catedral de Santiago) o incluso andalusíes (con autores como al-Himyari o Al Idrisi), pues pueden aportar información trascendental para entender la transformación acaecida entre los últimos pulsos del mundo romano y el desarrollo del modo de producción feudal. Respecto a las fuentes corográficas, podemos llegar a entender la estructuración altomedieval del territorio (con cuestiones tales como la red viaria o la

---

<sup>16</sup> Carlos Tejerizo-García, Celia Rodríguez-González, y Mario Fernández-Pereiro, “¿Continuidad o discontinuidad en los castros del noroeste? Una revisión de la secuencia del yacimiento de Viladonga (Castro de Rei, Lugo)”, *SPAL. Revista de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Sevilla* 28-2 (2019): 279-313. <https://doi.org/10.12795/spal.2019.i28.22> ; Carlos Tejerizo-García, *op. cit.* nota 11 ; Carlos Tejerizo García *et al.*, *op. cit.* nota 11; Carlos Tejerizo García, y Celia Rodríguez González, “Más allá de los *castella tutiora*: la ocupación de asentamientos fortificados en el noroeste peninsular (siglos IV-VI)”, *Gerión. Revista de Historia Antigua* 39-2 (2021): 717-745. <https://doi.org/10.5209/geri.78125>.

organización parroquial y eclesiástica a través de documentos tales como el *Parrochiale Suevorum*). También el análisis toponímico presenta una gran utilidad a la hora de dar pistas sobre poblamiento antiguo y medieval en la zona, haciendo uso de fuentes tales como el Catastro del Marqués de la Ensenada.

b) *Fuentes orales e informantes actuales*: acometer una serie de trabajos de tipo etnográfico en el entorno rural a través del contacto con las comunidades locales de la zona de estudio. Ello permitirá recopilar información relativa a cuestiones tales como leyendas, hallazgos fortuitos y demás, que podrían dar pistas sobre la ubicación de yacimientos arqueológicos, por ejemplo.

c) *Prospección superficial*: el objetivo principal es la documentación exhaustiva de los yacimientos ya conocidos y explorar otros espacios potencialmente interesantes para el objetivo propuesto. Concretamente, se plantean realizar prospecciones intensivas en los principales yacimientos objeto de estudio, así como prospecciones extensivas en territorios seleccionados dentro de la sierra de Barbanza con el objetivo de localizar nuevos contextos arqueológicos principalmente vinculados a entornos rurales en abierto (granjas y aldeas). Estas prospecciones se realizarán con equipos de 2-5 personas mediante *transects* variables (5 m. de separación en las prospecciones intensivas y de 10-15 m. en las prospecciones extensivas). La documentación se realizará con apoyo de material topográfico de precisión que permita la correcta localización de los entornos y su posterior volcado en bases digitales.

d) *Estudio de materiales arqueológicos*: tanto de las nuevas prospecciones y excavaciones como de los sitios exhumados de antiguo con la finalidad de: determinar la existencia de redes de intercambio; detectar si nos encontramos ante pautas de consumo autárquico o si es un sistema comercial y definir las diferentes fases cronológicas a través del estudio de las mismas producciones.

e) *Realización de excavaciones arqueológicas*: la ejecución de diversas excavaciones arqueológicas derivadas del trabajo previo de prospección en sitios de especial potencial para afrontar los objetivos de esta investigación, de cara a determinar de forma precisa distintos tipos de yacimiento para comprender mejor la articulación de las dinámicas de poder. Estas excavaciones consistirán en sondeos arqueológicos en entornos previamente seleccionados con el fin de documentar la secuencia estratigráfica de los sitios y determinar su cronología y secuencia de ocupación. En última instancia, estas excavaciones serán utilizadas para eventuales puestas en valor de los sitios trabajados y como fuente de divulgación del trabajo de investigación mediante visitas

guiadas, etc.

f) *Creación de una base de datos*: a través del uso de programas como Filemaker o PostgreSQL se crearán bases de datos específicas para yacimientos, materiales, etc. Además, se incorporarán bases de datos geoespaciales para el adecuado trabajo con los SIG.

g) *Uso de tecnologías geoespaciales y otras técnicas digitales*: por una parte, habrán de emplearse Sistemas de Información Geográfica, como es el caso del QGIS o ArcGIS de cara a: realizar un potente ejercicio de teledetección, así como diversos tipos de análisis espaciales (de rutas, altura, estadísticos, visibilidad, modelos predictivos, etc.) que permitan completar los trabajos más convencionales a nivel cartográfico. Por otra parte, se van a emplear otras técnicas digitales como la fotogrametría o el escáner láser, el LiDAR integrado en tabletas con rápidos modelados 3D. Ello nos permitirá trabajar en laboratorio, crear colecciones de consulta digital o incluso como herramienta de difusión de los resultados del proyecto, de cara a darse a conocer entre el público.

## **5. Estructura provisional del trabajo final**

Puesto que el proyecto se encuentra aún en proceso de creación, en una fase que podría ser caracterizada de «embrionaria», lo cierto es que a grandes rasgos sería divisible la tarea en varios apartados (que por supuesto, está sujeta a más que posibles cambios).

Para empezar, serían planteables una introducción a la temática de la tesis con el tema tratado, así como diferentes problemáticas a abordar en el mismo. Posteriormente, creo conveniente desarrollar unos capítulos donde se traten el *corpus* teórico, metodológico e histórico.

Tras esto, la segunda parte de la tesis la deberían componer capítulos de carácter analítico que versen sobre los yacimientos que van a ser objeto de estudio dentro de todo el proyecto, las diferentes labores de análisis espaciales a través de SIG que pudieran surgir y demás.

Finalmente, cabría destacar dos capítulos: el de discusión, donde se pongan los resultados obtenidos en relación con lo conocido hasta ahora y finalmente las conclusiones del propio trabajo.

## 6. Consideraciones finales

Hasta el momento y en base a las investigaciones efectuadas con motivo de la realización del Trabajo Fin de Máster (antesala de la tesis) se han extraído algunos datos e hipótesis al respecto de tres asentamientos fortificados del Barbanza: el Castelo de Vitres, el Castelo de San Mamede y el Castelo de Fruíme (Figuras 1 y 2).

Estamos trabajando con unas fortificaciones cercanas al mar que se encuentran a una altura relativa elevada, entre los 300 y 470 m.s.n.m., con dimensiones que rondan las 0,3 hectáreas de área, un potente control visual del entorno en cortas y medias distancias (incluso una especie de conexión visual entre ellas) y una ubicación estratégica controlando vías comunicación naturales. Por otra parte, presentaría técnicas constructivas donde predomina la mampostería irregular frente al uso mixto con sillares y sillarejos.

Por tanto, sus características formales parecen hablarnos de cierta planificación u organización social tras su construcción, siendo hipotetizable una posible simultaneidad cronológica. Además, se localizaron una serie de materiales muebles que podrían estar hablándonos del mundo altomedieval.

Su proximidad a núcleos urbanos importantes como Santiago e *Iria*, la frecuencia de ataques piráticos en la zona para estas fechas (Curto Adrados, 2017,) así como su ubicación estratégica frente a las rías permite plantear la existencia de una serie de élites regionales que buscan controlar de manera efectiva y consolidar su poder en el territorio a través de estos asentamientos. Ello conduciría a pensar que, hipotéticamente, responde a momentos en los que comienzan a desarrollarse estructuras de poder tales como serían los reinos feudales, a finales de la Alta Edad Media.

No obstante, aún existen muchas incógnitas que no podrán ser resueltas hasta la efectucción de excavaciones arqueológicas y otro tipo de investigaciones, planteadas en el marco del desarrollo de la propia tesis doctoral.



# La producción de textil y cuero en los siglos finales de al-Andalus (XIII-XVI): propuesta de investigación<sup>1</sup>

*Jorge Garrido López*<sup>2</sup>

**Universidad de Granada**

**Resumo:** En este trabajo se lleva a cabo una propuesta de investigación acerca de la producción de textil y cuero en el Reino Nazarí de Granada entre los siglos XIII y XVI. Explicar, justificar y detallar como se propone y desarrolla un estudio de estas características es fundamental para encontrar puntos de encuentro con otros trabajos, así como servir de referencia para nuevos investigadores que quieran aproximarse a estas metodologías y ámbito de investigación. Ofrecemos unos primeros objetivos principales junto con una visión general del panorama historiográfico actual en el que se enmarca el trabajo, además de una detallada explicación y selección de fuentes, documentales y arqueológicas, así como las metodologías empleadas.

**Palavras-chave:** Reino Nazarí de Granada, Producción, Textil, Cuero

**Abstract:** In this paper it is outlined a research project on the production of textiles and leather in the Nasrid Kingdom of Granada between the 13th and 16th centuries. Explaining, justifying, and detailing how a study of these characteristics is proposed and developed is essential to find common ground with other works, as well as serving as a reference for new researchers who want to approach these methodologies and research field. We offer some first main objectives, an overview of the current historiographical scene in which the work is framed, a detailed explanation and selection of documentary and archaeological sources, as well as the methodologies used.

**Keywords:** Nasrid Kingdom of Granada, Production, Textile, Leather

## 1. Introducción

Abordar cualquier estudio sobre la producción textil y de cuero durante la Edad

---

<sup>1</sup> Este trabajo ha sido elaborado en el marco del proyecto de investigación: "Industria y comercio en al-Andalus: siglos XII-XV" (P18-FR-2046) y como resultado parcial de una estancia de investigación en el Laboratoire de recherche Archéologie et Architectures (LARA) de la Université de Nantes entre febrero y abril de 2022 bajo la supervisión de Christine Mazzoli-Guintard, financiada por el Vicerrectorado de Internacionalización de la Universidad de Granada.

<sup>2</sup> Doctorando en el Programa de Historia y Artes de la Universidad de Granada y PDI del Departamento de Historia Medieval y Ciencias y Técnicas Historiográficas de la Universidad de Granada contratado a cargo del proyecto de investigación: "Industria y comercio en al-Andalus: siglos XII-XV" (P18-FR-2046).

Media pasa necesariamente por aceptar sin ambigüedad la importancia capital de este sector dentro de cualquier formación social de este periodo; y, por supuesto, no solo en el plano económico sino también en el social. Se trata de uno de los sectores productivos más emblemáticos y con más ramificaciones económicas al final de la Edad Media, en cualquier espacio y formación que participara de ese mundo y momento. Esto explica la enorme atención que se le ha prestado en los trabajos sobre economía medieval y la amplia tradición de estudios con que contamos al respecto en diferentes áreas, desde diferentes perspectivas, en cualquier momento del periodo medieval, sobre todo, para la Europa cristiana. Ello, sin embargo, no se ha traducido en un desarrollo simétrico y sistémico de nuestro conocimiento sobre esta actividad, ni siquiera en un área más restringida como es la Península Ibérica. De hecho, si nos referimos específicamente a al-Andalus, la realidad de nuestro conocimiento sobre estas actividades productivas es mucho más parcial y precaria, como posteriormente comprobaremos.

Así, partimos, por lo tanto, de una primera necesidad flagrante de aumentar nuestro conocimiento sobre el trabajo de los tejidos, esto es fibras textiles y cuero, en al-Andalus. Ahora bien, esta necesidad va más allá de intentar completar ciertas lagunas sobre este sector productivo concreto, ya que la intención de esta investigación es incorporar el conocimiento de dichas actividades productivas a un discurso general mucho más amplio acerca de la arquitectura económica nazarí. El estudio de trabajo del tejido supone la incorporación plena de esta faceta productiva, conocida, pero poco tratada en los estudios económicos de la sociedad andalusí, trascendiendo con ello la simple caracterización eminentemente agrícola que la ha marcado tradicionalmente. Por supuesto, no se duda de la fuerza del componente agrícola en la economía de al-Andalus, como en realidad ocurre con todos los sistemas económicos precapitalistas, pero no podemos obviar durante más tiempo que el Occidente islámico medieval, y en particular el espacio andalusí, contiene también en su economía un fuerte componente productivo, que más allá de ser mencionado sistemáticamente, debe ser estudiado en profundidad.

Por supuesto no es la producción de textil y cuero el único ámbito productivo que merece de la atención de los investigadores, ni mucho menos; ni tampoco es el espacio nazarí el único falto de estos estudios, aunque en este último caso sí es donde menos se han desarrollado. En cualquier caso, no podemos abordar la totalidad de expresiones productivas a lo largo de toda la historia de al-Andalus. Debemos elegir, y lo hacemos con una actividad, esta a la que ya hemos aludido y justificado por su extensión e importancia, y una época, la etapa final de la historia de al-Andalus, la época nazarí.

Esta elección cobra más sentido por el hecho de que esta investigación se desarrolla dentro del marco brindado por el Proyecto de Excelencia INCOME “Industria y Comercio en al-Andalus: siglos XII-XV” (P18-FR-2046), así como en el seno del Grupo de Investigación PRINMA “Producción, Intercambio y Materialidad en al-Andalus” (HUM 1035), donde se están desarrollando investigaciones sobre otras actividades productivas.

El Reino Nazarí de Granada será el espacio principal donde desarrollaremos nuestro estudio, junto con, de manera complementaria, el territorio de Murcia, en el marco cronológico comprendido entre los siglos XIII y XVI. Este escenario es idóneo para desarrollar una investigación de las características de la que aquí nos encargamos, no solo por presentar una continuidad hasta el final de la Edad Media, sino también porque este es un espacio donde hay constancia de que la producción de textil y cuero alcanza una gran extensión, pero sin embargo no conocemos de qué manera se lleva a cabo la misma.

Por otro lado, se trata de una producción que se mantiene en la zona con fuerza en los momentos posteriores a la conquista cristiana, permitiéndonos identificar todo un abanico de prácticas de adaptación, cambios y transformaciones por parte de estas actividades a la nueva realidad económica y social. Nos encontramos verdaderamente ante una sociedad en transición, para la cual las consecuencias que tiene esa transición en su faceta productiva quedan todavía sin estudiar.

Ni pretendemos ni podemos tratar todo el Reino de Granada, sino que hemos llevado a cabo una selección de espacios constituida mayoritariamente por las ciudades de Granada, Málaga, Almería, Antequera, Baza, Guadix y Almuñécar, añadiendo el caso de Murcia, fuera de las fronteras del reino, pero igualmente interesante por constituir un ejemplo de transición coetáneo al periodo de existencia del mundo nazarí, al pasar a manos cristianas e incorporarse, con ello, no solo a nuevos modelos sociales y productivos diferentes respecto a la realidad andalusí anterior, sino también a unas dinámicas económicas propias de esos escenarios precapitalistas a los que se iría incorporando también el mundo nazarí de manera progresiva; entendemos que el ejemplo murciano nos ayudará a identificar y entender algo mejor, la dirección que va asumiendo la realidad productiva nazarí.

Nos hemos centrado en el mundo urbano, ya que es donde podemos estudiar con mejores garantías los diferentes aspectos que pretendemos tratar, pero este hecho no significa que el espacio rural quede necesariamente excluido de nuestro análisis, de

ninguna manera. El análisis de la producción textil y de cuero no puede en ningún caso eludir que es en el mundo rural en el que se llevan a cabo las primeras fases de estos ciclos productivos y será desde el espacio rural desde donde se abastezca parte de la demanda urbana de materias primas para sus actividades productivas. Sin embargo, sí debemos tener en cuenta que nuestro trabajo incidirá en estos espacios rurales desde las ciudades en la mayoría de los casos, es decir, desde la documentación generada en las mismas sobre estas áreas.

Por otra parte, creemos conveniente justificar la selección de ciudades principales desde las que realizaremos nuestro análisis. Sin duda, la elección de Granada, Málaga y Almería queda clara por ser las principales ciudades del Reino Nazarí, y además las dos últimas, por constituir los principales puertos marítimos y sedes comerciales. Las ciudades restantes son de tamaño mediano, nos interesan en tanto en cuanto por un lado sirven de puntos intermedios de comunicación e intercambio comercial entre las tres grandes ciudades y sus áreas rurales circundantes<sup>3</sup>, y por otro tradicionalmente se les ha restado, o negado, importancia productiva en casi todos los sentidos.<sup>4</sup> Cada una de ellas tiene su especificidad: Antequera cae antes en manos cristianas que el resto del reino<sup>5</sup> por lo que nos permite ver, a través de la documentación cristiana de primera época, procesos que estarían llevándose a cabo presumiblemente en las demás ciudades; Baza y Guadix tienen un cierto peso independiente de la capital granadina, son la cabeza que centraliza un área mayor y tenemos noticias de la existencia de producciones textiles de cierta importancia, calidad y reconocimiento<sup>6</sup>; finalmente Almuñécar que se posiciona como el tercer puerto en importancia del espacio nazarí.<sup>7</sup>

Nuestro objetivo, en términos generales, es abordar de manera directa el vacío al que hacíamos referencia anteriormente, propiciado por la casi exclusiva atención

---

<sup>3</sup> María del Carmen Jiménez, “Una aproximación al desarrollo comercial en el Reino Nazarí: espacios y rutas” (PhD thesis, Universidad de Granada, 2021).

<sup>4</sup> Esta invisibilización de la faceta productiva es aún más sorprendente cuando disponemos de referencias documentales de sobra conocidas en ese sentido. Una buena síntesis precisamente acerca de la producción textil en Adela Fábregas, “The Textile Industry in al-Andalus” in *Textiles of Medieval Iberia: Cloth and Clothing in a Multi-Cultural Context*, ed. Gale R. Owen-Crocker *et alii* (Melton: Boydell & Brewer, 2022).

<sup>5</sup> La toma de Antequera por las fuerzas cristianas se produce finalmente el 24 de septiembre de 1410.

<sup>6</sup> “Las principales industrias de esta ciudad [Guadix] son las del hierro y la de la seda” Ibn al-Jaṭīb, *Mi’yār al-ijtiyār fī dīkr al-ma’āhid wa-l-diyār*, trad. Mohammed Kamal Chabana (Rabat: Instituto Universitario de la investigación científica de Marruecos, 1977), 131; “De ella [Baza] proceden las llamadas alfombras bastetanas” Yaḳūt, *La España musulmana en la obra de Yāqūt (s. XII-XIII): repertorio enciclopédico de ciudades, castillos y lugares de al-Andalus: extraído del Mu’jam al-buldān (Diccionario de los países)*, trad. Gamal ‘Abd al-Karīm (Granada: Universidad de Granada, 1974), 118.

<sup>7</sup> Carlos Toquero, *La ciudad de Almuñécar en el tránsito del mundo nazarí al castellano* (Granada: Alhulia, 2020).

recibida hasta ahora por una parte del sector textil, el dedicado a la elaboración de tejidos de lujo, principalmente de seda, haciendo de todas las demás fibras textiles nuestro principal objeto de estudio, esto es: algodón, cáñamo, lana, lino y esparto, junto, y prestando una especial atención, a la producción de cuero, que pese a la importancia productiva que alcanza en estos momentos y la marcada materialidad de los restos de sus espacios de trabajo, nos es prácticamente desconocida. Hacer frente a esta tarea implica, por tanto, el estudio y reconstrucción de los ciclos productivos vinculados a la elaboración de estos tejidos y materias, en el sentido más amplio del concepto, lo que incluye no solo el trabajo con estos materiales, sino también todas las industrias asociadas de manera secundaria a su elaboración.

Lo anterior no significa, por supuesto, que pretendamos desviar completamente nuestra atención de la seda. Sería un error ignorar una parte importante de este sector, pero somos conscientes de que goza de un mayor conocimiento y que en la actualidad se siguen desarrollando trabajos importantes sobre esta fibra textil. Aludiremos al trabajo con la seda en tanto en cuanto, por ser mejor conocida y disponer de más información, los procesos que se dan y los cambios que se producen en su ciclo productivo nos sirvan para ilustrar lo que está ocurriendo con las demás fibras.

Con la intención de poder llevar a cabo exitosamente nuestro objetivo principal y general, hemos de fijar de la misma forma unos objetivos concretos y específicos que nos ayuden a centrar nuestro trabajo. Debemos determinar las prácticas de captación, control y gestión de los recursos medioambientales necesarios para el desarrollo de las actividades productivas relacionadas con el textil y cuero; reconstruir el proceso de trabajo de cada una de las fibras, distinguiendo primero entre procesos principales y asociados, para posteriormente atender a toda una serie de cuestiones básicas como son la conceptualización, abastecimiento de materia prima y auxiliar, caracterización de medios de producción insertos dentro de dichos procesos y operaciones tecnológicas; analizar los modelos, agentes y espacios de trabajo, prestando especial atención a la caracterización y evolución de las formas así como condiciones sociales en las que se llevan a cabo estos procesos, la plasmación espacial de los mismos en el entorno urbano y los vínculos que se puedan detectar entre la evolución de estos procesos y el crecimiento de la capacidad comercial de estos territorios en un contexto amplio; y por último, identificar el impacto que tienen las circunstancias particulares de la incorporación de este espacio islámico a la nueva sociedad cristiana que lo asimila a finales de la Edad Media en la evolución de los procesos productivos, en la forma y el grado en que estas actividades textiles se adaptan a la nueva realidad y determinan el nuevo entorno que

se va creando.

## 2. Encuadramiento historiográfico

Para llevar a cabo una aproximación a como se han desarrollado hasta el momento los estudios acerca de la producción de tejidos durante la Edad Media en la Península Ibérica durante la Edad Media, tenemos que establecer una primera diferenciación básica prestando atención por separado a los reinos cristianos y a al-Andalus, puesto que tanto la evolución de los sectores productivos como el propio desarrollo historiográfico acusan algunas diferencias fundamentales.

El estudio del ámbito textil castellano experimentó, un cambio importante en los años setenta a partir de la aparición de la obra sobre la industria lanera de Cuenca llevada a cabo por Paulino Iradiel en 1974.<sup>8</sup> Al comienzo de su trabajo, el autor ofrecía una visión valiosa del panorama hasta ese momento de los estudios sobre la industria lanera, y textil en general, de la Península Ibérica, donde denunciaba la falta de estudios objetivos que no se limitarían a constatar las dos cuestiones que hasta el momento habían centrado la producción científica, a saber, la relación comercial entre esta industria y el norte de Europa, y, por otra parte, el conocimiento del ámbito gremial. Iradiel proponía entonces el primer trabajo que abandonaba esas sendas de manera exitosa, para realizar un estudio en el que quedaron patentes, no solo las grandes posibilidades del estudio del artesanado medieval, sino también la importancia de plantear un nuevo tipo de análisis que incluyese este tipo de reflexiones dentro de un marco más general sobre el desarrollo de los sistemas socioeconómicos.

Esa visión mucho más amplia de lo que podía significar el estudio de una actividad productiva como esta presidiría desde entonces cualquier aproximación al trabajo textil en el medievalismo ibérico cristiano. Se han desarrollado hasta la actualidad una gran y variada cantidad de estudios centrados en este aspecto productivo, atendiendo a diferentes tipos.<sup>9</sup> Estos son, primero, el análisis de los textos legislativos referentes a los oficios como son las ordenanzas<sup>10</sup>, entre los que destacamos la labor de María Isabel

---

<sup>8</sup> Paulino Iradiel, *Evolución de la industria textil castellana en los siglos XIII-XVI. Factores de desarrollo, organización y costes de la producción manufacturera en Cuenca* (Salamanca: Universidad de Salamanca, 1974).

<sup>9</sup> Germán Navarro, "Estudios sobre industria y artesanado en la España medieval," *Actas y comunicaciones del Instituto de Historia Antigua y Medieval* 8, (2012): 1-9.

<sup>10</sup> Una buena síntesis y balance general sobre las ordenanzas en: Miguel-Ángel Landero, "Las ordenanzas locales. Siglos XIII-XVIII," *En la España Medieval* 21, (1998): 293-337.



Falcón<sup>11</sup> y José Damián González Arce<sup>12</sup>, entre otros.<sup>13</sup> Un segundo tipo lo encontramos en los trabajos centrados en los procesos productivos, en los que los trabajos de Ricardo Córdoba de la Llave<sup>14</sup> merecen el calificativo de modélicos. Finalmente, los análisis de las artesanías y su relación, desde una perspectiva social, con las urbes medievales, los cuales se han venido desarrollando en el levante peninsular<sup>15</sup> principalmente desde el grupo de investigación que el propio Iradiel dirigió.<sup>16</sup>

Para al-Andalus, sin embargo, el panorama de estudios ha sido hasta el momento bien distinto y en todo caso bastante menos desarrollado. Los estudios sobre el ámbito textil y de cuero en al-Andalus han girado en torno a dos cuestiones fundamentales.<sup>17</sup> En primer lugar, la aproximación a los propios tejidos desde la materialidad de los restos conservados, de marcada suntuosidad, que ha condicionado el objeto principal de estudio, centrado en los tejidos de seda y olvidando otras producciones. Así se ha fijado la perspectiva prioritaria desde la que se han abordado los mismos, orientando estos trabajos hacia cuestiones estéticas y simbólicas<sup>18</sup>, a las que han acompañado algunas

---

<sup>11</sup> María Isabel Falcón, *Ordenanzas y otros documentos complementarios relativos a las Corporaciones de oficios en el reino de Aragón en la Edad Media* (Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 1997).

<sup>12</sup> José Damián González, “La organización de la producción textil y las corporaciones gremiales en las ordenanzas generales de paños castellanas (1494-1511),” *Anuario de Estudios Medievales* 18, no. 2 (2008): 707-759.

<sup>13</sup> Por ejemplo: Germán Navarro, “La tecnología sedera en Valencia a la luz de unas ordenanzas inéditas del siglo XV,” *Anuario de Estudios Medievales* 41, no. 2 (2011): 577-591; María Asenjo, “Transformación de la manufactura de paños en Castilla: las Ordenanzas Generales de 1500,” *Historia. Instituciones. Documentos* 18, (2018): 1-37.

<sup>14</sup> Ricardo Córdoba, *La industria medieval de Córdoba* (Córdoba: Caja Provincial de Ahorros de Córdoba, 1990); Ricardo Córdoba, *Los oficios medievales* (Madrid: Síntesis, 2017).

<sup>15</sup> Antonio Llibrer, “La formación de compañías para el tintado de paños: el caso de la Cocentina en el siglo XV,” *Anuario de Estudios Medievales* 41, (2011): 59-72; Antonio Llibrer, “Industria textil y desarrollo regional. La Vall d’Albaida y el Comtat en el siglo XV” (PhD thesis, Universidad de Valencia, 2010); Germán Navarro, “Industria y artesanado en Valencia, 1450-1525. Las manufacturas de seda, lino, cáñamo y algodón” (PhD thesis, Universidad de Valencia, 1995); Germán Navarro, “Las etapas de la vida en las familias artesanas de Aragón y Valencia durante el siglo XV,” *Aragón en la Edad Media* 18, (2004): 203-244.

<sup>16</sup> Trabajos con otras latitudes, pero con una metodología y objetivos muy parecidos: Francisco Sevillano, “Artesanía textil de la lana mallorquina: siglos XIV y XV,” *Bolletí de la Societat Arqueològica Lul·liana: revista d’estudis històrics* 33, (1972): 157-178; Ángel Santos, *La industria textil sedera de Toledo* (Cuenca: Universidad de Castilla La Mancha, 2010).

<sup>17</sup> Aunque encontramos algunos trabajos muy generales como, por ejemplo, el famoso Maurice Lombard, *Les textiles dans le monde musulman* (París: EHESS, 2002); o el también archiconocido Robert B. Serjeant, *Islamic Textiles. Material for a History up to The Mongol Conquest* (Beirut: Librairie du Liban, 1972), ambos por su amplitud tanto cronológica como espacial no son ni precisos ni exhaustivos en lo referente a Al-Andalus. También encontramos otros más recientes y específicos como Enrique López de Coca, “Las seda en el reino de Granada (Siglos XV-XVI),” in *España y Portugal en las rutas de la Seda. Diez siglos de producción y comercio entre Oriente y Occidente*, ed. Franch Benavent et al. (Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 1996); Adela Fábregas, “La seda en el reino nazarí de Granada” en *Las rutas de la seda en la historia de España y Portugal*, ed. Franch Benavent y Germán Navarro (Valencia: Universidad de Valencia, 2017): 39-63.

<sup>18</sup> Muy necesaria obra de síntesis: Laura Rodríguez and Francisco de Asís, *Arte y producción textil en el Mediterráneo Medieval* (Madrid: Universidad Complutense, 2019); también interesante entre muchos otros Laura Rodríguez, “Púrpura, Materialidad y simbolismo en la Edad Media,” *Anales de Historia*

aproximaciones técnicas<sup>19</sup> y referencias a hallazgos arqueológicos<sup>20</sup>, dejando en todo caso en un segundo plano los aspectos fundamentales vinculados a los procesos productivos.

Una segunda línea de trabajo ha subrayado la vertiente comercial de la producción textil andalusí.<sup>21</sup> Entre ellos destacamos, a modo de ejemplo y por la vinculación temporal con nuestro propio periodo de estudio, los trabajos dedicados recientemente a la producción de seda nazarí y su clara vinculación con los intereses comerciales marcados sobre la misma desde potencias económicas italianas a finales de la Edad Media como Florencia y Génova llevados a cabo por Adela Fábregas.<sup>22</sup> Siendo importante el tratamiento de estos aspectos, aún no ha quedado del todo mostrado el impacto que esta importante derivación comercial pudo tener en la reformulación productiva de la parte productiva de la sociedad nazarí o en una eventual evolución de las formas de trabajo asociadas a la misma.

Bien es cierto que recientemente se han comenzado a desarrollar trabajos desde otras perspectivas novedosas como es el estudio de la producción textil doméstica, a partir de reflexiones ligadas a la materialidad de estas actividades, pero con una cronología anterior y un espacio diferente al nuestro<sup>23</sup>, o bien en la aplicación de una serie

---

*del Arte* 1, (2014): 471-495.

<sup>19</sup> Sandra Saládrigas, “Los tejidos en Al-Andalus. Siglos IX-XVI: aproximación técnica” en *España y Portugal en las rutas de la Seda. Diez siglos de producción y comercio entre Oriente y Occidente*, ed. Franch Benavent *et al.* (Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 1996): 74-98; Laura Rodríguez, “La producción textil en al-Andalus: origen y desarrollo,” *Anales de Historia del Arte* 2, (2012): 265-279; Ana Cabrera, “Técnicas textiles en la Edad Media: elementos de estudio y evolución histórica,” *Diseño de moda: Teoría e historia de la indumentaria* 2, (2016): 7-18; Ana Cabrera, “Telas hispanomusulmanas: siglos X-XIII” en *V Semana de estudios medievales*, ed. José Ignacio de la Iglesia (Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 1995): 199-208; y la magnífica y reciente tesis de María Barrigón, “Vestirse para la muerte en el panteón de las Huelgas de Burgos: cultura textil en la Castilla plenomedieval. Un estudio del ajuar de Alfonso VIII y Leonor de Plantagenet” (PhD thesis, Universidad Complutense de Madrid, 2022).

<sup>20</sup> Manuel Retuerce, “El templén ¿primer testimonio del telar horizontal en Europa?,” *Boletín de arqueología medieval* 1, (1987): 71-78.; Manuel Retuerce, “Útiles medievales relacionados con la actividad textil procedentes de Calatrava la Vieja (Ciudad Real)” in *Arte y producción textil en el Mediterráneo Medieval*, ed. Laura Rodríguez and Francisco de Asís (Madrid: Universidad Complutense, 2019): 367-389., entre otros muchos.

<sup>21</sup> Enrique López de Coca, “Comercio exterior del reino de Granada” in *El reino de Granada en la época de los Reyes Católicos*, ed. Enrique López de Coca (Granada: Universidad de Granada, 1989): 129-180; mucho más general Olivia Remie, *Comercio y comerciantes en la España musulmana. La reordenación comercial de la Península Ibérica del 900-1500* (Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 1997).

<sup>22</sup> Adela Fábregas, “Mercaderes y judíos nazaríes. Una mirada al mundo de los negocios a finales de la Edad Media,” *Miscelánea de estudios medievales y hebraicos. Sección de hebreo* 68, (2019): 33-50; Adela Fábregas, “Colaboradores necesarios: comerciantes nazaríes y mercaderes extranjeros en el reino nazarí de Granada,” *eHumanista: Journal of Iberian Studies* 38, (2018): 116-130; Adela Fábregas, “El mercado interior nazarí: bases y redes de contactos con el comercio internacional,” *Hispania: Revista española de historia* 77, (2017): 69-90.

<sup>23</sup> José María Moreno, “Tejiendo en casa: actividades textiles y espacios domésticos en al-Andalus,” *Incipit* 9, (2020): 29-45; José María Moreno, “El telar horizontal y la casa: entre al-Andalus (ss.

de análisis a los restos conservados de estos tejidos para caracterizar su composición.<sup>24</sup>

Por su parte, los estudios acerca del cuero han sido mucho más escasos y no tan variados en sus aproximaciones. De hecho, prácticamente Ricardo Córdoba de la Llave ha sido el único autor que se ha preocupado de estudiar la producción de cuero medieval cristiana en la Península Ibérica.<sup>25</sup> El tímido avance en el estado de nuestro conocimiento acerca del ciclo productivo del cuero actualmente se lleva a cabo a partir de la publicación de los resultados de intervenciones arqueológicas, en su amplia mayoría de urgencia o urbanas, donde se hallan restos asociados a tenerías<sup>26</sup>. Esto constituye solamente un primer paso, por otro lado necesario, pero que sin duda no aprovecha el enorme potencial de investigación que tiene la producción de este material.

Estas han sido las principales y generales líneas de trabajo desarrolladas hasta el momento en las que el textil y cuero ha constituido de una u otra manera el objeto principal de estudio. Han supuesto sin duda una evolución de nuestro conocimiento, aún incompleto, sobre la industria textil y del cuero, pero no han dejado tan claramente marcado el espacio de la producción de tejido en la arquitectura económica general de al-Andalus, ni concretamente del Reino Nazarí. Por lo tanto, encontramos la situación actual en pleno desarrollo, y sin desmerecer las necesarias aportaciones mencionadas, de las cuales partimos y sin las que no seríamos capaces de realizar una investigación como la que presentamos, este panorama adolece de importantes lagunas como hemos

---

XII-XIII) y el presente,” *ArkeoGazte: Revista de arqueología* 9 (2019): 101-119.

<sup>24</sup> Un ejemplo reciente: Enrique Parra, “Caracterización de materiales de tejidos medievales hispanos” in *Arte y producción textil en el Mediterráneo Medieval*, ed. Laura Rodríguez y Francisco de Asís (Madrid: Universidad Complutense, 2019): 347-366. Imprescindible trabajo en Pilar Borrego *et al*, “Caracterización de materiales y análisis técnico de tejidos medievales,” *Ge-conservación* 12 (2017): 6-30.

<sup>25</sup> Entre toda su producción destacamos Ricardo Córdoba, “Cuatro textos de literatura técnica medieval sobre el trabajo del cuero,” *Merides, Revista de Historia Medieval* 5-6, (2002): 171-204; Ricardo Córdoba, “Técnicas de curtido y zurrado del cuero en Aragón y Castilla a fines de la Edad Media. Estudio comparativo” en *El món urbà a la Corona d’Aragó del 1137 als decrets de Nova Planta*, ed. Salvador Claramunt (Barcelona: Universitat de Barcelona, 2003): 309-322; Ricardo Córdoba, “El zumaque, planta mediterránea, curtiente y tinte en la España Medieval” in *Castilla y el mundo feudal: homenaje al profesor Julio Valdeón*, ed. María Isabel del Val, Pascual Martínez y Julio Valdeón (Valladolid: Universidad de Valladolid, 2009): 455-468; Ricardo Córdoba, “Las materias primas de origen animal y su empleo en la actividad productiva hispana a fines de la Edad Media” in *Els animals a l’edat mitjana. XXI Curs d’Estiu Comtat d’Urgell* ed. Flocel Sabaté y Maite Pedrol (Lleida: Pagès editors, 2018): 93-109; además se encargó de coordinar el único evento científico dedicado enteramente al trabajo de esta materia Ricardo Córdoba, *Mil años del trabajo del cuero: actas del II Simposium de Historia de las Técnicas* (Córdoba, Litopress, 2003).

<sup>26</sup> Un trabajo recopilatorio para el territorio andaluz en José Rodríguez, “Tenerías de Andalucía a finales de la Edad Media” in *Mil años del trabajo del cuero: actas del II Simposium de Historia de las Técnicas* ed. Ricardo Córdoba (Córdoba: Litopress, 2003): 9-66; Ricardo Izquierdo, “Unas tenerías excavadas en la ciudad hispanomusulmana de Vascos (Toledo),” *Arqueología y Territorio Medieval* 3 (1996): 149-166; Julián García, “El agua y curtido de la piel: Las tenerías medievales”, in *El agua en Toledo y su entorno*, ed. Rebeca Rubio, Jean Passini, Ricardo Izquierdo (Toledo: Ediciones Institucionales, 2018): 327-347; Jorge Garrido, “El trabajo del cuero en la Málaga del final del siglo XV y principios del siglo XVI: caracterización y transformaciones”, *en prensa*.

tratado de mostrar.

### 3. Fuentes

Llevar a cabo un trabajo de estas características requiere del uso y manejo de una importante variedad de fuentes de información por dos motivos fundamentalmente. El primero de ellos es la escasa información disponible en las diferentes fuentes acerca de los procesos productivos que hace improductivo, nunca mejor dicho, restringir el análisis a un solo paquete de fuentes, algo que por otra parte es frecuente e incluso recomendable en según qué ámbitos de la investigación. El segundo de ellos es que nuestra intención es obtener una visión lo más poliédrica posible acerca de unas actividades productivas que no solo tienen una importantísima extensión en la época y espacio que tratamos, sino que también se organizan y articulan en diferentes escalas y con diferentes fines. Por lo tanto, la selección que detallamos a continuación va dirigida a proveernos de ese caleidoscopio de aproximaciones que perseguimos, y sin duda necesitamos.

#### 3.1. Fuentes árabes editadas<sup>27</sup>

Las primeras obras tratadas fueron, como no puede ser de otra manera, los diferentes tratados agronómicos existentes para la tierra de al-Andalus.<sup>28</sup> Se trata de textos que nos introducen en una agricultura ideal con fines didácticos, dirigida claramente al campesinado, que detallan minuciosamente todas las tareas y técnicas llevadas a cabo en el cultivo, siempre con una notable inclinación a la transmisión de usos y costumbres pasadas. Aunque disponemos de obras anteriores, será durante el s. XI y XII cuando se produzca la verdadera eclosión de las obras agronómicas andalusíes, sin lugar ligada a dudas a la creciente racionalización de la gestión de las propiedades y su producción que emana de la descentralización producida a través del surgimiento de los distintos Reinos de Taifas.<sup>29</sup> Uno de los aspectos que hacen estas obras interesantes para el estudio que llevamos a cabo es que a través de ellas podemos identificar cómo

---

<sup>27</sup> Esta detallada selección no podría haber sido posible sin la ayuda del profesor Antonio Peláez Rovira, al cual le estoy muy agradecido.

<sup>28</sup> Ibn al-'Awwâm, *Le livre de l'agriculture*, trad. Jean Jacques Clément (Paris: Librairie A. Franck, 1864); María Ángeles Navarro (trad.) *Risala fi awqat al-sana: un calendario anónimo andalusí* (Granada: Escuela de Estudios Árabes, 1990); Ibn Luyun, *Tratado de agricultura*, trad. y ed. Joaquina Eguaras (Almería: Universidad de Almería, 2014); Charles Pellat and Reinhart Dozy (trad.), *Le Calendrier de Cordoue* (Leiden: Brill, 1961); Abū l-Khayr, *Tratado de agricultura*, trad. Julia Carabaza (Madrid: AECE-ICMA, 1991); Julia Carabaza, *Ibn Hajjâj: al-Muqni', fi l-filâha. Introducción, estudio y traducción con glosario* (PhD thesis, Universidad de Granada, 1988); Ibn Baṣṣâl, *Libro de Agricultura*, trad. y ed. José Millás y Mohamed Aziman (Tetuán, 1955); Al-Tignarî, *Esplendor del jardín y recreo de las mentes*, trad. y ed. Expiración García (Madrid: CSIC, 2006).

<sup>29</sup> Lucie Bolens, *Agronomes andalous du Moyen-Age* (Ginebra: Librairie Droz, 1981): 2-11.

se introducen nuevos cultivos susceptibles de ser comercializados u otros denominados asiduamente como “cultivos industriales” que vendrían a suponer los distintos cultivos que tienen una clara vinculación con ciertas actividades productivas.

Otro de los géneros totalmente ineludibles para nuestro trabajo son los tratados de Hisba.<sup>30</sup> Estos no son otra cosa una especie de guía para los futuros almotacenes, es decir, encargados de velar por el funcionamiento del zoco, en las que se recogían especificaciones y consejos para el buen desempeño de sus funciones, así como los fraudes, engaños y problemas más frecuentes a los que se tendrán que enfrentar en el transcurso de estas por parte de comerciantes y artesanos. Por lo tanto, a través de las advertencias y apreciaciones sobre cómo debería organizarse y administrarse el zoco, nos revela indirectamente cómo es la situación diaria realmente.<sup>31</sup>

Las recopilaciones de fatwās<sup>32</sup> suponen igualmente una fuente extraordinaria de información para el estudio de la producción de textil y cuero que nos ocupa. Las fatwas son consultas llevadas a cabo a un muftī, es decir, un jurisconsulto concreto, por parte de una persona que alberga dudas sobre lo lícito de cualquier menester que le competa. La consulta, por supuesto, se expresa en forma de una pregunta a la cual el muftī responde de acuerdo a su juicio como experto jurídico, el cual sin duda debe estar fundamentando, ya sea en precedentes o principios de la escuela jurídica a la que pertenecen. Normalmente además de la propia respuesta, se agregan diversas apreciaciones, ejemplos, generalidades o referencias a otros expertos, constituyendo este conjunto la fatwā. La increíble utilidad de las recopilaciones de estos dictámenes es, además del propio estudio del derecho y jurisprudencia islámica, que reflejan problemáticas y escenarios reales que ocurren en un tiempo y lugar concreto.<sup>33</sup>

De la misma manera, el manejo de actas notariales es completamente

---

<sup>30</sup> Ibn ‘Abd al-Ra’ūf, *Córdoba a mediados del siglo X*, trad. y ed. Pedro Chalmeta (Almería: Fundación de Ibn Tufayl de Estudios Árabe, 2020); Ibn-‘Abdun, *Sevilla a comienzos del siglo XII*, trad. y ed. Évariste Levi-Provençal y Emilio García (Sevilla: Fundación Cultural del Colegio Oficial de Aparejadores, 1998); Al-Saqaṭī al-Mālaqī, *El buen gobierno del zoco*, trad. y ed. Pedro Chalmeta (Almería: Fundación Ibn Tufayl de Estudios Árabes, 2014); Robert Serjeant, “A Zaidi manual of hisbah of the 3rd century,” *Rivista degli studi orientali* 28 (1953): 1-34; ‘Abd al-Raḥmān b. Naṣr al-Šayzarī, *The Book of the Islamic Market Inspector*, trad. Ronald Buckley (Oxford: Oxford University Press, 2000); George Wickens, “Al-Jarsīfī on the ḥisba,” *Islamic Quarterly* 3 (1956): 176-187.

<sup>31</sup> Pedro Chalmeta, *El zoco medieval. Contribución al estudio de la historia del mercado* (Almería: Fundación Ibn Tufayl de Estudios Árabes, 2010).

<sup>32</sup> Al-Wanšarīsī, *Histoire et société en occident musulman au moyen âge*, trad. Vicent Lagardère (Madrid: Casa de Velázquez, 1995); José López, “Fatwas granadinas de los siglos XIV y XV,” *Al Andalus* 6 (1941): 73-127; María Calero, “Una aproximación al estudio de las fatwās granadinas: los temas de las fatwās de Ibn Sirā’ en los Nawāzil de Ibn Tarkāt” in *Homenaje al prof. Darío Cabanelas Rodríguez I* (Granada: Universidad de Granada, 1987): 189-202.

<sup>33</sup> Émilie Tyran, Fatwā in *Encyclopédie de l’Islam*, ed. Peri Bearman et al. (Leiden: Brill, 2007): 886.

recomendado puesto que nos abren una ventana directa a la realidad diaria del momento, mediante los diferentes contratos de compraventa, arrendamientos, dotes, testamentos, y otras modalidades de escrituras notariales. La variedad y riqueza de la información contenida en esta documentación es abrumadora. Podemos informarnos así de transacciones, prestamos u arrendamientos de determinados textiles, su precio y condiciones, arrendamientos, compras o incluso traspasos de instalaciones artesanales y herramientas relacionadas con estas actividades, etc. Desgraciadamente la cantidad de las actas notariales editadas es escasa, también lo es su propia conservación, por lo que junto con el estudio de las publicadas<sup>34</sup>, hemos optado también por manejar los llamados formularios de actas notariales.<sup>35</sup> Estos suponen auténticas guías de cómo debe ser una escritura notarial de cada tipo, explicando diferentes posturas, tradiciones y proveyendo al lector de modelos en los que solamente debe cumplimentar los datos de los interesados.

Por último, tenemos una detallada selección de crónicas y literatura de viajes de entre el s. XIII y XV.<sup>36</sup> Si bien se trata de obras que han sido largamente y su contenido es de sobra conocido por parte de los investigadores, no se ha llevado a cabo, sorprendentemente, un ejercicio de recopilación sistemática de los datos acerca de las

---

<sup>34</sup> Luis Seco de Lucena, *Documentos árabe-granadinos* (Madrid: Instituto de Estudios Islámicos, 1961); Luis Seco de Lucena, "Escrituras árabes de la Universidad de Granada," *Al-Andalus* 35 (1970): 315-354; Luis Seco de Lucena, "Actas notariales arabigogranadinas," *Miscelánea de Estudios Árabes y Hebraicos* 2 (1953): 99-107; Amalia Zomeño, "Del escritorio al tribunal. Estudio de los documentos notariales en la Granada nazarí" in *Grapheion: códices, manuscritos e imágenes*, ed. Juan Monferrer and Manuel Marcos (Córdoba: Universidad de Córdoba, 2003): 75-98; Emilio de Santiago, "Algunos documentos árabe-granadinos romanceados del Archivo Municipal de Granada," *Revista del Centro de Estudios Históricos de Granada y su Reino* 1 (1987): 261-270.

<sup>35</sup> Ibn al-‘Attar, *Formulario notarial y judicial andalusí*, trad. y ed. Pedro Chalmeta y Marina Marugán (Madrid: Fundación Matritense del Notariado, 2000); Aḥmad b. Muḡīṭ al-Ṭūlayṭī, *Formulario notarial*, trad. y ed. Francisco Aguirre (Madrid: CSIC, 1994); Al-Ġazīrī, *Proyecto Plausible de Compendio de Fórmulas Notariales*, trad. y ed. Asunción Ferreras (Madrid: CSIC, 1998).

<sup>36</sup> Arsenio Cuellas, *Al-marqaba al-‘ulyà de Al-Nubāhī: edición y traducción parcial* (Phd thesis: Universidad de Granada, 1983); al-Himyārī, *La Péninsule Ibérique au Moyen Âge*, trad. Évariste Lévi-Provençal (Leiden: Brill, 1938); Ibn ‘Idārī, *Histoire de l’Afrique du Nord et de l’Espagne musulmane* trad. Edmond Fagnan (Argel: Typographie Adolphe Jourdan, 1898); Al-Idrīsī, *Description de l’Afrique et de l’Espagne*, trad. and. ed. Reinhart Dozy (Leiden: Brill, 1968); Ibn Battuta, *A través del Islam*, trad. and. ed. Federico Arbós and Serafín Fanjul (Madrid: Editora Nacional, 1981); Ibn al-Jatib, *Historia de los reyes de la Alhambra*, trad. José María Casciaro and ed. Emilio Molina (Granada: Universidad de Granada, 1998); Ibn Marzuq, *El Musnad: hechos memorables de Abu l-Hasan, sultán de los Benimerines*, trad. and. ed. María Viguera (Madrid: Instituto Hispano Árabe de Cultura, 1977); Carlos Quirós, *Fragmento de la época sobre noticias de los reyes nazaritas o capitulación de Granada y emigración de los andaluces a Marruecos* (Tetuán: Centro de Estudios Marroquíes, 2002); Al-Bakri, *Geografía de España*, trad. Eliseo Vidal (Zaragoza: Anubar, 1982); Manuel Sánchez, "La cora de Ilbira (Granada y Almería) en los siglos X y XI, según al-Udrī (1003-1085)," *Cuadernos de Historia del Islam* 7 (1976): 5-82; Yāqūt, *Repertorio enciclopédico de ciudades, castillos y lugares de al-Andalus*, trad. Gamāl Abd Al-Karīm (Granada: Universidad de Granada, 1974); Ibn Ḥawqal, *Configuración del mundo: fragmentos alusivos al Magreb y España*, trad. Abu-l-Qasim Muhammad (Valencia: Anubar, 1971); Francisco Franco, "El reino nazarí de Granada según un viajero mudéjar almeriense. Ibn As-Sabbah," *Sharq Al-Andalus: Estudios mudéjares y moriscos* 13 (1996): 203-224; Emilio García, "Paragón entre Málaga y Salé," *Al-Andalus* 1 (1934): 183-198.

producciones de textil y cuero, no solo tratando de ubicarlos en el espacio<sup>37</sup>, sino también de llevar a cabo reflexiones de mayor calado.

### **3.2. Fuentes cristianas editadas**

Las relaciones de Bienes Habices<sup>38</sup> nos proporcionan una detallada lista de inmuebles, instalaciones artesanales y otros edificios urbanos cuyo uso o usufructo ha sido cedido y destinado inicialmente a un determinado fin piadoso. La gran mayoría de estos bienes estaban dedicados al mantenimiento de edificios religiosos, murallas, puentes y otros gastos públicos que revertían de alguna forma en la propia población.<sup>39</sup> Si bien es cierto que su nacimiento radica en la caridad, fueron usados de forma paralela para proteger y mantener dichas propiedades en el seno de la familia, puesto que tienen la característica de ser inalienables.<sup>40</sup>

Cuando se produce la toma de la ciudad de Granada por los Reyes Católicos, estas fundaciones pías se mantienen conforme a lo que se había suscrito en las Capitulaciones<sup>41</sup>; continuarán su labor hasta que después de la revuelta de 1499, en 1502, se suprime el pacto que habían supuesto aquellas capitulaciones, quebrando así todo lo que quedaba de la estructura islámica en la ciudad y perdiendo, por lo tanto, su fin primordial. Este hecho es el que propicia la elaboración de las relaciones de Bienes Habices que manejamos, siendo estas nada más que libros de registro de las propiedades que hasta el momento habían mantenido ese estatus para proceder a su organización y reasignación tanto a iglesias de la capital como al propio Cabildo, entre otras instituciones.

De la misma manera, hemos utilizado el Libro de la Renta de la Hagüela de 1505, que detalla la relación de bienes sobre los que se debe pagar una cantidad que, perteneciendo al sultán nazarí, pasa a patrimonio de los Reyes Católicos después de la conquista de la ciudad, sin embargo, en 1497, la cuarta parte de la dicha renta es cedida a la ciudad, esa cuarta parte es la que aparece reflejada en la Renta de la Hagüela.<sup>42</sup> Junto

---

<sup>37</sup> Algunos ejercicios de ubicación en Lombard, *Les textiles dans le monde musulman*; Serjeant, *Islamic Textiles*.

<sup>38</sup> Carmen Villanueva, *Habices de las mezquitas de la ciudad de Granada y sus alquerías* (Madrid: CSIC, 1961); Carmen Villanueva, *Mezquitas y tiendas de los habices de las Iglesias de Granada* (Madrid: CSIC, 1966); Pedro Hernández, *La Vega de Granada a fines de la Edad media según las rentas de los Habices* (Granada: Diputación de Granada, 1990).

<sup>39</sup> María Carballeira, *Legados píos y fundaciones familiares en Al-Andalus (siglos IV/X-VI/XII)* (Madrid: CSIC, 2002); Alejandro García, *Hasta que Dios herede la tierra. Los bienes habices en Al-Andalus (siglos X-XV)* (Huelva: Universidad de Huelva, 2002).

<sup>40</sup> Amy Singer, *Chanta in Islamic Societies* (Cambridge: Cambridge University Press, 2008).

<sup>41</sup> Miguel Garrido, *Las capitulaciones para la entrega de Granada* (Granada: Paulino Ventura, 1910).

<sup>42</sup> Magnífico trabajo sobre la fiscalidad castellana después de la conquista de Granada Ángel

a este, incluimos los dos libros disponibles sobre la Renta de los Castillos Fronteros, el primero de 1506 y el segundo de 1537, renta que supera su nomenclatura e incluye registros tocantes al mantenimiento de la Madraza o de determinados aljibes entre otros edificios públicos. Por último, en este conjunto, la cuenta de los bienes inmuebles acensuados entre 1513 y 1527.<sup>43</sup>

Por supuesto, tratándose nuestro ámbito de estudio de actividades productivas, no podemos obviar el uso de las ordenanzas municipales.<sup>44</sup> Estos textos, que en cierto modo primero completan y luego suceden a los antiguos Fueros, recopilan una amplia serie de normas, emanadas de las resoluciones del cabildo, que tocan en su mayoría, aunque no únicamente, a aspectos laborales y comerciales de un determinado lugar.<sup>45</sup> Suelen disponer de una misma estructura que comienza con el enunciado de una prohibición o la obligación de actuar de una determinada manera, junto con la sanción para el infractor. Así nos ofrecen una reglamentación muy detallada sobre determinadas cuestiones relativas a la producción artesanal, tales como la manera en que deben hacerse tal o cual producto, especificaciones técnicas sobre las instalaciones productivas, formas de comercialización, etc.<sup>46</sup>

En nuestra selección hemos incluido las Actas del Cabildo de las distintas ciudades del Reino de Granada<sup>47</sup> puesto que, siendo este el órgano encargado del gobierno de la ciudad, en sus distintas sesiones se discuten, y quedan recogidos en estas actas, muy diversos temas referentes al funcionamiento de la ciudad. Nos son especialmente

---

Galán, Rafael Peinado, “De la madina musulmana al concejo mudéjar. Fiscalidad regia y fiscalidad concejil en la ciudad de Granada tras la conquista castellana” in *Fiscalidad de Estado y fiscalidad municipal en los reinos hispánicos medievales* ed. Manuel Sánchez, Danis Menjot (Madrid: Casa de Velázquez, 2006): 197-236.

<sup>43</sup> Todos estos libros se editaron juntos en una muy necesaria obra: María Amparo Moreno, Juan María de la Obra, Osorio Pérez, *Los libros de rentas municipales de la ciudad de Granada en el siglo XVI* (Granada: Universidad de Granada, 2015).

<sup>44</sup> José López, *Las Ordenanzas de Granada: libro jurídico e historia institucional (Estudio preliminar de la edición facsímil de las Ordenanzas de Granada de 1552)* (Granada: Ayuntamiento de Granada, 2000).

<sup>45</sup> Pedro Porras, “Las Ordenanzas Municipales: sus orígenes, contenidos y posibilidades de investigación,” *Vasconia* 36, (2009): 19-35; Miguel Ladero, “Las ordenanzas locales. Siglos XIII-XVIII,” *En la España Medieval XXI*, (1998): 85-108.

<sup>46</sup> Sus amplísimas posibilidades ya han sido demostradas en lo referente a la producción textil: Germán Navarro, “La tecnología sedera en Valencia a la luz de unas ordenanzas inéditas del siglo XV,” *Anuario de Estudios Medievales* 41/2, (2011): 577-591; María Asenjo, “Transformación de la manufactura de paños en Castilla. Las Ordenanzas Generales de 1500,” *Historia. Instituciones. Documentos* 18, (1991): 1-38; José González, “La organización de la producción textil y las corporaciones gremiales en las ordenanzas generales de paños castellanas,” *Anuario de Estudios Medievales* 38/2, (2008): 707-759.

<sup>47</sup> María Moreno, *La memoria de la ciudad: El primer libro de actas del Cabildo de la ciudad de Granada (1497-1502)* (Granada: Universidad de Granada, 2006); María Guerrero, *La memoria de la ciudad: El segundo libro de actas del Cabildo de Granada (1512-1516)* (Granada: Universidad de Granada, 2008); José Ruiz, *Primer Libro de Actas de Cabildo del Ayuntamiento de Málaga (1489-1494): Estudio y Edición* (Málaga: Fundación Unicaja, 2016).



interesantes las noticias referentes a las transformaciones urbanísticas relacionadas con las actividades productivas que comienzan a sufrir las ciudades momentos después de su conquista por las fuerzas cristianas.<sup>48</sup>

Por último, tratamos los Libros de Repartimiento y Apeo disponibles para el Reino de Granada.<sup>49</sup> El estudio de los distintos repartimientos y el fenómeno repoblador surgido como respuesta al problema demográfico y económico derivado de las importantes extensiones de territorio conquistadas a lo largo del s. XIII tanto por Castilla como por Aragón ha suscitado una considerable producción científica, comenzada por Julio González con su edición del Repartimiento de Sevilla.<sup>50</sup> Estas obras reflejan una nueva ordenación del territorio en base a las necesidades que la Corona estima que cada territorio tiene; es, por tanto, un conjunto de disposiciones sobre diversos aspectos económicos y sociales que afectan directamente a la vida de los nuevos repobladores y a la escasa población que se mantiene, además del correspondiente reparto de posesiones entre la nueva población<sup>51</sup>, hecho que nos proporciona cierta idea de la imagen que presentaba la ciudad en sus últimos momentos antes de la conquista cristiana.

### **3.3. Fuentes cristianas inéditas**

La consulta y vaciado de los Archivo Histórico Provincial tanto de Granada, Málaga y Almería es completamente fundamental puesto que en ellos encontramos diferentes fondos susceptibles de contener información interesante referente a las actividades productivas que nos ocupan. Así encontramos, por ejemplo, en el caso de Granada, el fondo del Real Fisco de la Inquisición que conserva documentación desde 1473 hasta 1840, y aunque se centra en el funcionamiento interno y económico de la institución, también encontramos expedientes dedicados a la gestión de los inmuebles confiscados, así como inventarios de bienes, que nos aportan información crucial acerca de la morfología de talleres, tiendas y casas de artesanos, además de sus posesiones. En el caso de las provincias de Málaga y Almería, estos Archivos recogen también los

---

<sup>48</sup> Un ejemplo de esto lo constituyen las diversas transformaciones y traslados que sufren las tenerías en la ciudad de Málaga durante finales del s. XV y principios del s. XVI. Jorge Garrido, *El trabajo del cuero en la Málaga del final del siglo XV y principios del siglo XVI*.

<sup>49</sup> Francisco Bejarano, *Los Repartimientos de Málaga* (Málaga: Universidad de Málaga, 1985); María Martín, *Los repartimientos de Vélez Málaga* (Granada: Universidad de Granada, 2005); Cristina Segura, *El libro de repartimiento de Almería, Estudio y edición* (Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1982); Juan Jiménez, *El libro de Repartimiento de Vera* (Almería: Instituto de Estudios Almerienses, 1994); Cristóbal Torres, *Baza: capital del altiplano* (Ogíjares: Día, 2003); Francisco Alijo, *Antequera y su tierra* (Granada: Editorial Arguval, 1984); Pedro Arroyal, *El repartimiento de Torrox* (Granada: Universidad de Granada, 2006), entre otros.

<sup>50</sup> Julio González, *Repartimiento de Sevilla* (Madrid: CSIC, 1951).

<sup>51</sup> Cristina Segura, "Los Repartimientos Medievales andaluces. Estado de la cuestión," *Anuario de Estudios Medievales* 12 (1982): 625-639.

protocolos notariales de las distintas poblaciones, interesándonos el uso únicamente de los más antiguos, a saber: Málaga y Almería capital, Marbella y Vélez Málaga.

Las escrituras notariales de la provincia de Granada, en su mayoría se encuentran en el Archivo Histórico Notarial de Granada.<sup>52</sup> Esta documentación, que contiene el mismo tipo de información que las actas notariales árabes a las que nos referíamos anteriormente, nos permite aproximarnos a la cotidianeidad de la ciudad de Granada con una información viva, real y veraz<sup>53</sup>, en la que, a diferencia de lo que ocurre con otras familias documentales como las Ordenanzas Municipales o Actas del Cabildo, se nos traslada lo que efectivamente está ocurriendo, y no lo que debería ocurrir. Además, al tratarse de una documentación abundante, homogénea y continuada, es susceptible de emplearse en análisis estadísticos, los cuales, no sin su problemática propia, se han llevado a cabo en algunas ciudades.<sup>54</sup> Más allá de poder establecer cuáles son las principales actividades productivas que se desarrollan en la ciudad de Granada y dónde se encuentran, el manejo de estas escrituras nos permite tener constancia de prácticas relacionadas con los productores como grupo social, pudiendo caracterizarlos, identificar prácticas de trabajo, asociaciones, recurso al crédito, diversificación de capitales, etc.<sup>55</sup>

El Archivo de la Real Chancillería de Granada contiene entre sus numerosísimos fondos el de la Real Audiencia y Chancillería de Granada, tribunal territorial de justicia trasladado a Granada en 1505 desde Ciudad Real, teniendo la jurisdicción de todos los territorios al sur del Tajo, quedando los del norte asignados a la Chancillería de Valladolid, creada en 1489. En concreto prestamos atención a la Sección de Pleitos, donde el carácter de tribunal de apelación del que disponía la Chancillería hacía que se elevaran distintas causas y quedaran recogidas. Así, encontramos numerosos pleitos referentes a la producción de textil y cuero que nos introducen en problemas de muy distinta índole permitiéndonos conocer muy bien ciertos aspectos de estas actividades.<sup>56</sup>

---

<sup>52</sup> Amalia Pedraza, “El Archivo Histórico de Protocolos de Granada,” *Chronica Nova: Revista de historia moderna de la Universidad de Granada* 35, (2009): 419-437.

<sup>53</sup> Una reflexión en torno a las posibilidades de este tipo de documentación con respecto al estudio de las técnicas: Ricardo Córdoba, “Aportación de los archivos de protocolos a la arqueología industrial de época medieval,” *I Jornadas d’Arqueologia Industrial de Catalunya*, (1991): 16-21.

<sup>54</sup> Ricardo Córdoba, “Distribución sectorial de los artesanos cordobeses del siglo XV,” *Actas del II Congreso de Historia de Andalucía*, (1994): 307-313; Jorge Garrido, “Artesanía al final de la Edad Media en Granada: Una aproximación,” *Arqueología y Territorio* 17, (2020): 173-188.

<sup>55</sup> Jorge Garrido, “Una aproximación al sector textil en la Granada Bajomedieval,” *Revista del Centro de Estudios Históricos de Granada y su Reino* 34, (2022): 87-122.

<sup>56</sup> Un ejemplo de ello conocido desde hace tiempo: María Cabrera y Carlos Vílchez, “Un pleito sobre las tenerías de Madinat Garnata en 1514,” *Revista del Centro de Estudios Históricos de Granada y su Reino* 26, (2014): 149-166.

Otros fondos consultados, esta vez conservados en el Archivo General de Simancas, son la Escribanía Mayor de Rentas, Contaduría Mayor de Cuentas y el Registro General del Sello. El primero de ellos se ocupa de los documentos surgidos del arrendamiento y administración de las distintas rentas reales, mientras que el segundo se trata de un órgano de vigilancia sobre los gastos que se producen con el dinero de la hacienda real, y, por último, un agrupamiento de documentos de diversa índole que han sido validados con el sello mayor.

El Archivo del Patronado de la Alhambra y Generalife alberga en su seno una documentación muy diversa, fruto de las distintas instituciones que hicieron de estos palacios su sede. En nuestro caso nos interesan fundamentalmente los generados por la Alcaldía de la Alhambra y la Capitanía General puesto que son los documentos más antiguos y que más informaciones nos aportan de la situación anterior e inmediatamente posterior a la conquista.<sup>57</sup>

Por último, hemos seleccionado el Tribunal de la Inquisición de Granada, fondo custodiado en el Archivo Histórico Nacional, que recoge documentación inquisitorial del Reino de Granada desde 1500. Entre esta documentación se encuentran los preciados inventarios de bienes moriscos, que si bien los encontramos en otros fondos<sup>58</sup>, merecen ser estudiados por la posibilidad que nos ofrecen de, por una parte, conocer las posesiones de las distintas familias o individuos representados, pudiendo reconocer útiles de trabajo con fibras textiles o cuero, sino que además nos permite establecer diferencias con la sociedad cristiana a partir de la tenencia de tal o cual útil, además de profundizar en los procesos de abandono al pasar parte de esta población al norte de África.<sup>59</sup>

### **3.4. Fuentes arqueológicas**

Por supuesto, no concebimos la realización de un trabajo de estas características sin la implementación de la información procedente del registro arqueológico, analizada desde una perspectiva de la Arqueología de la Producción<sup>60</sup>, aunque el reconocimiento de estas actividades en el registro arqueológico no esté exento de grandes

---

<sup>57</sup> Afortunadamente contamos con un catálogo de estos fondos: María Angustias Moreno, *Catálogo del Archivo Histórico de la Alhambra* (Granada: Junta de Andalucía, 1994).

<sup>58</sup> Juan Martínez, *Inventarios de bienes moriscos del Reino de Granada (Siglos XVI). Lingüística y civilización* (Madrid: CSIC, 1972).

<sup>59</sup> La idea de utilizar esta documentación es deudora de la ponencia de la catedrática María Elena Díez Jorge en el Seminario Internacional INCOME. Sesión I. Producción y comercio en Al-Andalus, celebrado en la Escuela de Estudios Árabes de Granada entre 1-3 de diciembre de 2021.

<sup>60</sup> Tiziano Mannoni y Enrico Giannichedda, *Achaeologia della produzione* (Turín, 1996); Alberto García, *Arqueología de la producción en época medieval* (Granada: Alhulia, 2013).

problemas. La naturaleza de la mayoría de los útiles que intervienen en el proceso de producción del textil y, en menor medida, cuero hacen que su conservación y hallazgo en las intervenciones arqueológicas sea muy poco frecuente. Debemos tener en cuenta que, por ejemplo, la mayoría de las partes de un telar, así como de los tornos de hilar, serían de madera, también las torteras podían estar realizadas en hueso, lo que bajo ciertas condiciones perjudica su grado de conservación, el propio tejido rara vez se conserva en el registro arqueológico peninsular<sup>61</sup>, hecho que ha obligado a la investigación hasta momentos muy recientes a centrarse en el estudio de las producciones más lujosas.

Aun así, disponemos de diversos elementos presentes en el registro arqueológico que nos permiten identificar trazas de esa producción de textil y cuero. Un ejemplo de esto son las torteras cerámicas u óseas y los husos metálicos, que nos remiten a actividades de hilado, o el caso del hallazgo de templetes, piezas metálicas que serían usadas para fijar el ancho del tejido en el telar. En el caso del cuero, evidentemente son las tenerías el elemento más reconocible a nivel arqueológico, pero no el único.

Es por esto por lo que hemos decidido trabajar con los informes de las actividades arqueológicas urbanas de las ciudades del Reino de Granada<sup>62</sup>, estudiando en profundidad en los que han sido hallados elementos como estos a los que nos referíamos anteriormente que nos remiten a esas actividades productivas. Estas intervenciones a menudo, como es lógico, no emplean la perspectiva de análisis de la Arqueología de la Producción, puesto que no es su objetivo; además en algunos casos creemos necesarias puntualizaciones y reinterpretaciones de los restos. Aunque estos informes suponen la base y de donde emana la mayor parte de nuestra información arqueológica, hemos incluido el trabajo con los restos hallados y por hallar relacionados con la producción de estas materias en las distintas intervenciones arqueológicas que se están desarrollando en el seno del Grupo de Investigación PRINMA.

#### **4. Metodología**

Una investigación como esta por sus características, dimensión y objetivos no puede emplear una única metodología, sino que necesariamente deberán usarse variadas y muy distintas, ajustadas a los objetivos que nos marcábamos al inicio de este

---

<sup>61</sup> Si bien contamos con algunas y afortunadas excepciones como, por ejemplo: Ángel Morillo y Laura Rodríguez, "Acerca de unos retazos de tejido de lino procedentes del vicus romano de Puente Castro (León, España)," *Espacio, tiempo y forma. Serie I, Prehistoria y arqueología* 6 (2013): 327-344

<sup>62</sup> Estos informes están recogidos en las distintas delegaciones territoriales de las provincias de Almería, Málaga, Murcia y Granada.

trabajo.

Como hemos adelantado y se desprende de las fuentes seleccionadas, la metodología de trabajo será mixta, combinando por una parte el análisis de las fuentes escritas y arqueológicas para, primero, desarrollar modelos ubicacionales y evolutivos de las actividades productivas en el entramado urbano de las ciudades seleccionadas, así como profundizar en la relación de estas con los espacios adyacentes y tratar las similitudes y diferencias entre los casos de estudio. De hecho, esto no es un modo de proceder nuevo ni mucho menos, ha sido empleado por otros investigadores<sup>63</sup>, si bien siempre con objetivos diferentes a los nuestros. Por nuestra parte tampoco nos es desconocido, puesto que lo hemos desarrollado con anterioridad en otros trabajos<sup>64</sup>. Por supuesto, la creación de estos modelos ubicacionales no se ciñe a su plasmación espacial en sistemas de información geográfica, sino que estos deben ser acompañados de reflexiones históricas a partir de los mismos.

El tratamiento de las obras árabes editadas nos permite llevar a cabo distintos análisis de un interés capital. Por una parte, mediante las informaciones extraídas de las obras geográficas y fetuas desarrollamos una ubicación en el territorio del Reino Nazarí de las actividades productivas mencionadas, sus producciones, pero también espacios comerciales y lugares de cultivo y/o cría de donde surgen las fibras textiles. Esto resulta fundamental para entender el funcionamiento interno del sector textil y del cuero dentro del área, para comprobar si funciona como un todo, sus dependencias, control y demás aspectos clave.

Los diversos Tratados de Hisba, recopilaciones de Fatwas y formularios de actas notariales nos permiten, por su naturaleza y el tipo de información contenido llevar a cabo el análisis del entorno filológico<sup>65</sup> de términos específicos relacionados con la producción textil y de cuero como pudieran ser los oficios, prácticas artesanales o útiles.<sup>66</sup>

Por último, hemos querido incluir una línea de trabajo que vincula de alguna

---

<sup>63</sup> María Victoria, *Málaga en 1487: el legado musulmán* (Málaga: Universidad de Málaga, 2009); Toquero, *La ciudad de Almuñécar*; Jiménez, *Una aproximación al desarrollo comercial en el Reino Nazarí*.

<sup>64</sup> Garrido, *Artesanía al final de la Edad Media en Granada*; Garrido, *Una aproximación al sector textil en la Granada bajomedieval*.

<sup>65</sup> Siguiendo la metodología desarrollada y empleada por la profesora Christine Mazzoli-Guintard para otras cuestiones: Christine Mazzoli-Guintard, "Du concept de madina à la ville d'al-Andalus: réflexions autor de la Description de l'Espagne d'al-Idrisi," *Mélanges de la Casa de Velázquez* 27, (1991): 127-138.

<sup>66</sup> La incorporación de esta metodología específica, que no estaba prevista en un inicio, surge de una estancia de investigación desarrollada en los primeros meses de 2022 en el Laboratoire de recherche ARchéologie et Architectures de la Université de Nantes (LARA) con la profesora Christine Mazzoli-Guintard, a quien aprovecho para expresar mi más sincero agradecimiento.

forma las fuentes árabes y cristianas de manera estrecha. Consiste en emplear primero los ya mencionados Tratados de Hisba, haciendo un recuento de los oficios presentes en los mismos para ver diferencias a lo largo del tiempo, siempre dentro de nuestra cronología, y poder establecer la división de trabajo y grado de especialización dentro del sector, así como intentar dilucidar la importancia de estos trabajos dentro del cuadro general productivo. De esta misma manera y proceder, podemos usar los protocolos notariales cristianos de los primeros años posconquista para llevar a cabo este recuento de ocupaciones, comparar qué modificaciones ocurren en el sector productivo, si es que ocurren y cuándo se dejan notar. El marco teórico de esta metodología ha sido desarrollado magníficamente por parte de Maya Shatzmiller<sup>67</sup> para las fuentes árabes y por Ricardo Córdoba de la Llave<sup>68</sup> para las cristianas; y sus resultados son motivo suficiente para avalar el interés de su empleo en nuestro caso, el cual ya desarrollamos para la ciudad de Granada con la documentación notarial de 1505-1515.<sup>69</sup>

Toda esta variedad de metodologías, fuentes y, por consiguiente, información no puede ser gestionada de una manera idónea si no es por medio de una Base de Datos creada *ad hoc*. Esta se ha creado como parte de nuestro propio trabajo en el Proyecto de Excelencia INCOME al que anteriormente aludíamos. La concebimos para que más allá de integrar y gestionar toda la información procedente de esta investigación doctoral, sirviese para volcar, gestionar y usar toda la información de todas las distintas investigaciones que se están llevando a cabo en el Grupo de Investigación PRINMA, permitiéndonos realizar análisis conjuntos, cruzado de datos y, en definitiva, desarrollar la tan perseguida y necesaria interdisciplinariedad.

## 5. Conclusiones

A lo largo de este trabajo hemos intentado realizar una exposición clara y detallada de el planteamiento y desarrollo de la investigación que estamos llevando a cabo en estos momentos. Si bien sabemos que no es habitual la realización de este tipo de trabajos explicativos, hemos creído de interesante hacerlo aquí por varias razones.

Primero, por el propio carácter del encuentro científico del que surge este documento; nos referimos al XIV Workshop de Estudios Medievais celebrado en la Faculdade de Letras da Universidade do Porto y organizado por el Grupo Informal de História Medieval<sup>70</sup>, durante el 7 y 8 de abril de 2022. Segundo, creemos que este tipo de

---

<sup>67</sup> Maya Shatzmiller, *Labour in the Medieval Islamic World* (Leiden: Brill, 1994).

<sup>68</sup> Córdoba, *La industria medieval de Córdoba*.

<sup>69</sup> Garrido, *Una aproximación al sector textil en la Granada bajomedieval*.

<sup>70</sup> A quienes aprovechamos para agradecer su predisposición, trato y labor.

trabajos, aunque infrecuentes, son completamente necesarios puesto que nos dejar ver los entresijos de una investigación real en marcha, en este caso una tesis doctoral, lo que puede resultar muy útil no solo para el propio autor, sino también para otros muchos investigadores o futuros investigadores.

En una tendencia totalmente errada y contraproducente cada vez somos, y me refiero a la comunidad científica en su conjunto, más reacios a exponerlos a las críticas, valoraciones y correcciones, privándonos del crecimiento y riqueza que suponen las opiniones bienintencionadas de nuestros colegas. Es por eso por lo que aquí, nuestro objetivo ha sido exponer nuestra investigación a las críticas y apreciaciones, con la esperanza de fomentar el intercambio científico de puntos de vista y, en definitiva, mejorar el plan en marcha.

Como hemos podido comprobar, la carencia de estudios de este tipo acerca de la producción textil y de cuero, efectivamente también de otras producciones, en el ámbito andalusí sigue suponiendo un problema por una parte para el conocimiento de la faceta productiva, pero también para ofrecer una visión profunda, coherente y representativa de la economía de esta formación social. Creemos que la ausencia de estos trabajos tiene que ver con la dificultad que supone su propio estudio, a la cual nos hemos referido, pero también a cierta concepción simplista de lo que el estudio de las actividades productivas de una sociedad dada puede ofrecernos. Esperamos haber mitigado, aunque solo sea levemente esta concepción, y haber conseguido mostrar las posibilidades que ofrece este tipo de análisis.

# «Regnum et Studium»: A Reforma Manuelina da Universidade. Um estudo da relação entre cultura letrada e poder político na baixa idade média (1495-1521)<sup>1</sup>

*Rui M. Rocha*

**Universidade de Lisboa - Centro de História**

**Resumo:** Portugal, na transição entre os séculos XV e XVI, atravessou um período de profundas transformações, preconizadas pela Coroa. Este conjunto de mutações, dirigidas e protagonizadas pelo monarca D. Manuel I, profundamente estudadas pela historiografia portuguesa, ficaria sintomaticamente conhecido por Reforma Manuelina, em clara associação ao seu principal promotor. A universidade portuguesa, sediada na altura em Lisboa, enquanto instituição cultural por excelência do reino, não ficaria à margem deste processo reformista, sendo também alvo de um considerável esforço legislativo, normativo e administrativo. Esforço este materializado no renovado, ampliado e mais completo documento estatutário que o Estudo Geral tinha recebido até então. Os Estatutos Universitários de 1503, indubitavelmente subscritos e promulgados por D. Manuel I, não só sinalizam como integram a reforma da universidade num amplo plano reformista que perpassou as várias dimensões da ação governativa do rei. Assim, este projeto pretende estudar a reforma manuelina da universidade portuguesa, inserida não somente nesse mesmo vasto projeto reformista como numa Europa em transformação. Através de uma abordagem multidimensional, o objetivo será a análise das mutações na instituição no plano político, social, económico, pedagógico e cultural. Mas, ao invés de uma abordagem tradicionalmente institucional, a investigação focar-se-á na relação entre cultura letrada e poder político, isto é, entre o rei e a universidade. A compreensão da correspondência e conexão entre estas duas dimensões, permitirá responder a uma questão subjacente a toda a problemática – afinal, para que serviu a universidade?

**Palavras-chave:** Universidade; Reforma; D. Manuel I; Século XVI;

**Abstract:** Portugal, in the transition between the 15th and 16th centuries, went through a period of profound transformations, promoted by the Crown. This set of mutations, directed and carried out by the king Manuel I, deeply studied by Portuguese historiography, would become symptomatically known as the Manueline Reform, in clear association with its main promoter. The Portuguese university, headquartered in

---

<sup>1</sup> O presente artigo resulta de uma investigação de doutoramento, em curso, sobre a reforma da universidade portuguesa durante o governo de D. Manuel (1495-1521), e a ligação entre o poder político e a cultura letrada no final da idade média, financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/135867/2018).



Lisbon at the time, as a cultural institution par excellence in the kingdom, would not be left out of this reformist movement, and was also the target of a considerable legislative, normative and administrative effort. This effort materialized in the renewed, expanded and most complete statutory document that the Studium Generale had received until then. The University Statutes of 1503, undoubtedly subscribed and promulgated by Manuel I, not only signalled but integrated the reform of the University in a broad reformist plan that permeated the various dimensions of the king's governmental action. Thus, this project intends to study the Manueline reform of the Portuguese university, inserted not only in that vast reformist project but also in a Europe in transformation. Through a multidimensional approach, the objective will be the analysis of changes in the institution in the political, social, economic, pedagogical and cultural levels. But, instead of a traditionally institutional approach, the research will focus on the relationship between literate culture and political power, that is, between the king and the University. Understanding the correspondence and connection between these two dimensions will allow answering a question underlying the entire project – what was the purpose of the Portuguese University?

**Keywords:** University; Reformation; king Manuel I, 16th century.

## **1. Introdução: objetivos e questão central**

A transição entre os séculos XV e XVI, foi um período inegavelmente marcado por grandes convulsões e mutações na Europa, sobretudo pela abertura de novos corredores culturais, pela exponenciada circulação de conhecimentos, e naturalmente, pelo maior contacto, proximidade, e eventual permeabilidade entre realidades, tanto análogas como díspares. Neste contexto, o reino português, tanto pelo enriquecimento da Coroa como pela inserção num mundo em profunda transformação, foi também sujeito a um amplo projeto reformista, promovido pelo monarca, com particular incidência, por exemplo, na cidade de Lisboa, nos forais do reino, nos tribunais superiores, nas ordenações, nos pesos e medidas, e também na universidade, esta última a menos conhecida e estudada do conjunto.

Perante a identificação desta lacuna historiográfica, o projeto tem por objetivo a análise dos conteúdos e o impacto da reforma manuelina na universidade portuguesa, na transição entre os séculos XV e XVI, sendo os seus limites, grosso modo, coincidentes com o governo e a ação reformista de D. Manuel I (1495-1521). A abordagem é multidimensional, procurando identificar as causas e os efeitos da reforma universitária através da sobreposição de várias escalas e planos - políticos, sociais, económicos e culturais – como alternativa a outras aproximações já tentadas ao tema, igualmente meritórias, mas predominantemente identificadas com um único desses fatores. Os

limites cronológicos são naturalmente flexíveis, pois interessa avaliar a reforma da universidade portuguesa em função do seu passado próximo e do seu devir imediato, que se estende até à transferência para Coimbra na década seguinte. Sem isso dificilmente se poderia identificar a natureza e o alcance das transformações ocorridas, a perenidade de certas tendências, os agentes catalisadores e atingidos pela mudança, as causas da evolução e principais resultados práticos.

A colocação deste tópico a uma escala mais vasta será resolvida pelo estudo de movimentos reformistas análogos na esfera europeia, em instituições homólogas com idêntico perfil de partida, nomeadamente Salamanca<sup>2</sup> e Nápoles (sob controle espanhol), ambas de fundação e direção régia, como a portuguesa, para perceber se cenários comuns motivaram políticas universitárias idênticas. O modelo de trabalho assentará em parte numa base prosopográfica, resultando na produção de instrumentos no campo das humanidades digitais, nomeadamente uma base de dados de livre acesso.

Este projeto de investigação pretende assim colmatar uma brecha num período considerado profundamente nevrálgico da história portuguesa, equacionando a existência e desenvolvimento das estruturas universitárias portuguesas com o primeiro período de uma verdadeira expansão e afirmação da Coroa no plano internacional, e também com o movimento humanista europeu. Por outras palavras, conforme é expresso no título, o projeto pretende estudar a relação entre cultura letrada (centrada na universidade) e o poder político (centrado no rei) durante o período manuelino, tendo como questão central subjacente – qual o propósito da universidade para D. Manuel I?

## **2. Em torno da universidade manuelina: problemas, tendências e vias de investigação. Uma síntese historiográfica**

### **2.1. Os primeiros estudos**

O estudo sobre a história da universidade portuguesa remonta à primeira metade do século XVIII, quando a Academia Real de História Portuguesa publicou a obra «*Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra*»<sup>3</sup>. Desde então, os principais avanços historiográficos associaram-se à comemoração de centenários, o que exprime, como foi notado num recente artigo, a verdadeira materialização da conexão entre a

---

<sup>2</sup> A propósito da reforma da universidade de Salamanca no início do século XVI vide Manuel Álvarez, “La Reforma Universitária”, *Studia Historica. Historia moderna*, 2 (1984): 21-46.

<sup>3</sup> Francisco Leitão Ferreira, *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra* (Lisboa: Academia Real da História Portuguesa, 1729).

universidade e o poder político<sup>4</sup>. A produção historiográfica por ocasião de efemérides comemorativas constituiu assim um incentivo para a revitalização do tema. Como exemplo, Teófilo Braga, ao celebrar o sexto centenário da fundação da universidade, publicou a «*História da Universidade de Coimbra*»<sup>5</sup>. Mais tarde, para assinalar o quarto centenário da realocização da Universidade Portuguesa, de Lisboa para Coimbra, Mário Brandão e Manuel de Almeida elaboraram um ensaio de enfoque semelhante<sup>6</sup>. Este conjunto de obras, embora cruciais numa conjuntura incipiente, pautam-se por uma abordagem pouco focada, com períodos de análise excessivamente longos, e com uma perspetiva vincadamente institucional, baseada em estudos de caso e não numa leitura e análise sistemática dos dados. Não correspondem por isso a obras que estudam as diversas dimensões da instituição universitária, mas limitam-se a uma história institucional regulada pelos momentos que os autores consideraram mais importantes para o Estudo Geral, sem a necessária dimensão reflexiva, nem a indispensável inserção no panorama internacional, ligada a uma historiografia mais recente.

## **2.2. A revitalização historiográfica na mudança de século**

A conjuntura internacional acabaria por surtir efeitos no âmbito nacional, sobretudo na última década do século XX. A produção de uma obra geral sobre a história da universidade na Europa no início dos anos 90<sup>7</sup>, aliada à política de comemoração que se recusou a diminuir ao longo das décadas, levou à publicação: primeiro das atas de um congresso sobre a universidade em 1991<sup>8</sup>, e segundo, de uma coletânea inovadora de ensaios sobre o estudo geral em 1997<sup>9</sup>, ambas para celebrar o sétimo centenário da universidade de Coimbra. Estes trabalhos destacam-se do que até então tinha sido produzido em Portugal pelas abordagens inovadoras. O primeiro, resultado de um congresso sobre o tema realizado em 1990, caracteriza-se pelo elevado grau de interdisciplinaridade, reflexo da qualidade e diversidade das colaborações, em temas que vão

---

<sup>4</sup> Hermenegildo Fernandes, Armando Norte, André de Oliveira Leitão, “Portuguese Studium and Portuguese Scholars in the Middle Ages: some Remarks on a Research Strand and its Databases = Studium y académicos portugueses en la Edad Media: algunas aportaciones sobre una línea de investigación y sus bases de datos”, *CIAN-Revista de Historia de las Universidades*, 19/1 (2016): 27-56.

<sup>5</sup> Teófilo Braga, *História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a instrução pública portuguesa*, 4 vols. (Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1892-1902).

<sup>6</sup> Mário Brandão, Manuel Lopes Almeida, *A Universidade de Coimbra. Esboço da sua História* (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1937).

<sup>7</sup> Walter Rüegg (ed.), *A History of the University in Europe*, 4 vols. (Cambridge: Cambridge University Press, 1991-2010).

<sup>8</sup> AA. VV., *Universidade(s). História. Memória. Perspectivas.*, in *Actas do Congresso «História da Universidade» (no 7.º Centenário da sua fundação)*, 5 a 9 de Março de 1990, 5 vols. (Coimbra: Comissão Organizadora do Congresso «História da Universidade», 1991).

<sup>9</sup> AA. VV., *História da Universidade em Portugal*, 2 vols. (Coimbra/Lisboa: Universidade de Coimbra/Fundação Calouste Gulbenkian, 1997).

desde abordagens sociológicas até estudos de arte e património, com uma perspetiva diacrónica (englobando estudos focados na idade média até ao mundo contemporâneo). Nesta obra são colocados em discussão tópicos de grande relevância para o projeto em desenvolvimento, como o impacto do humanismo renascentista na universidade, embora seja relevante notar que é dos poucos momentos em que esta temática é abordada, e embora criticamente, de forma muito superficial, não cruzando necessariamente a questão do humanismo com o governo e políticas da universidade manuelina.

Já a segunda obra é particularmente relevante por vários motivos. Em primeiro lugar, porque reuniu especialistas de várias instituições portuguesas para colaborar numa história geral da universidade, resultando numa cooperação institucional que até então não tinha sido conseguida com sucesso. Mas ainda mais importante, porque não se limita a estabelecer e delinear mais uma história política e institucional da universidade portuguesa como as anteriores. Com uma estrutura visivelmente decalcada e influenciada pela obra publicada anos antes sobre a história da universidade na Europa, tem uma aproximação aos temas problematizante e inovadora, e subsequente questionamento e interpretação das fontes avançando novas propostas acerca, por exemplo, da orgânica e funcionamento interno do Estudo Geral em Portugal. Esta abordagem facilitou novas reflexões sobre temas muito pouco estudados, e que permanecem até hoje como modelares e basilares. Nessa obra, Maria Helena da Cruz Coelho, perante escassas informações sobre o assunto, faz um ensaio sobre o financiamento e gestão dos recursos económicos da universidade portuguesa entre os séculos XIII e XVI<sup>10</sup>, ilustrando bem o potencial desta revisão historiográfica.

Mais recentemente, concluindo o ciclo comemorativo, uma equipa liderada por Hermenegildo Fernandes, publicou «*A Universidade Medieval de Lisboa (séculos XIII-XVI)*»<sup>11</sup>, uma importante obra que celebrou o primeiro centenário da moderna universidade lisboeta. O investimento na construção e divulgação de instrumentos de trabalho, de carácter eminentemente prosopográfico, do qual resultaram listas de lentes, escolares e oficiais, são sem dúvida elementos e contributos importantes, tanto de um ponto de vista metodológico como de análise, pois permitem desde logo reconstituir os corpos universitários portugueses no período manuelino. Fica em falta, no entanto, uma análise minuciosa da composição desses corpos limitada à cronologia

---

<sup>10</sup> Maria Helena da Cruz Coelho, “As Finanças”, in *História da Universidade em Portugal. (1290-1536)*, ed. AA. VV., Vol. 1, tomo I (Coimbra/Lisboa: Universidade de Coimbra/Fundação Calouste Gulbenkian, 1997), 39-67.

<sup>11</sup> *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI*, Hermenegildo Fernandes (coord.) (Lisboa: Tinta-da-China, 2013).

manuelina, qualitativa e quantitativa, que permita identificar reconfigurações sociológicas da esfera universitária.

Por fim, em consonância com esta última publicação, e ancorada numa vertente de investigação firmemente estabelecida no Universidade de Lisboa - Centro de História, sobre a história das universidades, encontra-se em curso uma sólida revitalização deste campo historiográfico, manifesta não somente num conjunto de teses de doutoramento - defendidas<sup>12</sup> e em curso<sup>13</sup> – mas também em projetos de investigação científica financiados<sup>14</sup>, são igualmente prova das lacunas historiográficas no tema.

### **2.3. A reforma e governo manuelino da universidade**

O “vazio” de estudos sobre a universidade manuelina constitui, em certa medida, um paradoxo interessante. Na sua fase mais incipiente, isto é, para a conjuntura fundacional, da qual temos muitos poucos testemunhos documentais, o interesse dos historiadores foi sempre maior. Por oposição, a quantidade de documentação da instituição para o período manuelino é notoriamente maior, mas estranhamente, menos estudada que a anterior. Parece mais ou menos evidente que esta lacuna é motivada sobretudo por uma historiografia que tem como principal força motriz uma política comemorativista, que pretende assinalar os momentos de maior convulsão ou mudança. O facto de a universidade portuguesa ter sido deslocada sucessivamente durante o primeiro século de existência, por quatro ocasiões, entre a cidade de Lisboa e Coimbra, teve um efeito agregador do interesse dos historiadores. A fase seguinte, muito mais estável, que se prolongou desde 1377 até 1536, não acolheu, salvo raras exceções, o mesmo entusiasmo, e ainda menos, a abundância de reflexões. Para a temática em concreto destacam-se apenas quatro breves ensaios. O primeiro, com uma abordagem genérica, mas pioneira, assinado por Manuel Augusto Rodrigues da Universidade de

---

<sup>12</sup> Armando Norte, “Letrados e cultura letrada em Portugal (sécs. XII-XIII)”, (Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013)., 2 vols. Carlos Alves, “A Ordem Natural nas reformas universitárias de Salamanca e Coimbra (1769-1803)” (Tese de Doutoramento, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2021).

<sup>13</sup> Estão em execução as teses de doutoramento, no âmbito do Programa Interuniversitário de Doutoramento em História, de André Leitão (“*Escolares portugueses na Christianitas (séculos XII-XV): circulação, redes e percursos*”; e de Ana Ferreira (“*A cidade de Lisboa e a Universidade: o poder da escrita, 1377-1438*”).

<sup>14</sup> Entre 2007 e 2013, no âmbito do *Programa de comemorações do centenário da Universidade de Lisboa* (ULis2011), a Reitoria da universidade financiou o projecto “*História da universidade medieval em Lisboa (1288-1537)*”. Entre 2016 e 2020, esteve em curso o projecto de investigação, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, intitulado “*OECONOMIA STUDII. Financiamento, gestão e recursos da universidade em Portugal: uma análise comparativa (séculos XIII-XVI)*” (PTDC/EPHIS/3154/2014). Mais recentemente, entre 2017 e 2020, Armando Norte desenvolveu o projeto de pós-doutoramento “*Debuerit et habuerit. Património, receitas e despesas da universidade portuguesa no período medieval e moderno*” (SFRH/BPD/115857/2016), também financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Coimbra<sup>15</sup>; um segundo texto, ligado a uma dimensão material do *Studium*, por Rui Lobo, que estuda os edifícios das escolas da universidade<sup>16</sup>. Mais recentemente, e já como resultado da revitalização de estudos sobre história da universidade, foi publicado um artigo sobre as finanças da universidade, de Armando Norte<sup>17</sup>; e um último, do mesmo autor com Rui Rocha, sobre a dimensão material das procissões académicas e cerimónias de concessão de grau<sup>18</sup>. A estes trabalhos, todos importantes e com um contributo significativo para a temática, falta um conhecimento mais aprofundado do panorama universitário português no período, e sobretudo da relação entre o poder central e a universidade. Daqui resultou que, o período manuelino - que marcou a fase final de um enorme período de estabilidade da universidade na cidade de Lisboa, apesar do considerável volume de documentação que produziu – não mereceu a mesma atenção que os restantes momentos da história da instituição.

Não quer isto dizer que o período e a Reforma Manuelina não tenham sido profundamente estudados. São aliás, processos e dinâmicas bem conhecidas da historiografia portuguesa, como fica atestado por João Paulo Oliveira e Costa na biografia régia<sup>19</sup>. Foi efetivamente um fenómeno abordado enquanto processo político no quadro de centralização, conjuntura esta profundamente explorada, sobretudo à luz de uma Coroa enriquecida muito ativa na reestruturação do Estado. Nesse âmbito, várias reformas, nomeadamente as já referidas referente aos forais, e dos pesos e medidas, em oposição ao movimento reformista da universidade, mereceram muita atenção da historiografia portuguesa.

Importa por isso expor alguns debates e questões centrais que embora sejam abordadas pela historiografia, não são verdadeiramente esclarecidas nem respondidas, nomeadamente a questão da mobilidade dos escolares no período manuelino, o impacto do processo expansionista na universidade, e os mecanismos de financiamento universitário naquele período, entre outros.

Ora, em virtude dos critérios editoriais do «*Chartularium Universitatis*

---

<sup>15</sup> Manuel Augusto Rodrigues, “A Universidade no Tempo de D. Manuel I. Algumas Notas,” in *III Congresso Histórico de Guimarães D. Manuel e a Sua Época (24 a 27 de Outubro de 2001)*. Actas., Vol. 4. (Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2004), 149-172.

<sup>16</sup> Rui Lobo, “A Sede Manuelina (1503),” in *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI*. coord. Hermenegildo Fernandes (Lisboa: Tinta-da-China: 2013), 267-304.

<sup>17</sup> Armando Norte, “Os estatutos universitários manuelinos (c. 1503) e a “arca” do estudo. Administração e finanças universitárias no reinado de D. Manuel I”, *Revista de História da Sociedade e da Cultura* 19 (2019), 125-143. [https://doi.org/10.14195/1645-2259\\_19\\_5](https://doi.org/10.14195/1645-2259_19_5).

<sup>18</sup> Armando Norte, Rui M. Rocha, "The Cost of Graduation and Academic Rituals: Material Expressions of Student Life in the Late Middle Ages in Portugal", *E-journal of Portuguese History* 17/1 (2019), 21-37.

<sup>19</sup> João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I.* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2005).

*Portugalensis*»<sup>20</sup>, é possível considerar razoavelmente bem estudada a questão da mobilidade dos escolares portugueses. No entanto, existem alguns debates em torno da mesma temática no período manuelino que valem a pena retomar, apesar do excelente legado de Luís de Matos no que respeita aos portugueses em Paris<sup>21</sup>. A questão central prende-se com as motivações que levariam uma coroa enriquecida a investir financeiramente e no controlo político efetivo na universidade em Portugal, e simultaneamente num programa de investimento considerável em bolsas de estudo para escolares portugueses frequentarem o colégio Montaigu (e mais tarde, a partir de 1520, o colégio de Santa Bárbara) na universidade parisiense, figurando uma aparente redistribuição de recursos económicos e de esforços políticos. Ora, é indiscutível que D. Manuel I, através dos estatutos de 1503, procurou limitar e retirar autonomia à universidade, alinhando a instituição com o seu programa político centralizador, mas demonstrando igualmente um inegável interesse nos desígnios da instituição, sendo inverosímil que o investimento na formação de escolares noutras universidades se justificasse pelo menosprezo da instituição em território nacional. Decorrente da primeira questão, importa também discutir a razão da hipotética inflexão da tendência da mobilidade dos escolares portugueses, que nos primeiros séculos de funcionamento da universidade portuguesa pareciam predominantemente orientados para os tradicionais polos europeus em estudos de direito – Salamanca e Bolonha – mas aparecem no início do século XVI orientados também para uma universidade especializada em Artes e Teologia, a de Paris. João Paulo Oliveira e Costa, um dos interlocutores do debate, explica esta tendência, motivada sobretudo por escolhas da Coroa, pela “centralidade e cosmopolitismo muito superior”<sup>22</sup> da cidade francesa. Por outro lado, Joaquim Veríssimo Serrão, profundamente conhecedor da presença portuguesa nas universidades de Salamanca, Toulouse e Montpellier, aponta a existência de um “plano genérico para a criação de docentes que pudessem um dia valorizar a Universidade de Lisboa”<sup>23</sup>. Para este autor, esta alteração nas tendências de mobilidade era resultado de uma aposta na formação de lentes no estrangeiro, presumindo um eventual regresso para lecionar na universidade portuguesa, para assim a valorizar. Pelo menos para o caso de Teologia, conforme assevera Mário Farelo, especialista na temática da *peregrinatio academica* (em

---

<sup>20</sup>*Chartularium Universitatis Portugalensis. 1288-1537.*, Artur Moreira de Sá [et al.] (eds.), 16 vols. (Lisboa: Instituto de Alta Cultura/Instituto Nacional de Investigação Científica/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1966-2004)

<sup>21</sup> Luís de Matos, *Les Portugais a l'Université de Paris. Entre 1500 et 1550.* (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1950).

<sup>22</sup> Costa, *D. Manuel I*, 214.

<sup>23</sup> Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal.*, Vol. 3 (Lisboa: Verbo, 1988), 366.

concreto para a cidade de Paris), “parece evidente que o estrito argumento da formação parisiense parece ter pesado pouco, por essas alturas, no momento de escolher o lente”<sup>24</sup> identificando apenas um caso, mas salvaguardando a possibilidade de mais acerca dos quais se desconhece a eleição. Assim, embora não nos seja possível alhear de qualquer um destes argumentos há um que parece esquecido, ou pelo menos relegado para segundo plano. Seriam as transformações nas tendências da mobilidade dos escolares resultado de uma alteração nas prioridades dos programas pedagógicos universitários?

A historiografia associou claramente o processo dos descobrimentos e expansão portugueses à renovação cultural e o progresso científico, mas sem lhe atribuir qualquer dimensão universitária. Para isso é necessária uma abordagem prosopográfica e análise de carreiras individualizada, mas parece possível que a intensificação do percurso dos estudantes portugueses se justifique pela necessidade de especialização nas áreas do *Quadrivium* (nomeadamente na aritmética, geometria e astronomia)<sup>25</sup>, ou sobretudo, de Teologia, que apenas uma universidade especializada como a de Paris seria capaz de suprir. Esta hipótese vai ao encontro da afirmação de que existiram “estudos promovidos pela casa real [...] onde numa base marcada pela aritmética, eram tratados outros temas relacionados com a cartografia, cosmografia, náutica, fortificação e urbanismo, temas estes que constituíam os temas centrais da estratégia e gestão política dos altos funcionários da casa real”<sup>26</sup>. Em suma, apesar do investimento historiográfico substancial no tema da *peregrinatio academica*, resultado também da vaga de publicação de fontes, vale a pena retomar esta problemática para o período manuelino.

Outro tópico a considerar é o impacto da expansão portuguesa nos mecanismos de financiamento universitários. Como reparamos anteriormente, Maria Helena da Cruz Coelho foi precursora no estudo da temática. Está, no entanto, em aberto, apesar do claro investimento no tópico, perceber de que forma o enriquecimento da Coroa no quadro da Expansão, contribuiu para um reforço do protagonismo do monarca dentro da universidade, mas também para o fortalecimento económico da própria instituição,

---

<sup>24</sup> Mário Farelo, “Lisboa numa rede latina? Os escolares em movimento,” in *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI.*, coord. Hermenegildo Fernandes (Lisboa: Tinta-da-China: 2013), 216.

<sup>25</sup> Nair Castro Soares mencionou que a integração destas ciências, a par da filosofia, nos programas pedagógicos universitários em Portugal (ainda na primeira metade do século XV) sinalizam a importância destes saberes para a empresa dos Descobrimentos - Nair de Nazaré Castro Soares, *Mostras de sentido no fluir do tempo: estudos de humanismo e renascimento*. (Coimbra: [s.n.], 2018), 278.

<sup>26</sup> Hélder Cárita, “Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1496-1521)”. (Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1998), 152.



enquanto investimento com retorno útil para a fazenda do reino. Aparentemente, o caso português continua a ser genericamente visto como uma universidade periférica e de dimensões reduzidas, sem possibilidade de concorrência com outras universidades ibéricas, em continuidade com a realidade anterior (o que parece não merecer discussão até ao século XV). O investimento em salários e em infraestruturas de ensino (a sede manuelina) feito por D. Manuel, correspondendo a um efetivo aumento de dotação financeira, pode ter resultado num redimensionamento do Estudo Geral português, cujo impacto ainda não foi devidamente avaliado.

Assim, por este motivo, e também para a compreensão de outras dimensões do nosso projeto, é importante colocar em discussão a importância da instituição na governação de D. Manuel I, e vice-versa, antevendo uma possível instrumentalização da instituição, porque só assim se compreenderá um elemento central do nosso projeto – a reforma.

### **3. Em torno da universidade manuelina: fontes para o seu estudo**

O presente projeto de investigação beneficia largamente de uma linha de investigação que se constrói e concretiza desde os anos sessenta do século XX, e consequentemente de um sistemático programa editorial de fontes relacionadas diretamente com a história da universidade.

O começo da segunda metade do século XX foi um período extremamente fértil na publicação de fontes sobre a universidade portuguesa, esforço este inserido num projeto mais vasto de colocar no prelo grandes compilações documentais e assim torná-las acessíveis à comunidade de historiadores, emulando um pouco o que se passava (no que concerne aos instrumentos de trabalho e metodologia) no resto da Europa.

No que se liga diretamente à história do Estudo Geral Português, imbuído do espírito comemorativista (estritamente ligado ao programa do Estado Novo de investimento na capital) e alimentado pela disputa da antiguidade sobre as origens da universidade, Artur Moreira de Sá inaugurou a edição, a partir de 1966, do «*Chartularium Universitatis Portugalensis*»<sup>27</sup>. Esta coletânea, inegavelmente o conjunto documental mais relevante para o estudo da universidade portuguesa na idade média, não deixa de

---

<sup>27</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis. 1288-1537.*, Artur Moreira de Sá [et al.] (eds.), 16 vols. (Lisboa: Instituto de Alta Cultura/Instituto Nacional de Investigação Científica/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1966-2004).

possuir um carácter factício<sup>28</sup>, mas procura emular “o que se fizera em França, nos finais de Oitocentos, para os casos de Paris e Montpellier, ou em Itália, na primeira metade do século XX, no caso, por exemplo, de Bolonha”<sup>29</sup>.

No entanto, é consensual que esta obra em particular apresenta alguns problemas, além do mencionado carácter factício, relacionados com os critérios editoriais em constante mudança que levariam, a longo prazo, à inclusão de um grande número (ainda desconhecido) de documentos que não estão relacionados com a universidade portuguesa, mas apenas com escolares portugueses. As reconhecidas fragilidades da documentação portuguesa sobre a universidade, particularmente em relação aos aspectos que cercam a sua fundação, e mais tarde as referidas políticas editoriais da «*Chartularium Universitatis Portugalensis*», acabaram por servir então de estímulo à pesquisa abundante sobre escolares portugueses fora de Portugal, ou por outras palavras, sobre a *peregrinatio academica* em Bolonha, Paris, Salamanca, Toulouse, Oxford e Montpellier nomeadamente os estudos de Veríssimo Serrão<sup>30</sup>, Sousa Costa<sup>31</sup>; Gomes

---

<sup>28</sup> Até aos dias de hoje, o único cartulário que se conhece para a universidade portuguesa – enquanto verdadeiro cartório da comunidade – é o Livro Verde, um manuscrito datado do século XV, atualmente à guarda do Arquivo da Universidade de Coimbra, que conta com sucessivas edições entre 1940 e 1992 - *Livro Verde da Universidade de Coimbra.*, António Gomes Rocha Madaíl (ed.) (Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1940); *Livro Verde da Universidade de Coimbra: cartulário do século XV. ed. fac simulada.*, Manuel Augusto Rodrigues, Maria Teresa Nobre Veloso (eds.) (Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1990); *Livro Verde da Universidade de Coimbra: transcrição.*, Manuel Augusto Rodrigues, Maria Teresa Nobre Veloso (eds.) (Coimbra, Arquivo da Universidade de Coimbra, 1992).

<sup>29</sup> Hermenegildo Fernandes, “Introdução”, in *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI.* coord. Hermenegildo Fernandes (Lisboa: Tinta-da-China: 2013), 24-25.

<sup>30</sup> Joaquim Veríssimo Serrão, “Escolares portugueses nas universidades do sul de França,” in *Ocidente* 45 (1953), 105-112; Joaquim Veríssimo Serrão, “Manuel Álvares (1545-1612). Um desconhecido português. Professor de Medicina na Universidade de Toulouse,” in *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra* 21 (1953), 1-53; Joaquim Veríssimo Serrão, “Étudiants portugais dans les universités du Midi de la France à la fin du XIV siècle,” in *Bulletin Philologique et Historique (jusqu'en 1715) du Comité des travaux historiques et scientifiques.* (Paris: Imprimerie Nationale-Presses Universitaires de France, 1953-1954), 265-272; Joaquim Veríssimo Serrão, “Escolares portugueses do século XVI na Faculdade de Medicina de Montpellier,” in *Arquivo da Bibliografia Portuguesa* III/12 (1962), 185-192; Joaquim Veríssimo Serrão, “Portugueses no Estudo de Salamanca (1250-1550)”. (Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1962).; Joaquim Veríssimo Serrão, *Les portugais à l'Université de Toulouse (XIIIe-XVIIe siècle).* (Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1970); Joaquim Veríssimo Serrão, *Les portugais à l'Université de Montpellier (XIIIe-XVIIe siècle).* (Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1971); Joaquim Veríssimo Serrão, “Contributo para o estudo dos portugueses na Universidade de Alcalá (1509-1640)”, in *Revista Portuguesa de História* 17 (1978), 37-54.

<sup>31</sup> António Domingues da Sousa Costa, “Estudantes portugueses na reitoria do Colégio de São Clemente de Bolonha na primeira metade do século XV”, *Arquivos de História da Cultura Portuguesa* III/1 (1969), 3-157.; António Domingues da Sousa Costa, “Portugueses no Colégio de São Clemente de Bolonha durante o século XV,” *Studia Albornotiana* 13 (1973), 211-415; António Domingues da Sousa Costa, *Portugueses no Colégio de São Clemente e Universidade de Bolonha durante o Século XV.*, 2 vols. (Bolonha: Real Colégio de Espanha, 1990).

da Silva<sup>32</sup>; Peter Russel<sup>33</sup>; Resende de Oliveira<sup>34</sup>; Mário Farelo<sup>35</sup>; Armando Norte<sup>36</sup> e mais recentemente de André de Oliveira Leitão<sup>37</sup>. Posto isto, as circunstâncias em torno da documentação portuguesa, bem como da sua publicação acabaram por ser decisivas para uma inserção do programa historiográfico português num cenário internacional.

A coleção documental, composta por 16 volume com cerca de 7000 documentos de tipologias muito diversas (desde bulas papais, cartas régias, diplomas eclesiásticos e documentação privada), e publicada sistematicamente ao longo de quase meio século (1966-2004) é assim um instrumento imprescindível para o projeto a desenvolver. Tendo em conta a cronologia definida, o *Chartularium Universitatis Portugalensis* reúne, entre os volumes IX (com documentação entre os anos de 1491 e 1500) e XII (com documentação entre os anos de 1521 e 1525), cerca de 1946 documentos do nosso interesse, o que corresponde a uns significativos 30% da documentação total da coletânea, sintomático de um aperfeiçoamento do aparelho burocrático na transição do século XV para o XVI.

Enquanto esta coleção foi sendo regularmente publicada, outras fontes foram, entretanto, editadas, contribuindo igualmente para o impulso neste campo de estudos. Neste âmbito, refira-se o fundamental «*Auctarium Chartularii Universitatis*

---

<sup>32</sup> Nuno Gomes Silva, “João das Regras e outros juristas portugueses da Universidade de Bolonha (1378-1421),” *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa* 12 (1960), 5-35; Nuno Gomes Silva, “O doutoramento em Pavia de D. Martim Gil, bispo de Silves (1395),” *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa* 16 (1963), 425-430.

<sup>33</sup> Peter Russel, “Medieval Portuguese Students at Oxford University,” in *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*. (Münster: Westfalen, 1960), 183-191.

<sup>34</sup> António Resende de Oliveira, “A mobilidade dos universitários,” in *História da Universidade em Portugal*. Vol. 1, tomo I (1290-1536), ed. AA. VV. (Coimbra/Lisboa: Universidade de Coimbra/Fundação Calouste Gulbenkian, 1997), 339-356.

<sup>35</sup> Mário Farelo, “La peregrinatio academica portugaise vers l’Alma mater parisienne, XII-XV siècles”. (Tese de Doutoramento, Université de Montréal, 1999); Mário Farelo, “L’impact des relations économiques entre le Portugal et l’Europe du Nord sur le peregrinatio académica portugaise vers l’Université de Paris au Moyen Âge” in *Actes du colloque annuel du département d’Histoire de l’Université de Montréal. L’Histoire au carrefour des Sciences Humaines (5-6 mars 1999)* ed. N. Pilon, B. Poupard, A. Racicot (Montréal: Université de Montréal, 2001), 233-235.; Mário Farelo, “Les portugais à l’Université de Paris au Moyen Âge. Aussi une question d’acheminements de ressources” *Memini. Travaux et documents publiés para la Société des études médiévales du Québec* 5 (2001), 101-129.; Mário Farelo, “Os estudantes e mestres portugueses nas escolas de Paris durante o período medievo (sécs. XII-XV): elementos de história cultural, eclesiástica e económica para o seu estudo” *Lusitania Sacra*, 2ª série, XIII-XIV (2001-2002), 161-196.; Mário Farelo, “Lisboa numa rede latina? Os escolares em movimento,” in *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI*. coord. Hermenegildo Fernandes (Lisboa: Tinta-da-China: 2013), 235-265.

<sup>36</sup> Armando Norte, André de Oliveira Leitão, “A mobilidade dos escolares portugueses: a «peregrinatio academica» entre os séculos XII e XV,” *Revista Lusitânia Sacra* 1/33 (2016), 43-98.

<sup>37</sup> André de Oliveira Leitão, “Circulação, redes e percursos dos escolares portugueses na Christianitas durante a Idade Média. Apresentação de um plano de tese de doutoramento em História Medieval,” in *Incipit 3. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto*. Ed. Diogo Faria, Filipa Lopes (Porto: Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014), 73-86.

*Portugalensis*»<sup>38</sup>, coletânea em 3 volumes, que publica dois manuscritos à guarda do Arquivo da Universidade de Coimbra, destacando-se da obra anterior por reunir efetivamente documentação relacionada invariavelmente com a universidade portuguesa entre os anos de 1506 e 1537, e portanto, sobremaneira relacionada com a universidade manuelina e com o nosso tema. Esta coletânea, publicada também por Artur Moreira de Sá entre 1973 e 1979, reúne uma grande diversidade de documentos, nomeadamente cópias de atas do conselho, inscrições, entre outros. A sua leitura e análise permitem, assim, conhecer os professores que lecionaram na universidade, que aí se formaram, a forma como os estatutos foram observados e, portanto, conhecer em pormenor a Universidade de Lisboa durante esse curto período de 30 anos do início do século XVI. Novamente, tendo como crivo os limites cronológicos do projeto, do total de 1462 documentos que reúne, interessam-nos 767, correspondentes à grande maioria dos primeiros dois volumes.

Embora duas destas fontes documentais ultrapassem a cronologia do projeto, vale a pena integrar ainda no *corpus* documental as orações da sapiência da Universidade de Lisboa, a cargo, respetivamente, de Pedro de Meneses<sup>39</sup>, André de Resende<sup>40</sup> e Jerónimo Cardoso<sup>41</sup>. Esta tipologia documental é especialmente importante por traduzir, numa perspetiva interna à instituição, os problemas da universidade, bem como a posição do orador relativamente à organização do Estudo Geral.

Por fim, mas não menos importante, destaque-se «*Os primeiros estatutos da Universidade de Coimbra*»<sup>42</sup>, publicação de 1991 de Manuel Augusto Rodrigues, que transcreve e traduz os três estatutos conhecidos da universidade portuguesa na Idade Média, emanados por D. Dinis (1309), D. João I (1431) e D. Manuel I (c. 1503). Os últimos são particularmente detalhados, mas, “à riqueza inegável dos dados nesta fonte, soma-se o facto de em si mesmos, os estatutos, aduzirem o impulso reformador de D. Manuel I na instituição, sendo a materialização mais evidente deste processo, e, portanto, a documentação mais óbvia para o estudo da reforma manuelina da

---

<sup>38</sup> *Auctarium Chartularii Universitatis Portugalensis. 1506-1537.*, Artur Moreira de Sá (ed.), 3 vols. (Lisboa: Instituto de Alta Cultura/Instituto Nacional de Investigação Científica, 1973-1979).

<sup>39</sup> *Oração proferida no Estudo Geral de Lisboa (1504).*, Artur Moreira de Sá (ed.) (Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1964).

<sup>40</sup> *Oração de sapiência: Oratio pro rostris (1534).*, Artur Moreira de Sá (ed.) (Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1956).

<sup>41</sup> Justino Mendes de Almeida, *Oração de Sapiência proferida em louvor de todas as disciplinas (1536)*. (Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1965).

<sup>42</sup> *Os Primeiros Estatutos da Universidade de Coimbra.*, Manuel Augusto Rodrigues (ed.) (Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1991).

universidade”<sup>43</sup>. O regulamento manuelino de 19 fólhos, à guarda do Arquivo da Universidade de Coimbra, regula diversos aspetos da administração interna da instituição através de mais de 40 artigos, desde o número de oficiais e professores, e respetivos salários e benefícios; a previsões sobre a ausência e substituição dos lentes; às funções específicas do oficialato; aos procedimentos nas procissões e atos públicos académicos; até às regras na utilização do traje universitário. Por esta razão, os estatutos manuelinos, publicados na obra, são de extraordinária relevância para o nosso estudo pois permitem conhecer a instituição de forma muito detalhada, e em certa medida, de uma forma que fontes de outra natureza (que não a estatutária) não são capazes. Além disso, a comparação entre estatutos (tanto com os anteriores como com os referentes a instituições similares) permite perceber a evolução e sentido das transformações ocorridas no período.

Em suma, as fontes “universitárias” detêm um peso considerável para a investigação em curso, reunindo um total de cerca de 2700 documentos sobre a instituição e académicos portugueses.

Uma última nota, relativamente a fontes, que não tendo nenhuma ligação evidente à universidade, salientam-se pelas possibilidades de análise que suscitam, mas sobretudo porque permitem e facilitam um verdadeiro conhecimento do governo manuelino, e conseqüentemente do programa cultural do monarca, essencial na construção do projeto de doutoramento. Neste âmbito importa salientar as *Ordenações manuelinas*<sup>44</sup> (porque à semelhança dos textos estatutários para a universidade procuraram adequar a administração e burocracia do reino ao crescimento exponencial devido ao processo expansionista); as cortes manuelinas, reunidas pelo monarca por três vezes (1498<sup>45</sup>, 1499<sup>46</sup> e 1502<sup>47</sup>); e a crónica de D. Manuel<sup>48</sup> (Góis 1926).

---

<sup>43</sup> Rui M. Rocha, “«O Rei, a universidade e o «bom regimento dos regnos». A normatização moral do oficialato académico nos estatutos universitários manuelinos (c. 1503),” *Revista de História da Sociedade e da Cultura* 20 (2020), 347-366. [https://doi.org/10.14195/1645-2259\\_20\\_16](https://doi.org/10.14195/1645-2259_20_16).

<sup>44</sup> *Ordenações Manuelinas: Livros I a V. Reprodução em fac-símile da edição de Valentim Fernandes (Lisboa, 1512-1513)*., João José Alves Dias (Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2002).

<sup>45</sup> *Cortes Portuguesas: reinado de D. Manuel I (Cortes de 1498)*., João José Alves Dias, et al. (eds.) (Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2002).

<sup>46</sup> *Cortes Portuguesas: reinado de D. Manuel I (Cortes de 1499)*., João José Alves Dias, et al. (eds.) (Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2001).

<sup>47</sup> *Cortes Portuguesas: reinado de D. Manuel I (Cortes de 1502)*., João José Alves Dias, et al. (eds.) (Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2001).

<sup>48</sup> *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel composta por Damião de Góis*., Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, David Lopes (eds.), 4 vols. (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1926).

#### 4. Metodologias

Quanto às metodologias, a investigação está assente em dois vetores distintos. O primeiro, com uma dimensão muito mais quantitativa, é a análise prosopográfica, executada mediante a construção de uma base de dados que recolhe e trata a informação dos indivíduos (neste caso, académicos) de forma sistemática. O segundo, que por sua vez é de âmbito qualitativo, distribui-se pela análise textual e análise comparativa.

Como exemplo, dado o enorme peso que esta componente tem para este estudo, apresentaremos detalhadamente a organização e objetivos da Base de Dados. Tendo em conta os objetivos de definir a composição sociológica dos corpos académicos, determinar as funções exercidas pelos seus membros e caracterizar a sua interação com as principais instituições de poder (Coroa e Igreja) com base num estudo prosopográfico, justifica-se plenamente a construção de uma base de dados desta natureza, que relacione as informações de carácter pessoal, informações académicas/profissionais e também informações sobre as relações dos académicos portugueses com a Coroa e Igreja entre os finais do século XV e início do século XVI, entre outras. Por outro lado, pela revitalização atual deste campo de estudos em Portugal – história das universidades – optámos por construir uma base de dados abrangente que permitisse coligir os dados dos escolares, mestres e oficiais ao longo de toda a sua história, facilitando assim a sua utilização para estudos menos específicos, mas que contemplem de algum modo a aplicação do método prosopográfico à universidade. Esta base de dados, genericamente, permitirá reconstituir os diversos corpos académicos da universidade portuguesa; compreender a composição sociológica dos letrados portugueses; perceber as principais tendências de estudo na universidade portuguesa (e dos escolares portugueses) e estabelecer uma hierarquia dos saberes no início do século XVI em Portugal; estudar e analisar as tendências de mobilidade dos escolares portugueses (*peregrinatio academica*); analisar as relações entre a universidade/académicos com o poder central e com a Igreja; estudar a estrutura económica e financeira da universidade e dos letrados portugueses; perceber, a partir das participações e dos temas discutidos em conselho universitários, as principais preocupações dos académicos da época, e consequentemente, as formas de resolução; entre muitos outros aspetos.

Com isto presente, a base de dados que construímos pretende coligir e ligar vários níveis de informação sobre indivíduos ligados à universidade, fosse como escolar, lente ou oficial. Para isso identificamos três níveis de informação – pessoal, académica e relações com instituições – e procuramos desenvolver e interligar várias tabelas. Nas

informações pessoais reunimos informações como o nome, datas e locais de nascimento e óbito, património, etc. Nas informações académicas, que muito importam para o estudo e compreensão da composição e organização interna das instituições universitárias da época, procuramos aferir não só os graus académicos dos indivíduos, como também a que corpo académico pertenciam, procurando sempre estabelecer datas e locais do seu exercício, para assim relacionar a eventual mobilidade de académicos com a circulação cultural e de ideias. Por fim, relativamente às informações sobre as relações com as principais instituições de poder, procuramos determinar os locais e as datas do serviço régio e eclesiástico dos académicos. Cada registo corresponde a um indivíduo, pelo que será possível que para cada documento se façam múltiplos registos.

Determinado o tipo de informação que queríamos recolher organizámos então todos os campos de recolha de análise em torno de uma tabela principal e sete tabelas secundárias que se repercutiriam, após o estabelecimento das relações, num formulário principal, com vários subformulários auxiliares, que permitem a atribuição de informações múltiplas a um só indivíduo.

## **5. Apêndices**

### ***5.1. Base de Dados Prosopográfica:***

#### **1. MATRIZ PROSOPOGRÁFICA**

- 1.1. Nome*
- 1.2. Data (documentado)*
- 1.3. Data de nascimento*
- 1.4. Local de nascimento*
- 1.5. Data de óbito:*
- 1.6. Local de óbito:*
- 1.7. Local de sepultura:*
- 1.8. Identificação conjetural*

#### **2. GRAU DE PARENTESCO / RELAÇÕES FAMILIARES**

- 2.1. Grau de Parentesco/Relação*
- 2.2. Nome do Parente*
- 2.3. Data do Parentesco*

#### **3. PATRIMÓNIO**

- 3.1. Património*
- 3.2. Forma de Aquisição*
- 3.3. Data de Aquisição*

#### **4. PERCURSO ACADÉMICO**

##### ***4.1. Grau Académico***

- 4.1.1. Grau Académico*
- 4.1.2. Matéria/área de estudos do grau*
- 4.1.3. Universidade (que concedeu grau)*
- 4.1.4. Data de concessão de grau*

## **4.2. Corpo Académico**

- 4.2.1. *Corpo Académico*
- 4.2.2. *Especificação*
- 4.2.3. *Universidade*
- 4.2.4. *Data da participação no Corpo Académico*

## **5. SERVIÇO**

### **5.1. Serviço Eclesiástico**

- 5.1.1. *Tipo de Serviço Eclesiástico*
- 5.1.2. *Especificação Serviço Eclesiástico*
- 5.1.3. *Local Serviço Eclesiástico*
- 5.1.4. *Data Serviço Eclesiástico*

### **5.2. Serviço Régio**

- 5.2.1. *Tipo de Serviço Régio*
- 5.2.2. *Especificação Serviço Régio*
- 5.2.3. *Local Serviço Régio*
- 5.2.4. *Data Serviço Régio*

## **6. FONTES E BIBLIOGRAFIA**

- 6.1. *Fonte*
- 6.2. *Formato Fonte*
- 6.3. *Tipologia Documental*
- 6.4. *Data documento*

## **5.2. Estrutura Provisória:**

### **I PARTE – LECTIO**

**Capítulo 1 - Perspetivas historiográficas. Em torno da universidade manuelina: problemas, tendências e vias de investigação**

- a) Os primeiros estudos
- b) O panorama internacional: um projeto europeu para a história das universidades
- c) A revitalização historiográfica na mudança de século
- d) A reforma e governo manuelino da universidade

#### **Capítulo 2 - Propostas teóricas: fontes, metodologias e conceitos**

- a) A publicação de fontes para o estudo da universidade. Algumas considerações
- b) Metodologias: prosopografia e humanidades digitais

### **II PARTE – EXPOSITIO**

#### **Capítulo 1 - Regnum**

- a) A sociedade portuguesa na viragem do século
- b) Projeto político manuelino: a aspiração imperial
- c) A pulsão reformista de D. Manuel: modernização ou modernidade?
- d) O programa científico-cultural: artes, letras e ciências ao serviço da monarquia
- e) Política régia universitária: entre ingerências e autonomias

#### **Capítulo 2 – Studium**

- a) Modelos e idiossincrasias da cultura universitária europeia: permanências e descontinuidades
- b) A universidade portuguesa na tradição mediterrânica: o eixo hispano-italico
- c) A comunidade académica e o questionamento dos saberes escolásticos na universidade



manuelina: das tradições às transições

- d) Organização e administração universitária: o funcionamento institucional
- e) Movimentos, dinâmicas e agentes do humanismo português: a experiência humanista na universidade manuelina
- f) A arca do Estudo: a dimensão material da universidade
- g) Rituais e cerimonial: práticas, gestos e símbolos
- h) Sociedade e universidade: em torno de uma sociologia da cultura

### **III PARTE - DISPUTATIO**

- a) Cultura universitária, humanismo e saber científico. Afinidades e disparidades.
- b) Saber universitário e poder universal: a questão universitária no projeto político manuelino

### **EXCIPIIT**

# **La transmisión del contenido medieval de la Historia General de España de Juan de Mariana (1601-1869): una propuesta de investigación**

*Iago Brais Ferrás García*

**Universidade de Santiago de Compostela**

**Resumo:** La Historia General de España es una recepción, compilación y resignificación hispana de diversos textos medievales y modernos realizada por Juan de Mariana en 1601. Se trata de una historia que narra los principales acontecimientos políticos acaecidos en la Península Ibérica desde la llegada de Tubal en tiempos prehistóricos hasta la muerte de Fernando el Católico. El objetivo de esta propuesta de investigación es estudiar la circulación del contenido dedicado por Juan de Mariana a la Edad Media en su texto a lo largo de las cuarenta ediciones del mismo entre 1601 y 1869.

**Palavras-chave:** Juan de Mariana, historiografía, Historia General de España, Edad Media.

**Abstract:** The Historia General de España is a Hispanic reception, compilation and resignification of various medieval and modern texts carried out by Juan de Mariana in 1601. It is a story that narrates the main political events that have taken place in the Iberian Peninsula since the arrival of Tubal in prehistoric times until the death of Fernando el Católico. The objective of this research proposal is to study the circulation of the content dedicated by Juan de Mariana to the Middle Ages in his text throughout its forty editions between 1601 and 1869.

**Keywords:** Juan de Mariana, historiography, Historia General de España, Middle Ages.

## **1. Introducción**

Esta propuesta de investigación se centra en el estudio de la transmisión del contenido medieval de la *Historia General de España* de Juan de Mariana desde su primera publicación en castellano en 1601 hasta su edición de 1869. La *Historia General de España* es una compilación, recepción y resignificación hispana de distintos textos de su pasado medieval y de su presente moderno. Su elaboración y publicación se sitúa

cronológica y espacialmente en la Península Ibérica durante los reinados de Felipe II (1556-1598) y de Felipe III (1598-1621).

Estas coordenadas espaciales y temporales nos ubican en un contexto de producción en transición como consecuencia del impacto sobre el sistema cristiano medieval de un conjunto de acontecimientos históricos. Por ejemplo, la colonización de América, el enfrentamiento entre la Reforma Protestante y la Reforma Católica, y la construcción de un Imperio hispánico. Todo ello formará un caldo de cultivo que se verá representado tanto en la escritura como en el contenido medieval de la *Historia General de España*. Un texto sobre la historia de España que permaneció vigente durante más de 250 años como muestran sus cuarenta ediciones en diversos territorios europeos y su traducción al inglés y al castellano

El principal objetivo de esta propuesta de investigación es estudiar cómo el contenido dedicado al medievo por Juan de Mariana en la *Historia General de España* se ha transmitido a lo largo de las distintas ediciones del texto. Para su consecución, desarrollaremos una metodología teórico-conceptual que girará alrededor del estudio de los contextos, el autor y la autoría, los contenidos, la intencionalidad, y la escritura de la propia obra. Paralelamente, esta dimensión teórica del trabajo se complementará con una metodología cuantitativa y cualitativa de investigación basada en el uso de las distintas herramientas de análisis textual proporcionadas por las Humanidades Digitales.

## **2. Los estudios sobre la circulación de la *Historia General de España* como encuadramiento historiográfico de la investigación.**

Esta propuesta de investigación sobre la transmisión del contenido medieval de la *Historia General de España* de Juan de Mariana a lo largo de sus cuarenta ediciones entre 1601 y 1869 se encuadra historiográficamente en los estudios sobre la circulación y recepción del texto. En este sentido podemos señalar dos antecedentes:

- a) Por un lado, el trabajo de Antonio Juárez Medina<sup>1</sup>, quien aborda la recepción de la *Historia General de España* a través de un análisis social de los suscriptores al texto durante el siglo XVIII español. Su investigación apunta hacia una

---

<sup>1</sup> Antonio Juárez Medina, “Un estudio de la lista de suscriptores a la “Historia de España” de Juan de Mariana, Valencia, 1783, desde la hipótesis de las dos Españas”, in *Una de las dos Españas: representaciones de un conflicto identitario en la historia y en las literaturas hispánicas*, coord. por Gero Arnscheidt e Pere Joan Tous (Madrid: Iberoamericana Vervuert, 2007), 687-706.

heterogeneidad social del círculo de lectores del libro de Mariana. Una cuestión llamativa porque el precio de cada suscripción alcanzaba los 324 reales, de los cuales 216 tenían que ser pagados por adelantado.

- b) Por otro, el trabajo de Valentín Moreno Gallego<sup>2</sup>. Este autor sugiere dos ideas sobre el texto de Mariana basadas en el estudio de un corpus documental formado por diversas fuentes escritas como el contrato de imprenta de la edición de 1623: 1) dicha edición de 1623 de la *Historia General de España* es el texto estándar de referencia de la Biblioteca de Autores Españoles y la edición más citada; y 2) debido a los defectos observados por Juan de Mariana en el primer tomo de la edición de 1623 publicado en Madrid por Luis Sánchez decidió que el segundo tomo se imprimiese en Toledo por Diego Rodríguez.

De esta forma, nuestra propuesta de investigación busca complementar los trabajos previos sobre la circulación y la recepción del texto a partir del estudio de cómo se ha transmitido el contenido medieval de la *Historia General de España* durante los siglos XVII-XIX. Esto nos permitirá posteriormente preguntarnos el qué, el quién, el cuándo, el dónde y el cómo de cada una de las diferentes ediciones de la historia de Juan de Mariana.

### **3. Una “larga Edad Media” como síntesis del contexto de producción de la *Historia General de España* de Juan de Mariana.**

Juan de Mariana publica la *Historia General de España* en 1601. Se trata de una fecha que sitúa tanto al autor como a la obra en un contexto de producción caracterizado a nivel sistémico por una continuidad de los pilares fundamentales sobre los que descansaba el medievo. La realidad social en la que fue elaborada la historia de Mariana es cierto que se vio afectada por las transformaciones que se produjeron al hilo de la aparición de la imprenta, la colonización de América, la escisión y enfrentamiento entre la Reforma y la Contrarreforma, el papel de centro que la Monarquía hispánica desempeñaba a nivel global durante el reinado de Felipe II (1556-1598) y de Felipe III (1598-1621), el desarrollo del horizonte de expectativas del Imperio hispánico, y la pugna y dinámica de construcción de imperios y monarquías europeas, entre otras cuestiones<sup>3</sup>. Sin embargo, todos estos acontecimientos no destruyeron el orden primario

---

<sup>2</sup> Valentín Moreno Gallego, “Juan de Mariana ante la imprenta de Luis Sánchez. El “textus receptus” de la “Historia General de España”, *Bulletin hispanique* 110, n.º. 1 (2008): 111-144.

<sup>3</sup> Para una panorámica en conjunto del contexto intelectual de finales del siglo XVI, *vd.* Quentin

del sistema cristiano medieval porque este fue capaz de aumentar su flexibilidad de cara a incorporar todos estos nuevos elementos sin ocasionar transformaciones revolucionarias de conjunto.

Por ejemplo, el desarrollo de la imprenta y el auge de las lenguas vernáculas ampliaron el público y la audiencia de los textos porque facilitaron su acceso al circuito de transmisión intelectual al crear nuevas formas de sociabilidad por la mayor distinción entre tradición oral y escrita<sup>4</sup>. Muestra de ello es la progresiva aparición de “estrategias editoriales” y la apreciación de audiencias específicas, como podemos observar en el prólogo de la *Historia General de España*: “boluila en Romance, muy fuera de lo que al principio pensé, por la instancia continua que de diuersas partes me hizieron sobre ello, y por el poco conocimiento que de ordinario oy tienen en España de la lengua Latina, aun los que en otras sciencias y profesiones se auentajan”<sup>5</sup>.

No obstante, Iglesia y Monarquía continuaron actuando como órganos oficiales de producción cultural al mismo tiempo que demostraban su autoridad social. La producción textual estaba sometida a una rigurosa censura para que el contenido de los textos se acomodase a los intereses y necesidades de los grupos de poder<sup>6</sup>. En este sentido, la *Historia General de España* tuvo que ser aprobada por los censores fray Gabriel Pieno de la orden de san Agustín, por Prudencio de Sandoual de la orden de san Benito, y por dos miembros de la propia Compañía de Jesús. Orden a la que pertenecía Juan de Mariana.

Esta idea de continuidad del sistema cristiano medieval durante la transición del siglo XVI al siglo XVII hace eco de las tesis de Jacques Le Goff. El reputado medievalista francés, miembro de la tercera generación de la Escuela de los *Annales*, propuso

---

Skinner, *Los fundamentos del pensamiento político moderno*, vol. 2: *La Reforma* (México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1986). Para un estudio biográfico sobre Juan de Mariana, *vd.* Alan Soons, *Juan de Mariana* (Boston: Twayne Publishers, 1982). Mientras que para un estudio del texto en relación a su contexto dentro de la escritura de la historia de España, *vd.* Gonzalo Pasamar, *Apologia and criticism: historians and the history of Spain, 1500-2000* (New York: Peter Lang, 2010).

<sup>4</sup> Roger Chartier, *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna* (Madrid: Alianza, 1993), 93 y 100-103; Roger Chartier, *El mundo como representación. Estudios sobre historia cultural* (Barcelona: Gedisa, 1992), 125.

<sup>5</sup> Juan de Mariana, *Historia General de España*, tomo I (Toledo, Imprenta de Pedro Rodríguez, 1601).

<sup>6</sup> Anne J. Cruz y Mary Elizabeth Perry, “Culture and Control in Counter-Reformation Spain”, in *Culture and Control in Counter-Reformation Spain*, eds. Anne J. Cruz y Mary Elizabeth-Perry (Minnesota: University of Minnesota Press, 1992), xi-xiv. En este sentido, James Westfall Thompson nos habla de una guerra historiográfica para referirse a este contexto de producción en el que todos los agentes político-religiosos usaron la historia como un arma con la que disparar a sus oponentes. *Vd.* James Westfall Thompson, *A History of Historical Writing*, vol. 1 (New York: Macmillan, 1942), 540 y 572.

una nueva interpretación que sitúa a la “Edad Media” entre el final del Imperio Romano y la Revolución Industrial. Bautizó a este periodo con el nombre de “larga Edad Media”<sup>7</sup>. Le Goff, partiendo de la idea de que toda periodización es artificial y que si se le otorgan más significados que el de mera herramienta historiográfica puede inducir a errores, trata de alejarse con esta propuesta de inmovilismos y del oscurantismo al que se había relegado al medievo al mismo tiempo que busca reconocer las particularidades de la fase denominada Edad Moderna<sup>8</sup>. Así, esta “larga Edad Media” reconoce que el sistema medieval sigue su curso con una Iglesia preponderante hasta la Ilustración y la Revolución Francesa, ya que no se cuestionó su posición central, ni tampoco se observa una crítica de otros elementos como los ritos de la realeza sagrada, el papel de los órdenes sociales en el imaginario colectivo o la coerción económica y extraeconómica previa.

Por todo ello, la *Historia General de España* de Juan de Mariana adquiere significación en un contexto de producción en transición en el que no se había producido una ruptura cultural e intelectual con respecto al medievo. Una realidad marcada por un sistema sociocultural asentado sobre una visión cristiana del mundo que, al operar sobre la idea de comunidad sujeta a salvación, fomentaba una dimensión ético-existencial del saber.

#### **4. Un texto sobre la historia de España vigente durante más de dos siglos y medio.**

---

<sup>7</sup> Jacques Le Goff, *En busca de la Edad Media* (Barcelona: Paidós, 2003), 41 y ss; Jacques Le Goff, “Prólogo”, in *La civilización feudal. Europa del año mil a la colonización de América*, trad. Jérôme Baschet (México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 2009), 9. Otras interpretaciones similares son, por ejemplo, la de Catherine Holmes y Naomi Standen, quienes proponen, basándose en el tiempo de larga duración, una larga Edad Media de 1300 años caracterizada por múltiples centros y sociedades plurales. Vd. Catherine Holmes y Naomi Standen, “Defining the Global Middle Ages”, *Medieval Worlds*, no 1 (2015): 106 y 110.

<sup>8</sup> Son numerosos los autores que proponen superar el propio concepto de “Edad Media” porque sostienen que la división cronológica de la historia está obsoleta, ya que posee un marcado europeísmo e ignora los avances histórico-metodológicos del siglo XX. Vd. Daniela Romagnoli, “Contra el concepto de la Edad Media en la historiografía de nuestro tiempo”, *Problemas de Historiografía. Actas del II Congreso Internacional “Historia a Debate”*, ed. Carlos Barros, tomo III (Santiago de Compostela: Historia a Debate, 2000), 271; César González Mínguez, “La construcción de la Edad Media: Mito y Realidad”, *PITTM*, no 77 (2006): 117; Robert S. López, *El nacimiento de Europa* (Barcelona: Labor, 1965), 7; Régine Pernoud, *¿Qué es la Edad Media?* (Madrid: EMESA, 1979), 186. Muy ilustrativo de esta postura historiográfica es el siguiente fragmento de Massimo Montanari: “[...] abolir la “Edad Media”, incluso la expresión, de mi horizonte mental. Es casi un desafío y que me ha hecho entender cómo hasta un medievalista de profesión pueda servirse de aquella categoría para simplificar expeditivamente el discurso, para evitar el riesgo de adentrarse en la vida de la historia y de medirse directamente con los hombres y sus vicisitudes cotidianas”. Cf. Massimo Montanari, *El hambre y la abundancia: historia y cultura de la alimentación en Europa* (Barcelona: Crítica, 1993), 13.

La *Historia General de España* de Juan de Mariana es una recepción, compilación y resignificación hispana de distintos textos de su pasado medieval y de su presente moderno. Se trata de una obra que representa la necesidad que tenía la Monarquía hispánica durante el reinado de Felipe II de ser legitimada histórica e intelectualmente. Esta obra de 1601 está estructurada en una sucesión de capítulos de un único párrafo, formados por folios de cuarenta y una líneas, que componen un total de treinta libros. Su contenido se centra en acontecimientos históricos de tipo político, militar y religioso con el Reino de Castilla como hilo conductor. Los veinte primeros libros abarcan desde la llegada de Tubal a la Península Ibérica en tiempos prehistóricos hasta la guerra entre el Reino de Castilla y el Reino de Aragón. Los diez siguientes continúan el relato hasta el final del reinado de Fernando el Católico en 1516.

El discurso de la *Historia General de España* se desarrolla cronológicamente y se refiere tanto al presente moderno en el que Juan de Mariana escribe como al pasado medieval que describe. Una cuestión que repercute en cómo Mariana resignifica los materiales que compiló para elaborar su historia, ya que el contenido del texto se orienta hacia la explicación de la posición central que ocupaba la Monarquía hispánica en el momento en el que fue escrito. En este sentido, la *Historia General de España* está holísticamente concebida en tres grandes bloques narrativos que vertebran el contenido adscrito a cada uno:

- 1) La idea de pecado. Esta es personificada en las flaquezas de don Rodrigo, último rey visigodo.
- 2) La idea de castigo divino se materializa en forma de invasión musulmana y la consecuente caída del reino visigodo.
- 3) La idea de redención. Los reyes astures, presentados como los sucesores de los reyes visigodos que no habían caído en la corrupción y como antecesores de Felipe II, inician la restauración del cristianismo en la Península Ibérica.

Desde esta concepción holística, y tras un *Laudes Hispaniae* en el primer libro que sirve de presentación del espacio en el que se desarrollarán los hechos narrados en el texto, Juan de Mariana selecciona los acontecimientos históricos por su utilidad político-moral. Esta cuestión remite a la propia idea de historia de finales del siglo XVI y a la condición de teólogo jesuita de Mariana, quien utiliza el pasado como un catecismo del tiempo presente.

Desde esta primera publicación de la *Historia General de España* en 1601

podemos diferenciar las siguientes ediciones en relación a las distintas versiones del texto: a) las ediciones en vida de Juan de Mariana; b) las ediciones póstumas sin añadidos, es decir, sin una continuación del relato de Juan de Mariana hasta el respectivo tiempo presente del autor; c) las ediciones póstumas con añadidos; y d) las ediciones póstumas publicadas fuera de la Península (en Anexo).

En definitiva, nos encontramos con un texto sobre la historia de España con 40 ediciones contabilizadas en un período cronológico que comprende desde 1601 hasta 1869. Por ello, y dado los estudios previos como el de Antonio Juárez Medina, quien apunta la existencia de la *Historia General de España* en los principales espacios culturales del siglo XVIII español<sup>9</sup>, sugerimos que nos encontramos con un texto que ha tenido recepción notable y que ha estado vigente durante más de 250 años, tanto dentro como fuera de la Península Ibérica.

## **5. Metodología y uso de herramientas digitales en el análisis de la transmisión del contenido medieval de la *Historia General de España*.**

Para el estudio de la transmisión del contenido medieval de la *Historia General de España* a lo largo de sus diferentes ediciones entre 1601 y 1869, esta propuesta de investigación partirá de una metodología teórico-conceptual que girará alrededor del estudio de los contextos, el autor y la autoría, los contenidos, la intencionalidad y la escritura de la propia obra dentro del marco historiográfico de los estudios sobre la circulación del libro. A su vez, esta se verá complementada con una metodología cuantitativa y cualitativa de investigación basada en el uso de las distintas herramientas digitales de análisis textual proporcionadas por las Humanidades Digitales. Veamos un ejemplo.

El contenido dedicado al medievo en la *Historia General de España* se localiza entre los Libros V y XXVII de la edición de 1601, al igual que en las dos ediciones seleccionadas a modo de ejemplo: la de 1780 y la de 1848. Nuestra hipótesis es que el contenido dedicado a la Edad Media ha pasado prácticamente intacto durante más de 250 años a lo largo de las cuarenta ediciones del texto. Hemos seleccionado la leyenda del palacio encantado de Toledo, recogida en el Libro Sexto, Capítulo XXI “De los principios del rey don Rodrigo”, presente en cada una de las tres ediciones. El objetivo es

---

<sup>9</sup> Juárez Medina, “Un estudio de la lista de suscriptores a la “Historia de España” de Juan de Mariana, Valencia, 1783, desde la hipótesis de las dos Españas”, 687-706.



analizar textualmente de forma cuantitativa y cualitativa, utilizando la herramienta digital *VoyantTools*, el grado de transmisión y similitud entre ellas.

### **Fragmento A**

*“Auia en Toledo vn palacio encantado, como lo cuenta el arçobispo don Rodrigo, cerrado con gruessos cerrojos, y fuertes candados, para que nadie pudiesse en el entrar. Ca estauan persuadidos, assi el pueblo, como los principales, que alahora que fuesse abierto, seria destruyda España. Sospechó el rey que esta boz era falsa, para effecto de encubrir los grandes tesoros que pusieron allí los reyes passados. Demas desto, mouido por curiosidad, sin embargo que le ponían grandes temores, como sean las voluntades de los reyes tan determinadas en lo que vna vez proponen, hizo quebrantar las cerraduras. Entró dentro: no hallo algunos tesoros: solo vn arca, y en ella vn lienço, y en el pintados hombres de rostros y hábitos estraordinarios, con vn letrero en Latin, que decía: Por esta gente será en breue destruyda España. Los trages y gestos parecían de Moros: por lo qual los que presentes se hallaron, quedaron persuadidos que aquel mal y daño vendría de Africa: y no menos arrepentido el rey, aunque tarde, de auer sin proposito, y a grande riesgo, escudriñado y sacado a luz misterios encubiertos hasta entones con tanto cuydado.”<sup>10</sup>*

### **Fragmento B**

*“Habia en Toledo un palacio encantado, como lo cuenta el Arzobispo don Rodrigo, cerrado con gruesos cerrojos y fuertes candados para que nadie pudiese en él entrar, ca estaban persuadidos así el pueblo como los principales ue á la hora que fuese abierto, sería destruida España. Sospechó el Rey que esta voz era falsa para efecto de encubrir los grandes tesoros que pusieron allí los Reyes pasados. Demas desto movido por curiosidad, sin embargo que le ponían grandes temores, como sean las voluntades de los Reyes tan determinadas en lo que una vez proponen, hizo quebrantar las cerraduras. Entró dentro: no halló algunos tesoros, solo un arca, y en ella un lienzo y en él pintados hombres de rostros y habitos estraordinarios con un letrero en Latin que decía: POR ESTA GENTE SERA EN BREVE DESTRUIDA ESPAÑA. Los trages y gestos parecian de Moros: así los que presentes se hallaron, quedaron persuadidos que aquel mal y daño vendria de Africa; y no menos arrepentido el Rey aunque tarde de haber sin proposito y á grande riesgo escudriñado y sacado á luz mysterios encubiertos hasta entonces con tanto cuidado.”<sup>11</sup>*

---

<sup>10</sup> Juan de Mariana, *Historia General de España*, Libro Sexto, Capítulo XXI: “De los principios del Rey don Rodrigo”, 396.

<sup>11</sup> Juan de Mariana, *Historia General de España*, compuesta enmendada y añadida, por el padre

## Fragmento C

*“Había en Toledo un palacio encantado, como lo cuenta el arzobispo don Rodrigo, cerrado con gruesos cerrojos y fuertes candados para que nadie pudiese en él entrar, ca estaban persuadidos así el pueblo como los principales que á la hora que fuese abierto, seria destruida España. Sospechó el rey que esta voz erra falsa para efecto de encubrir los grandes tesoros que pusieron allí los reyes pasados. Demas desto movido por curiosidad, sin embargo que le ponían grandes temores, como sean las voluntades de los reyes tan determinadas en lo que una vez proponen, hizo quebrantar las cerraduras. Entró dentro: no halló algunos tesoros, solo un arca, y en ella un lienzo y en él pintados hombres de rostros y hábitos extraordinarios con un letrado en latín que decía: POR ESTA GENTE SERA EN BREVE DESTRUIDA ESPAÑA. Los trages y gestos parecian de Moros: así lo que presente se hallaron, quedaron persuadidos que aquel mal y daño vendría de Africa; y no menos arrepentido el rey aunque tarde de haber sin propósito y á grande riesgo escudriñado y sacado á la luz misteriosos encubiertos hasta entonces con tanto cuidado.”<sup>12</sup>*

Si contrastamos, comparamos y analizamos textualmente los fragmentos de cada una las tres ediciones seleccionadas de la *Historia General de España* obtenemos el siguiente conjunto de datos cuantitativos.

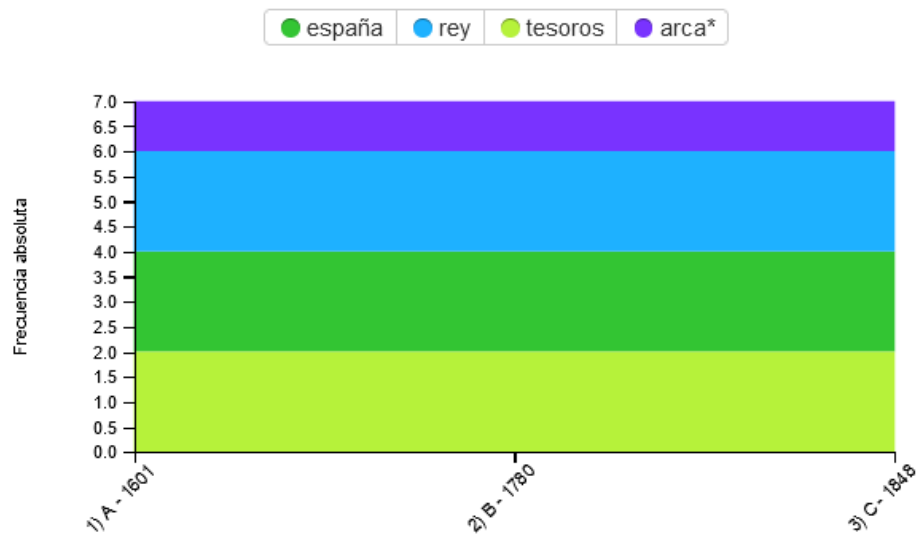
El grado de extensión de la escritura dedicada a dicha leyenda es prácticamente idéntico, ya que el fragmento más largo (C) tiene una extensión de 189 palabras, mientras que el fragmento más corto (B) tiene una extensión de 188. Igualmente, en relación a la densidad del vocabulario de cada fragmento, vemos cómo los resultados son similares, ya que entre el fragmento con un índice más alto (B) y el fragmento con el índice más bajo (A) sólo hay una diferencia de 0,006 (0.675 frente a 0.670).

Si seleccionamos cuatro palabras representativas del contenido de la leyenda (España, rey, tesoros, arca) podemos ver cómo tanto su frecuencia absoluta como su frecuencia relativa son idénticas en cada una de las tres ediciones escogidas de la *Historia General de España*.

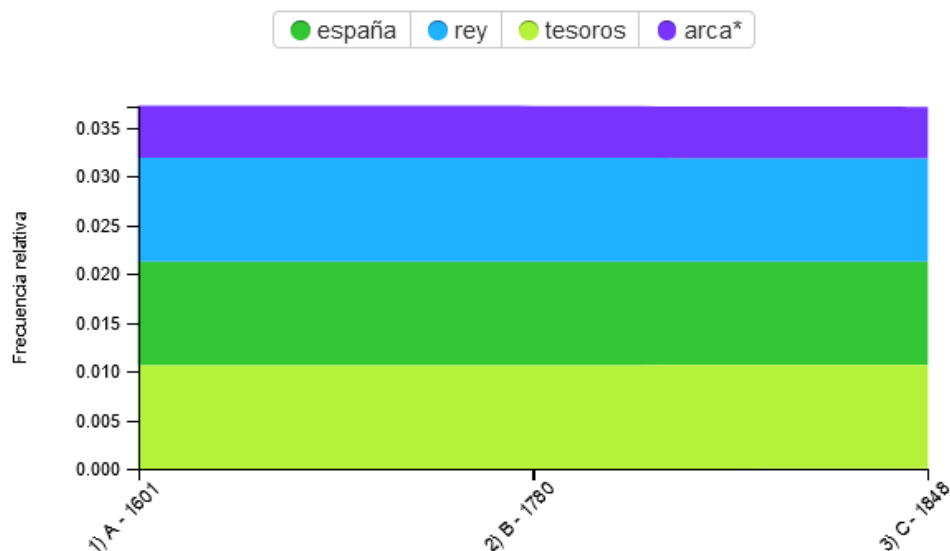
---

*Juan de Mariana; con el sumario y tabla*, Libro Sexto, Capítulo XXI: “De los principios del Rey D. Rodrigo”(Madrid: por D. Joachin de Ibarra: 1780), 359.

<sup>12</sup> Juan de Mariana, *Historia General de España*, edición continuada por José Manuel Miñana y completada por Eduardo Chao, Libro Sexto, Capítulo XXI: “De los principios del Rey don Rodrigo” (Madrid, Imprenta y librería de Gaspar y Roig, 1848), 303-304.

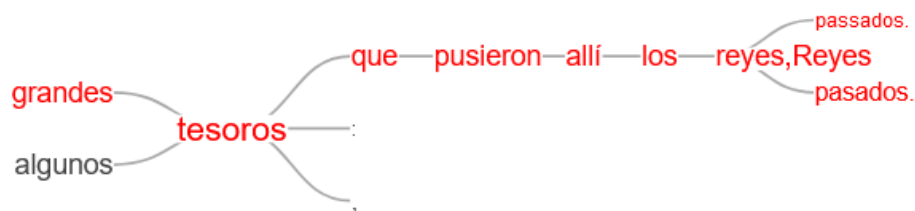


Frecuencia absoluta en tantos por cien de los términos “España”, “rey”, “tesoros” y “arca” en la leyenda seleccionada de las ediciones de 1601, 1780 y 1848. Elaboración propia a partir de la herramienta digital *VoyantTools*.

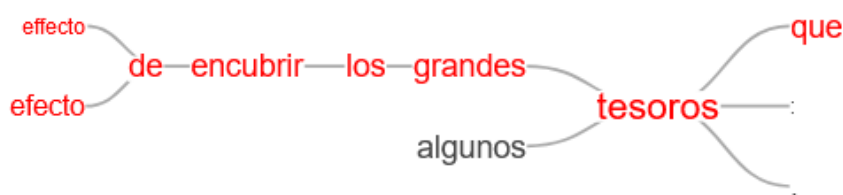


Frecuencia relativa en tantos por cien de los términos “España”, “rey”, “tesoros” y “arca” en la leyenda seleccionada de las ediciones de 1601, 1780 y 1848. Elaboración propia a partir de la herramienta digital *VoyantTools*.

En cuanto al análisis cualitativo de los fragmentos, hemos seleccionado como muestra representativa de los fragmentos el término “tesoros”. Esta palabra de forma conjunta en las ediciones de 1601, 1780 y 1848 ofrece las siguientes conexiones textuales.



Reconstrucción de las conexiones textuales del término “tesoros” en la leyenda seleccionada de las ediciones de 1601, 1780 y 1848. Elaboración propia a partir de la herramienta digital *VoyantTools*.



Reconstrucción de las conexiones textuales del término “tesoros” en la leyenda seleccionada de las ediciones de 1601, 1780 y 1848. Elaboración propia a partir de la herramienta digital *VoyantTools*.

Como podemos observar, la diferencia entre los tres textos es prácticamente nula. Los términos anteriores y posteriores del ejemplo seleccionado ofrecen unos resultados muy similares. Las únicas diferencias lingüísticas son las variaciones en el término “efecto”, ya que en la edición de 1601 esta aparece escrita con -ff-, “efecto”, mientras que en las ediciones de 1780 y 1848 aparece con -f-, “efecto”. También en el término “pasados”, que sigue la misma pauta, en 1601 aparece recogido con -ss-, “passados”, mientras que en 1780 y 1848 aparece con -s-, “pasados”.

Por ende, a la luz del conjunto de datos cuantitativos y cualitativos obtenidos tras el análisis textual de los fragmentos seleccionados de las ediciones de 1601, 1780 y 1848, podemos sugerir que el contenido y la escritura de este ejemplo concreto de la leyenda del palacio de Toledo ha pasado intacto durante los 247 años que separan las tres ediciones.

## 5. Estructura de trabajo y desarrollo temático.

Para estudiar la transmisión del contenido dedicado a la Edad Media en la

*Historia General de España* de Juan de Mariana durante más de 250 años a lo largo de las cuarenta ediciones del texto, nuestra propuesta de investigación se estructurará en seis puntos fundamentales:

- a) Un abordaje de los distintos contextos de las diferentes ediciones de la *Historia General de España*<sup>13</sup>.
- b) Un estudio del autor y de la autoría de la *Historia General de España*<sup>14</sup>.
- c) Un análisis de la historia de la historiografía del texto, es decir, de sus diferentes ediciones, sus dataciones y su circulación.
- d) Un examen de la *Historia General de España* prestando especial atención a la intencionalidad con la que fue escrita<sup>15</sup>.
- e) Una investigación cualitativa y cuantitativa del contenido medieval de las diferentes ediciones a partir de una metodología basada en el uso de las herramientas proporcionadas por las Humanidades Digitales<sup>16</sup>.

## 6. Conclusión

La *Historia General de España* es una compilación, recepción y resignificación hispana de distintos textos de su pasado medieval y de su presente moderno. Se trata de una obra cuya elaboración y publicación la sitúan cronológica y espacialmente en la Península Ibérica durante los reinados de Felipe II (1556-1598) y Felipe III (1598-1621). Estas coordenadas espaciales y temporales nos ubican en un contexto de producción en transición que se representa tanto en la escritura como en el contenido de la *Historia General de España* de Juan de Mariana. Un texto sobre la historia de España que permaneció vigente durante más de 250 años como muestran sus cuarenta ediciones en diversos territorios europeos y su traducción al inglés y al francés.

En las dichas cuarenta ediciones de la historia de Mariana nos encontramos con un contenido medieval que se ha transmitido a lo largo del tiempo de una forma determinada. El objetivo de esta propuesta de investigación es analizar sus posibles

---

<sup>13</sup> Dominick LaCapra, *History, literature, critical theory* (New York: Cornell University Press, 2013); "Intellectual History and Its Ways", *The American Historical Review* 97, no 2 (1992): 425-439; *Rethinking Intellectual History: Texts, Contexts, Language* (Ithaca/London: Cornell University Press, 1987).

<sup>14</sup> Michel Foucault, "¿Qué es un autor?", in *Entre filosofía y literatura. Obras esenciales*, vol. 1 (Barcelona: Paidós, 1999), 329-360; y Hans Robert Jauss, *Towards an Aesthetics of Reception* (Minneapolis: University of Minnesota, 1982).

<sup>15</sup> Quentin Skinner, *Visions of politics*, Vol. I: *Regarding method* (Cambridge: Cambridge University Press, 2002).

<sup>16</sup> Anaclét Pons, *El Desorden Digital* (Madrid: Siglo XXI, 2013).

reescrituras, sus resignificaciones y sus utilizaciones. En este sentido, a modo de ejemplo del uso de herramientas digitales en el estudio del texto, hemos seleccionado la leyenda del palacio de Toledo contenida en el libro VI. Los resultados y datos obtenidos muestran que su escritura ha pasado de forma íntegra a lo largo de un arco temporal de 247 años. Por todo ello, sugerimos que podríamos estar ante una transmisión prácticamente intacta de la primera edición de 1601 hasta 1869. No obstante, todavía nos encontramos en una fase preliminar, por lo que es necesario profundizar en la investigación antes de poder realizar afirmaciones categóricas.

## 7. Anexo

a) Las ediciones en vida de Juan de Mariana.

<b>Año de publicación</b>	<b>Añadidos</b>	<b>Autor del añadido</b>	<b>Lugar de edición</b>	<b>Impresor / Editor</b>
1608	No		Madrid	Luis Sánchez
1616	Si	Juan de Mariana	Madrid	A costa de Alonso Pérez por Iuan de la Cuesta
1623	Si	Juan de Mariana	Madrid	A costa de Luis Sánchez y Andrés García

b) Las ediciones póstumas sin añadidos.

<b>Año de publicación</b>	<b>Lugar de edición</b>	<b>Impresor / Editor</b>
1735	Madrid	A costa de Domingo González por Francisco Martínez
1780	Madrid	Joaquín Ibarra
1780	Madrid	Andrés Ramírez
1782	Madrid	Andrés Ramírez
1783-1796	Valencia	Benito Monfort
1828	Madrid	Hijos de Doña Catalina Piñuela
1845-1847	Madrid	Frossart y Compañía
1836-1847	Madrid	Sociedad Filológica Española a cargo de Mamerto Carrero y Julián Arranz

c) Ediciones póstumas con añadidos.

<b>Año</b>	<b>Autor del añadido</b>	<b>Lugar de edición</b>	<b>Impresor / Editor</b>
1649	Fray Hernando de Camargo	Madrid	A costa de Domingo Palacio por Carlos Sánchez
1650	Fray Hernando de Camargo	Madrid	A costa de Gabriel de León por Carlos Sánchez
1650	Fray Hernando de Camargo	Madrid	Matheo Sánchez
1669	Basilio Bareu de Soto	Madrid	A costa de Iuan Antonio Bonet por Andrés García de la Iglesia
1678	Félix Lucio de Espinosa y Malo	Madrid	A costa de Iuan Antonio Bonet por Andrés García de la Iglesia
1733-1734	Manuel José Medrano	Madrid	A expensas de Toribio Ruiz de Villa y Pedro Iturralde en la imprenta de la viuda de Geronymo Roxo
1741	Manuel José Medrano	Madrid	Manuel Fernández
1794	José Manuel Miñana	Madrid	Benito Cano
1804	José Manuel Miñana	Madrid	Gómez Fuentenebro y Compañía
1808	José Sabau y Blanco	Madrid	Hijos de Catalina Piñuela
1817-1822	José Sabau y Blanco	Madrid	Leonardo Núñez de Vargas
1830-1841	José Sabau y Blanco	Valencia	Manuel López
1839-1840	Gutiérrez de la Peña	Barcelona	Francisco Oliva
1841-1843	José María Queipo de Llano	Madrid	Sociedad de Literatos
1848	Ortiz de la Vega	Barcelona	Librería de la Sra. V. Razola



1848-1851	Eduardo Chao	Madrid	Gaspar y Roig
1851-1852	VV. AA.	Madrid	Semanario Pintoresco Español
1852-1854	VV. AA.	Madrid	Semanario Pintoresco Español
1853-1855	Eduardo Chao	Madrid	Gaspar y Roig
1862-1864	Antonio del Villar	Barcelona	Luis Tasso
1867-1869	Eduardo del Palacio	Madrid	M. Rodríguez y Compañía

d) Ediciones póstumas publicadas fuera de la Península.

<b>Año de publicación</b>	<b>Añadidos</b>	<b>Autor del añadido</b>	<b>Idioma del texto</b>	<b>Traductor</b>	<b>Lugar de edición</b>	<b>Impresor / Editor</b>
1699	Si	Camargo y Bareu	Inglés	John Stevens	Londres	Richard Sare, Francis Saunders y Thomas Bennet
1718-1719	No		Español		Lyon	Antonio Briasson
1723	No		Francés		París	Jean-François Moreau
1723	No		Francés		París	Guillaume Cavelier
1725	No		Francés		París	Le Merciere, Le Lottin, Josse le Fils et Briasson
1737	No		Español		Amberes	Marcos-Miquel Bousquet y Compañía
1751-1756	Si	José Manuel Miñana	Español		Amberes	Marcos-Miquel Bousquet y Compañía

# Imágenes de dolor y piedad mariana desde Oriente a Occidente entre los siglos XI- XV

*Julia María García Morales*  
**Universidad de Murcia**

**Resumo:** El presente trabajo pretende abordar la cuestión de la compasión mariana en la imagen, la liturgia y el texto a lo largo de la Edad Media. Para ello, partiremos de una revisión de ciertas fuentes textuales y de representaciones bizantinas en las que se plasmó este tema. Posteriormente, nos centraremos en mostrar cómo se convirtió en el ámbito occidental en una práctica devocional y afectiva de sumo interés, mostrando su inclusión en una serie de imágenes.

**Palavras-chave:** Dolor, Lamento, Piedad, Virgen

**Abstract:** This paper aims to address the question of Marian compassion in image, liturgy and text throughout the Middle Ages. To do so, we will start with a review of certain textual sources and Byzantine representations in which this theme was embodied. Subsequently, we will focus on showing how it became a devotional and affective practice of great interest in the Western world, showing its inclusion in a series of images.

**Keywords:** Pain, Lament, Pity, Virgin

## 1. Tema

El tema que centra esta propuesta es la gestación de la figura compasiva de María tanto en Oriente como en Occidente a lo largo de la Baja Edad Media. Dicho asunto se convirtió en un *topos* que eclipsó la literatura, la liturgia y las artes plásticas.<sup>1</sup> En el caso de la cultura visual, el dolor de la Virgen se reflejó en diferentes motivos iconográficos que, en algunos casos, tuvieron su punto de partida en Oriente, traspasando hacia Occidente, cobrando gran significación desde el siglo XII. Fueron numerosas las representaciones que trataron esta cuestión en un marco cronológico tan amplio. Es

---

<sup>1</sup> Este artículo es realizado bajo la Ayuda para la Formación del Profesorado Universitario (FPU) otorgada por el ministerio de Ciencia, Innovación y Universidades en la convocatoria 2019-2020 [Código de Referencia: FPU19/02768]. Deseo agradecer a la profesora Ana Cristina Correia de Sousa por las sugerencias dadas, que han permitido enriquecer este texto y, por ende, mi propia investigación.

por ello que, vamos a examinar algunas de ellas, en la que se exhibe esa piedad y dolor a través del espasmo mariano.

El origen de la *Mater Dolorosa* se encuentra en las fuentes literarias, transfiriéndose después a la liturgia y al arte. Los primeros textos que centran este tema se ubicaron en la órbita Oriental. Partiendo de los escritos evangélicos, solo san Juan se expresó acerca de la presencia de María durante la Crucifixión (19, 25-27), pero no aludió a ningún *planctus*. Por lo que, el silencio de las fuentes bíblicas sobre el lamento mariano trajo consigo la necesidad de explorar textos apócrifos en los que la figura de la Virgen comenzó a cobrar cierto protagonismo.<sup>2</sup>

Los autores medievales tomaron como punto de partida El Evangelio de San Lucas, en el que se expuso la profecía de Simeón (2, 34-35), en la que se mencionaba cómo una espada atravesaría el alma de María para aludir a su dolor. La aflicción que la Madre pudo sentir al ver a su Hijo crucificado inspiró una serie de escritos en los que se reflexionó sobre el afecto materno.

Durante los primeros siglos, la mariología quedó vinculada a la Cristología, por lo que la definición de la Virgen estuvo destinada a demostrar la importancia de la Encarnación y su rol en la misma. Sin embargo, no fue hasta el siglo VI cuando apareció el que ha sido considerado como el primer lamento de la Virgen al pie de la cruz escrito por Romanos El Méloda.<sup>3</sup> Se trata de un diálogo entre Madre e Hijo cargado de un gran patetismo, donde se explora las cualidades humanas y emocionales de María en su dimensión maternal, en un tiempo en el que su culto comenzó a estar asentado, y cuya figura quedó delimitada tanto en los concilios de Éfeso y Calcedonia bajo el título de *Theotokos*.

En Occidente, desde el siglo IV, San Ambrosio intentó definir la postura que mantuvo la Virgen en los momentos más duros de la Pasión. Estableció que, pese a su dolor, ella mantuvo su entereza, serenidad y estoicidad, no sucumbiendo a su parte más humana ya que, de no ser así, se pondría en duda la creencia en la Resurrección

---

<sup>2</sup> El género del lamento ya apareció en diferentes relatos bíblicos del Antiguo Testamento. Asimismo, fue un tema muy usado en la Antigüedad, cuyos modos y formas literarias ejercieron gran influencia en la configuración del *planctus mariae*. Este tema ha sido tratado por Henry Maguire, *Art and Eloquence in Byzantium* (Princeton: Princeton University Press, 1981).

<sup>3</sup> Anterior a este himno, se encuentra dos textos siríacos: uno de ellos atribuidos a Efrén de Siria y sobre el que se duda tanto su fecha- siglo IV- como su autoría; y el de Jacobo de Sarug, en cuya homilía Sobre el tránsito de María, expuso el dolor por la pérdida de su hijo bajo la cruz. Véase: Margaret Alexiou, "The Lament of the Virgin in Byzantine Literature and Modern Greek Folk-Song", *Byzantine and Modern Greek Studies* 1 (1975):111-140.

de su Hijo: “Ella permaneció al pie de la cruz, contemplando con sus piadosos ojos las heridas de su Hijo, aunque no atendía tanto a la muerte de su Hijo cuanto a la salvación del mundo”<sup>4</sup>. Estas son las dos posiciones sobre las que pivotaron los argumentos y textos teológicos relacionados con el dolor mariano hasta la Baja Edad Media.

En el caso de Oriente, no fue hasta después de la controversia eclesiástica y, tomando como punto de partida el himno anteriormente mencionado, cuando la literatura se impregnó de la aflicción mariana, traspasando al ámbito litúrgico. Cabe citar a este respecto textos como el de Jorge de Nicodemia o Simeón Metrafastres que se usaron durante las celebraciones litúrgicas y que tuvieron su eco en la composición artística, a partir del siglo XI.

La figura de la madre dolorosa en el campo artístico trajo consigo la creación de nuevos motivos iconográficos- entre los que podemos destacar el *Threnos* o la Virgen *Elousa*, por citar solo dos ejemplos<sup>5</sup>- así como la reformulación de otros ya conocidos, como la *Crucifixión*-. En dicha iconográfica, se produjo un mayor florecimiento del *pathos*, reflejándose de una forma clara el dolor físico y anímico de la Virgen no solo por medio del rostro sino también por medio de ciertas actitudes como la cubrición con el manto o el desmayo.<sup>6</sup> Centrándonos en el caso del espasmo, una de las primeras obras en las que aparece fue en el *salterio de Teodoro*<sup>7</sup> (Fig.1), en donde se muestra el momento en el que, delante de las santas mujeres, se encuentra la Virgen está a punto de desplomarse, siendo sustentada por San Juan, mientras se está produciendo la escena del arresto de Cristo. Dicha composición apareció en el contexto occidental ya desde el siglo XII.<sup>8</sup>

En Occidente, desde fines del primer milenio, podemos encontrarnos una tendencia dirigida hacia la aflicción de María, como se escenifica en los salterios

---

<sup>4</sup> San Ambrosio, *Obras de San Ambrosio. Tratado sobre el Evangelio de San Lucas* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1966), 612.

<sup>5</sup> Ioli Klavrezou, “Images of the Mother: When the Virgin Mary Became “Meter Theou”, *Dumbarton Oaks Papers* no. 44 (1990):165-172.

<sup>6</sup> La cuestión del énfasis emocional que adquirió la imagería, ha sido resaltado por Niki Tsironi, “Representations of the Virgin and Their Association with the Passion of Christ”, en *Mother of God. Representation of the Virgin in Byzantium*, ed. Maria Vasilakis, (Milán: Skira Editore, S.p.A., 2000), 453-463.

<sup>7</sup> Esta imagen ya fue mencionada por Amy Neff, “The pain of compassio: Mary’s Labor at the Foot of the Cross”, *The Art Bulletin* 80 (2), 1998:254. Respecto al salterio, véase: Charles Barber, *Theodore psalter: electronic facsimile* (Champaign: University of Illinois Press y British Library, 2000).

<sup>8</sup> Gertrud Schiller, *Iconography of art II: the passion of Jesus Christ* (Nueva York: New York Graphic Society Ltd, Greenwich, Connecticut, 1971-1972), 153.

altomedievales ingleses, entre los que destacamos la *Crucifixión del Evangelio de Judith*<sup>9</sup> -Fig.2-, en la que se expone el momento en el que Cristo está muerto en la Cruz, situándose sobre Él, los símbolos del sol, la luna y la *dextera dei*. Como testigos de la misma, se encuentran a los pies de la cruz, una figura femenina que ha sido asociada con Judith. A los lados de la Cruz, San Juan y la Virgen secando la sangre del costado de su Hijo. Esta nueva forma de representar a María está vinculada con la necesidad de hallar esa empatía y partición del fiel. Ambas imágenes nos sugieren un acercamiento más emocional al tema de la Pasión, adelantándose a lo que desarrollaron las propias órdenes mendicantes, a lo largo del siglo XII, abriendo un nuevo capítulo en la historia de la espiritualidad y con él, novedosos elementos entraron en el escenario de la composición visual.

La aparición de una original expresión religiosa en la que atesoró una gran presencia la dimensión afligida de la Madre tuvo su punto de partida con los cistercienses, que estimularon un nuevo estado anímico, definiendo el propio concepto de compasión mariana. También, se hace necesario suscribir figuras como Anselmo de Canterbury que abrieron paso a un nuevo tipo de oración afectiva, que fue copiada y difundida por toda Europa, produciendo un cambio en esa afectividad religiosa. Aunque, fueron los franciscanos<sup>10</sup> quienes más promovieron-junto a los dominicos- el culto al duelo de María, trasladándolo a los distintos *locus* de Occidente: Países Bajos, Francia, Italia, etc. En este sentido, podemos destacar textos como el *Stabat Mater* o las *Meditaciones Vitae Christi* que plasman la agonía y la pérdida que sufrió la Virgen, recordando ese sacrificio que realizó en la propia Cruz, que fue compartido por los propios devotos.

En los escritos mendicantes no sólo se describieron los sufrimientos de María al pie de la Cruz aludiendo a los tormentos que soportó tras la muerte de su Hijo, sino que también, como ha analizado Amy Neff,<sup>11</sup> en ellos encontramos el dolor y el desmayo asociado al parto, ya que Ella, durante la Crucifixión, se propone como esa madre de la humanidad en la salvación, convirtiéndose en esa “corredentora. Esa alusión al dolor del parto la visualizamos en obras como el Maestro Oblato -Fig.3-. En la escena de la Crucifixión, para evitar el desplome del cuerpo de María, este es sujetado por las

---

<sup>9</sup> Mary Dockray-Miller, *The books and the life of Judith of Flanders y the Anglo-Saxon Gospel of Judith, Countess of Flanders* (Londres: Routledge, 2015).

<sup>10</sup> Anne Derbes, *Picturing the passion in Late Medieval Italy: Narrative Painting, Franciscan ideologies and the Levant* (Cambridge: Cambridge University Press, 1998).

<sup>11</sup> Amy Neff, “The pain of compassio: Mary’s Labor at the Foot of the Cross”, *The Art Bulletin* 80 (2), 1998: 256-257.

santas mujeres, como si se tratase de unas comadronas, en el momento en el que la madre va a dar a luz. Si observamos su figura, muestra el vientre abultado, aludiendo a esa maternidad que desarrolló durante el propio Calvario, proponiéndose esa idea de que la redención llega también a través de la matriz de María.

Ese papel de corredentora continuó impregnando el campo textual y visual, en el que la presencia de la Madre en la Crucifixión, conjugó de una forma eficaz la yuxtaposición del amor y el dolor, el sufrimiento y la exaltación, la muerte y la esperanza. En este sentido, debemos señalar las diversas escenas que aparecen en las *Cántigas de Santa María*, entre las que podemos resaltar la escena en el folio 196r en El *Códice Rico*<sup>12</sup> de El Escorial- Fig.4-. En ella, María aparece arrodillada ante la cruz, abraza los pies de su Hijo, mostrando su dolor, de una forma innovadora y excepcional.

Las imágenes y los textos se centraron en la cuestión afectiva del tormento mariano, en los que se pretendía hallar esa búsqueda de unión con la divinidad, a través de ese arrepentimiento. La representación de esto, alcanzó su punto álgido en el siglo XIV, inspirando diferentes pinturas y esculturas, en las que la Virgen se proponía como la herramienta eficaz y mediadora ante la Redención, mostrando cómo su sacrificio era real, enfocándolo en un sentimiento humano materno.

Esa tendencia hacia una dramatización más detallada de la Redención y el tormento de la Madre por medio de escenas como el desmayo, se manifestó en la representación encargada por el gremio de los ballesteros, para la capilla de Nuestra Señora de Extramuros en Lovaina: El *Descendimiento* de Van der Weyden- Fig.5-. En ella, se muestra esa llamativa actitud de María, en el que su cuerpo está desplomándose a causa del desmayo, asumiendo una posición paralela a la de su Hijo, convirtiéndose en un centro de atención independiente. La aflicción física y mental que sufre la Virgen materializada por medio del desmayo, expone no solo esa idea de la *compassio mariae*<sup>13</sup> sino también ese vínculo místico entre su sacrificio en el Calvario con el de Él, mostrando así su labor de corredención en la obra de Salvación.

La necesidad de compartir los sufrimientos de la virgen y esa búsqueda de la

---

<sup>12</sup> Ana Domínguez Rodríguez y Pilar Treviño Gajardo, *Las Cantigas de Santa María: formas e imágenes* (A y N, Ediciones), 38; Rocío Sánchez Amejerías, "A imaxe e teoría da imaxe", en *As cantigas de Santa María*, Elvira Fidalgo Francisco (Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2002), 273-276.

<sup>13</sup> Otto G. von Simson, "Compassio and Co-redemptio in Rogier van der Weyden's Descent from the Cross, *The Art Bulletin* 35, no. 1 (1953): 9-16.

empatía se promulgó también en el laicado -por ejemplo, con las cofradías<sup>14</sup>-, quienes promocionaron imágenes que fueron utilizadas tanto en la esfera de lo público como en la esfera de lo privado, como apoyo a la oración, dando lugar a lo que se ha denominado como imágenes devocionales,<sup>15</sup> donde la aflicción de María gozó de una gran popularidad.

Contemplar este tipo de imágenes suponía participar de los sufrimientos de la Madre, adentrarse en su figura como protectora y recrear la propia Pasión, por medio no solo de la visión sino también de esa imitación empática. Así, se recordó, vivió e imitó el momento más trágico de María como práctica devocional.

En definitiva, el tema aquí expuesto, nos abre un camino para penetrar en dispares cuestiones que conforman la espiritualidad de la Edad Media; las prácticas devocionales; el uso y la experiencia de la imagen; la audiencia que estuvo ante la mismas y las emociones que pudieron suscitar, entre otros aspectos que justifican la necesidad de un profundo de análisis del mismo.

## 2. Encuadramiento historiográfico

A lo largo de la historiografía, María ha ocupado una posición de gran interés, consagrándose copiosos estudios que han tratado de examinar su poliédrica forma. En el presente estudio, solo vamos a citar aquellos que hemos considerado fundamentales para este encuadramiento. Por lo que, los trabajos que ha analizado la figura de María a lo largo de la historia han sido realizadas por Miri Rubin,<sup>16</sup> Marina Warner<sup>17</sup> y Jroslav Pelikan.<sup>18</sup> En ellos, se ha destinado una sección a la investigación sobre la cuestión que aquí nos ocupa: su vertiente como madre desconsolada. Atendiendo a dicha dimensión, debemos distinguir el artículo de Von Simson.<sup>19</sup> Junto a este, investigadores como

---

<sup>14</sup> Es necesario destacar en la órbita italiana la presencia de los *laudesi* (cantos de alabanzas o elogios dirigidos a María). Carla Bino, *Dal trionfo al pianto. La fondazione del "Teatro della Misericordia" nel Medioevo (V-XIII secolo)* (Milán: Vita e Pensiero, 2008).

<sup>15</sup> Existen numerosos estudios dedicados a este tema. Entre ellos, vamos a destacar: Sixten Ringbom, *Icon to narrative. The Rise of the Dramatic Close-Up in Fifteenth-Century Devotional Painting* (Güeldres: Davaco Publishers, 1984); Hans Belting, *L' image et son public au Moyen Âge* (París: Gérard Monfort, 1998).

<sup>16</sup> Miri Rubin, *Mother of God: A History of the Virgin Mary* (Yale: Yale University Press, 2010).

<sup>17</sup> Marina Warner, *Alone of All Her Sex: The Myth and the Cult of the Virgin Mary* (Oxford: OUP Oxford, 2013).

<sup>18</sup> Jaroslav Pelikan, *Mary Through the centuries: Her Place in the History of Culture* (Yale: Yale University Press, 1996).

<sup>19</sup> Otto G. Von Simson, "compassio and co-redemptio in Roger Van der Weinden's Descent from the Cross", *Art Bulletin* no. 35 (1953): 10-13.

Sandro Sticca<sup>20</sup> rastrearon las diversas fuentes que se sirvieron de la compasión y de la mediación, tanto a nivel Oriental como Occidental, al igual que Hilda Graef.<sup>21</sup>

A propósito del caso bizantino, la historiografía ha mostrado una gran preocupación sobre cómo la figura mariana alcanzó un gran poder desde el primer milenio en este territorio. Asimismo, se ha considerado en diversos contextos el tema del lamento mariano, y su configuración en la iconografía como han demostrado Niki Tsinoris,<sup>22</sup> Nancy Sevcenko,<sup>23</sup> Hans Belting,<sup>24</sup> Shoemaker,<sup>25</sup> etc.

El asunto de la aflicción quedó entroncado dentro de la historiografía que se centró en cómo se conformó la meditación. En este caso debemos destacar los diferentes ensayos de Bynum,<sup>26</sup> que avanzaron dentro de las cuestiones de la afectividad y del género en las prácticas devocionales y en el uso de imágenes.

La aparición de una insólita corriente devocional centrada en la devoción compasiva del sufrimiento de Cristo, con el fin de suscitar esa respuesta compasiva es lo que se ha denominado como “piedad afectiva”, ha sido detallada por diversos autores a lo largo de los años. En este sentido debemos resaltar los estudios de Thomas Bestul,<sup>27</sup> Jeffery Hamburger<sup>28</sup> e incluso, los de Rachel Fulton, por citar algunos ejemplos. Esta última,<sup>29</sup> demostró cómo la decepción apocalíptica en el siglo XI abrió el camino para una nueva actitud devocional ante la Pasión de Cristo y, por ende, hacia la

---

<sup>20</sup> Sandro Sticca, *Il planctus mariae nella tradizione drammatica del Medio Evo* (Nueva York: Global Publications at Suny Binghampton University, 2000).

<sup>21</sup> Este estudio es un análisis riguroso a la mariología a lo largo de la historia. Hilda Graef, *María. La mariología y el culto mariano a través de la historia* (Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, 1968).

<sup>22</sup> Niki Tsironis, *The lament of the Virgin Mary from Romanos the Melode to Geroge of Nicomedia: an aspect of the development of the Marian cult* (Londres: University of London, 1998), y “From poetry to liturgy: the cult of the Virgin in the Middle Byzantine era” en *Images of the mother of God: perceptions of the Theotokos in Byzantium*, María Vassilaki (Londres: Routledge, 2016), 91-102.

<sup>23</sup> Nancy Sevcenko “The service of the Virgin’s lament revisited” en *The cult of the Mother of God in Byzantium*, Leslie Brubaker y Mary Chunningham (Londres: Routledge, 2016), 247-262,

<sup>24</sup> Hans Belting, *Imagen y culto: una historia de la imagen anterior a la era del arte* (Akal, 2009).

<sup>25</sup> Stephen Shoemaker, “Mary at the Cross, east and West: maternal compassion and affective piety in the earliest Life of the virgin and the High Middle Ages”, *The Journal of Theological Studies* no 62, (October 2011), 570–606.

<sup>26</sup> Caroline Bynum, *Jesus as Mother: studies in the spirituality of the High Middle Ages* (California: University of California Press, 1984); Caroline Bynum, *Fragmentation and Redemption: essays on gender and human body in medieval religion* (Nueva Jersey: Zone Books, 1992).

<sup>27</sup> Thomas Bestul, *Texts of the Passion: latin devotional literature and medieval society* (Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1996).

<sup>28</sup> Jeffrey Hamburger, *The visual and the visionary: art and female spirituality in Late Medieval Germany* (Nueva Jersey: Zone Books, 1998).

<sup>29</sup> Rachel Fulton, *From Judgment to Passion: devotion to Christ and the Virgin Mary, 800-1200* (Columbia: Columbia University Press, 2005).



comprensión de la angustia maternal de María.

La importancia que adquirió la orden mendicante de los franciscanos en la difusión de esta meditación afectiva ha justificado la multitud de investigaciones que han centrado su análisis en esto. Dado el contexto, cabe citar la observación que realizó Anne Derbes<sup>30</sup> dedicado a la promoción de la orden franciscana en territorio italiano, donde vemos cómo el calvario mariano fue un instrumento de suma importancia.

Ese último punto fue también explorado por Amy Neff,<sup>31</sup> mostrando cómo la imagen del desmayo cobró gran importancia a partir del siglo XIII, vinculándola con la representación de la maternidad en el Calvario en el contexto de la Redención para justificar el papel de María.

La historia de la compasión mariana no ha recibido un desarrollo total debido a su propia categorización, ya que ha sido situada dentro del estrato religioso. Sin embargo, este encuadramiento ha producido que no se hayan tenido en cuenta otros aspectos que son fundamentales en la historia cultural y que en las últimas décadas se han revalorizado. Son numerosos los estudios de emoción histórica, resaltando las aportaciones de la historiadora Barbara Rosenwein.<sup>32</sup> En cambio, durante un tiempo, los ensayos asociados a la devoción pasional parecían no ser reconocidos dentro de esta corriente historiográfica. Frente a esta posición, autoras como Sarah McNamer<sup>33</sup> han intentado definir la meditación compasiva dentro del marco de la historia de las emociones, proponiendo, tras el análisis de diversas meditaciones y *planctus* en el mundo anglosajón, como esta fue una práctica que tuvo una tendencia a asumir roles femeninos con el objetivo de provocar la compasión, convirtiéndose en una emoción que tuvo una base ética, afectando al propio comportamiento.

En el intento de la definición de lo emocional y lo devocional, se debe citar uno de los estudios más reveladores atendiendo a la cuestión hispana- concretamente centrado ámbito castellano- como fue el de Cynthia Robinson,<sup>34</sup> quien analizó cómo fue

---

<sup>30</sup> Anne Derbes, "Siena and the Levant in the later Dugento", *Gesta* 8 (1989): 190-204.

<sup>31</sup> Amy Neff, "The pain of compassio: mary's labor at the foot of the cross", *The Art Bulletin* 80 (2), 1998:154-273.

<sup>32</sup> Por destacar una de sus múltiples investigaciones sobre el tema de la emoción: Barbara Rosenwein, *Generazioni di sentimenti: Una storia delle emozioni, 600-1700* (Roma: Viella Librería Editrice, 2020).

<sup>33</sup> Sarah McNamer, *Affective Meditation and the invention of Medieval Compassion* (Pennsylvania: University Press, 2011).

<sup>34</sup> Cynthia Robinson, *Imagining the Passion in a Multiconfessional Castile: the Virgin, christ, Devotions and Images in the fourteenth and fifteenth centuries* (Pennsylvania: Pennsylvania:

desarrollándose el dolor mariano, mostrando las diferencias con otros territorios europeos, indagando sobre ciertas imágenes que presentaron una audiencia multifuncional. Aunque, la cuestión de la *compassio*, ya había motivado interés a la historiografía española como lo demuestran los artículos de Guitierrez Baños,<sup>35</sup> Ana Domínguez,<sup>36</sup> Santiago Hidalgo<sup>37</sup> y Juan Sureda Pons.<sup>38</sup> Tras todo esto, aún es necesaria una publicación mucho más detenida sobre esta cuestión.

### 3. Fuentes

Son numerosas las obras que aluden al *planctus mariae* a lo largo del periodo medieval tanto en Oriente como en Occidente. En el primer caso, no fue hasta el siglo VI cuando encontramos el primer lamento de María de manos del poeta Romano El Méloda en su himno de *María al pie de la Cruz*.<sup>39</sup> Tras este, numerosos himnos estuvieron dedicados a la aflicción maternal como demuestran los escritos atribuidos a Máximo El confesor con su *Vita Virginis*,<sup>40</sup> Jorge de Nicomedia en su *Oratio in sepulturam Jesu Christi*,<sup>41</sup> Simón Metrafastres en *Oratio in Lugubrem Lamentationem Sanctissimae Deiparae Pretiosum Corpus Domini Nostri Jesu Christi Amplexantis*,<sup>42</sup> entre otros.

En Occidente, desde los siglos XI y XII, uno de los géneros que gozó de mayor popularidad fueron las meditaciones afectivas sobre la Pasión de Cristo. Los primeros pasos comenzaron con autores como San Anselmo, en su *Oratio XX*,<sup>43</sup> o San Bernardo

---

University Press, 2013).

<sup>35</sup> Fernando Gutiérrez Baños, “De nuevo sobre la *Compassio Mariae*: A propósito de las pinturas murales del sepulcro de don Alfonso Vidal en la catedral vieja de Salamanca” *Archivo español de Arte* 75 (2002): 64-72.

<sup>36</sup> Ana Domínguez Rodríguez, “*compassio* y co-redemptio en las cantigas de santa maría. Crucifixión y juicio final”. *Archivo español de Arte* 281 (1998): 17-35.

<sup>37</sup> Santiago Hidalgo Sánchez, “Aportación a la lectura iconográfica del mural del refectorio de Pamplona: la *Compassio Mariae* en la Crucifixión y la subida al Calvario”, en: *Pvlchrvm: scripta varia in honorem María Concepción García Gaínza*, Ricardo Fernández Gracia y María Concepción García Gaínza (Pamplona: Gobierno de Navarra y Universidad de Navarra, 2011), 413-420.

<sup>38</sup> Juan Suerda, Pons, “Tipología de la Crucifixión en la pintura protogótico catalán”, *Boletín del Museo e Instituto Camón Aznar* n<sup>o</sup>2-3, (1981): 5-32.

<sup>39</sup> Grosdidier de Matons, J. *Romanos le Mélode. Hymnes*. Introduction, texte critique, traduction et notes. Tome IV. Nouveau Testament (XXXII-XLV), (Paris: Editions du Cerf, 1967), 160-185.

<sup>40</sup> Stephen, J. Shoemaker, *The life of the Virgin: Maximus the Confessor* (Yale: Yale University Press, 2012).

<sup>41</sup> Georgius Nicedemus, “Oratio in sepulturam Jesu Christi”, en *Patrologiae cursus completus, series graeca*, Jacques-Paul Migne (París: Apud Garnier Fratres et J.P.- Migne Sucessores, 1860), vol. 100, 1464.

<sup>42</sup> Simeón Metrafastres, “Oratio in Lugubrem Lamentationem Sanctissimae Deiparae Pretiosum Corpus Domini Nostri Jesu Christi Amplexantis”, en *Patrologiae cursus completus, series graeca*, Jacques-Paul Migne (Paris : Apud Garnier Fratres et J.P.- Migne Sucessores, 1860) vol. 114, 215.

<sup>43</sup> Anselmo, “Oratio XX”, en *Patrologiae cursus completus, series graeca*, Jacques-Paul Migne

en su sermón *Ad Beatam Virginem Deiparam*,<sup>44</sup> quienes promovieron una original forma de oración afectiva, introduciendo la piedad hacia el dolor y la compasión de la Madre, enfatizando la relación humana entre ambos. En esta línea, debemos resaltar la contribución de Erinaldo de Chartres en su *De Laudibus Beatae Mariae Virginis*,<sup>45</sup> quien estableció un paralelo entre la compasión de la Madre y la Pasión del hijo, mostrando como ambos fueron un sacrificio conjunto. Pero, también se comenzó a desarrollar una actitud especulativa ante la presencia de María en el Calvario, en la que se definió por parte de autores como Alberto Magno,<sup>46</sup> cómo la Virgen y Cristo ofrecen su propio sufrimiento para la Redención de la humanidad.

Desde el siglo XII, la Virgen se convirtió en un objeto de veneración, surgiendo numerosas formas de devoción centradas en su agonía durante la Pasión de Cristo, que tenían como objetivo mostrar no solo el sacrificio del Hijo sino también proyectar la trágica compasión de la Madre. En el caso del *planctus Mariae*, se trató de una serie de lamentos compuestos en prosa y verso, que buscaban evocar el dolor de la madre, invitando a la audiencia a compartir sus sufrimientos, con el objetivo de enseñar al lector esa meditación afectiva, como se muestra en el *Plant de la Verge* de Ramón Lull.<sup>47</sup>

Desde el siglo XI, el tema de la *compassio* quedó perfectamente definido, llegando a desarrollarse en el siglo XII. No obstante, no fue hasta el siglo XIII, con la llegada de la corriente franciscana, cuando alcanzó su exponente máximo, como por ejemplo se demuestra en el *Stabat Mater*.<sup>48</sup> Se trata de un poema que tuvo una gran influencia durante el siglo XIII, en el que se muestra la Pasión de Cristo a través del desconsuelo de la Virgen, al pie de la Cruz, pidiendo al fiel que comparta este dolor. También, es necesario señalar a este respecto a Jacopone da Todi (1230-1306), quien, en su *Donna del Paradiso*, nos adentra en otra figura de la Madre, exaltando el dolor

---

(Paris : Apud Garnier Fratres et J.P- Migne Sucesores,1864) vol. 158, 902-904.

<sup>44</sup> Bernardini, S. "Ad Beatam Virginem Deiparam. Semo panegyricus" en *Patrologiae cursus completus, series graeca*, Jacques-Paul Migne (Paris : Apud Garnier Fratres et J.P- Migne Sucesores,1862) vol. 184, 1011-1012.

<sup>45</sup> Ernardus Bonaevallis, "De laudibus Beatae Mariae", en: *Patrologiae cursus completus, series graeca*, Jacques-Paul Migne (Paris : Apud Garnier Fratres et J.P- Migne Sucesores,1854), vol. 188, 1725-1734.

<sup>46</sup> Alberto Magno. *Opera Omnia*, XXXVI, 1070-1092. Recogido por: Otto G. Von Simson, "compassio and co-redemptio in Roger Van der Weinden's Descent from the Cross" *Art Bulletin* no. 35 (1953):12.

<sup>47</sup> Ramón Lull, *Obras Rimadas* (Palma: Impr. De Pedro José Gelabert, 1859), 134-144.

<sup>48</sup> Sandro Sticca, *Il planctus mariae nella tradizione drammatica del Medio Evo* (Nueva Jersey: Global Publications at Suny Binghamton University, 2000), 98-100.

que ella sintió como testigo de la Crucifixión de su hijo. Dichas composiciones, se fueron extendiendo a lo largo de toda Europa, traduciéndose a lenguas vernáculas, llegando a adentrarse en los dramas sacros como si de unas composiciones independientes se tratase.

Los textos sobre la meditación de la pasión mostraron que el componente emocional era el predominante, buscando la empatía del espectador del momento, para que este, llegase a conmoverse con lo figurado, promoviendo la compasión por la víctima del sacrificio. Uno de los ejemplos más sobresalientes en el siglo XIV fueron las *Meditaciones Vitae Christi* escritos para una clarisa.<sup>49</sup> Se trató de una de las composiciones que más difusión tuvo por Europa, traduciéndose a diferentes lenguas, en el que se instaba al lector a entrar en la escena paso a paso con el objetivo de involucrar al lector, buscando su compasión.

La recepción de este escrito por una audiencia femenina, pone de manifiesto la cuestión del enriquecimiento en su formación espiritual. Sin embargo, las mujeres no solo actuaron como agentes que acogieron estas fórmulas, sino que, desde los siglos XIV-XV, muchas de ellas dedicaron ciertas visiones al tema de la Madre afligida. Así, podemos destacar a la mística Brígida de Suecia, así como a otra serie de visionarias, ya fuesen laicas o religiosas, que se dejaron impregnar de este espíritu meditativo y compasivo en territorios diversos como Angela de Foligno, Constanza de Castilla, Isabel de Villena, entre otras.

#### **4. Metodología**

El presente estudio se está realizando en el marco de una metodología multidisciplinar, en la que se conjugan diferentes aspectos que son fundamentales para un análisis riguroso del mismo: la historia, las imágenes, la literatura, la liturgia, entre otras cuestiones, están unidos de una forma directa o indirecta a la gestación y difusión del mismo. Si no atendemos a estas materias, no es posible desarrollar unas conclusiones óptimas sobre lo que verdaderamente significó la compasión y la piedad mariana en el Otoño de la Edad Media. Por ello, tenemos que tener en cómo se fue gestando y evolucionando emociones tales como la compasión o la empatía, dentro de la órbita historiográfica que ha tratado este asunto.

---

<sup>49</sup> Sarah Macnarmer, "Further evidence for the date of the pseudo-bonaventuran "Meditaciones Vitae Christi", *Franciscan Studies*, vol. 50, (1990): 235-267.

Las emociones, vinculadas con la aflicción de la Virgen, nos permiten sumergirnos en diferentes procesos sociales, analizando lo que Barbara Rosenwein<sup>50</sup> denominó como comunidades emocionales, que en el presente trabajo abarcan diferentes siglos, en los que se quiere mostrar cómo fue evolucionado el término de la *compassio*. Por tanto, la emoción se enmarca en la presente investigación como una línea fundamental vinculada ineludiblemente a la gestación de la corriente afectiva y espiritual que produjo un nuevo giro en las prácticas devocionales durante el ocaso medieval, lo que justifica la necesidad de rastrear y analizar las diversas fuentes textuales. En este sentido, como mencionó Vauchez:

“[...] En la Edad Media, época en que la cohesión dogmática no estaba todavía bien asegurada en todos los campos y donde un profundo abismo separaba la élite letrada de las masas incultas, incluso en el seno de la ortodoxia, había lugar para diversas maneras de interpretar y vivir el mensaje cristiano, es decir había lugar para diferentes espiritualidades”<sup>51</sup>

En las prácticas devocionales medievales, las imágenes desempeñaron un papel de suma importancia, en la que el análisis de la experiencia y especificidad de las mismas, nos permite obtener una comprensión mucho más global del periodo en cuestión. La aproximación hacia la teoría y representación medieval no se hace simplemente desde un sentido iconológico ya defendido por Aby Warburg<sup>52</sup> y Panofsky;<sup>53</sup> un método en el que se buscaba atender a la interpretación de las mismas en su marco cultural y social. Es cierto que esta es solo una dimensión que conforma la imagen, en la que, como señaló Gombrich, podemos caer en construir una manera mítica de ese simbolismo.<sup>54</sup> Por tanto, hay que adentrarnos no solo en el simbolismo y estatus que albergó la imagen, sino también en las intenciones, prácticas y funciones que pudo suscitar y tener,<sup>55</sup> atendiendo a ese medio social. En este sentido, es necesario resaltar ese discurso antropológico de la imagen iniciado por Hans Belting, centrándose en esa práctica de la misma:

---

<sup>50</sup> Barbara Rosenwein, *Emotional communities in the Early Middle Ages* (Nueva York: Cornell University Press, 2006), 3.

<sup>51</sup> André Vauchez, *La espiritualidad del Occidente medieval* (Madrid: Cátedra, 1985), 10.

<sup>52</sup> Aby Warburg, *El renacimiento del paganismo. Aportaciones a la historia de la cultura del Renacimiento Europeo* (Madrid: Alianza, 2005).

<sup>53</sup> Erwin Panofsky, *Estudios sobre Iconología* (Madrid: Alianza, 2001).

<sup>54</sup> Ernest Gombrich, *Gombrich esencial: textos escogidos sobre arte y cultura* (Madrid: Debate, 2004).

<sup>55</sup> Jerome Baschet, “Inventiva y serialidad de las imágenes medievales. Por una aproximación iconográfica ampliada”, *Relaciones* 77 (1999): 51-63.

*“[...] Si se considera seriamente el concepto de imagen, únicamente puede tratarse de un concepto antropológico. Vivimos con imágenes y entendemos el mundo en imágenes. Esta relación viva con la imagen se extiende de igual forma a la producción física que desarrollamos en el espacio social [...]. El discurso de la antropología no se restringe a un tema determinado, sino que expresa el anhelo de una comprensión abierta, interdisciplinaria de la imagen”<sup>56</sup>*

En definitiva, la imagen durante el periodo medieval estuvo en continuo cambio y discusión permanente, no siempre supeditada al texto, por lo que es necesario adentrarse a otros puntos de máximo interés cómo la producción artística, la audiencia a la que estuvo destinada, los espacios, funciones, las experiencias que pudieron suscitar, entre otros aspectos, con los que insertar la imagen dentro de ese entramado histórico de la mentalidad y circunstancias de la creación y mentalidades.

## **5. Conclusiones provisionales**

La gestación del dolor mariano tiene su punto de origen en las fuentes literarias bizantinas desde el siglo VI hasta el fin del medievo. Fue, tras la Querella iconoclasta, cuando se desarrollaron una serie de himnos concretados en el lamento mariano mostrando el surgimiento de una nueva piedad concentrada en el papel que tuvo María durante la Pasión de Cristo. Sin embargo, se puede establecer cómo esa necesidad de culto al dolor mariano tiene su inicio anterior a la misma, teniendo una gran repercusión en el debate iconoclasta. Al igual que la tradición textual, las primeras representaciones de la Virgen *compatiens* encontraron entre la producción del denominado arte bizantino. Este deseo de adentrarse en realizar un retrato específico de las aflicciones de María pudo haber tenido su eco en Occidente. En este último lugar, no sería hasta el siglo XI donde encontremos el punto de inicio de reflexión en los escritos de dicho tema.

Las órdenes mendicantes favorecieron la asimilación y difusión de esa piedad y dolor mariano en diversos contextos, conduciéndolo hasta en una audiencia laica, lo que ayudó a que se introdujese en diferentes lugares tales como Italia, Francia, los reinos hispanos, etc. Estos lugares nos ponen de manifiesto el contacto que pudo haber entre ellos, el intercambio y la circulación de modelos.

A modo de conclusión, la representación del espasmo mariano, mostró esa

---

<sup>56</sup> Hans Belting, *Antropología de la imagen* (Buenos Aires: Katz Barpal Editores SL, 2013), 14

forma de plasmar el sufrimiento materno, exhibiendo esas nuevas prácticas devocionales, en la que la Virgen se posicionó como un elemento central de los relatos textuales y visuales, convirtiéndose en un medio no solo eficaz sino también afectivo y empático.

## **Tiveram os mesteirais portugueses do final da Idade Média consciência política? Uma proposta de investigação**

*Marco Alexandre Ribeiro*<sup>1</sup>

**Universidade de Lisboa - Centro de História**

**Resumo:** Esta sucinta apresentação da nossa proposta de investigação no curso de Doutoramento pretende expor, em linhas gerais, aqueles que são os objetivos por nós traçados para a prossecução das atividades previstas ao longo do curso. O projeto individual que nos encontramos de momento a desenvolver está integrado no projeto coletivo já terminado MedCrafts e pretende estudar com maior foco o grau de “consciência política” dos mesteirais portugueses entre os reinados de D. Fernando e D. Manuel I. A cronologia selecionada baliza dois importantes momentos na vida política local portuguesa: o período de Interregno após a morte de D. Fernando e posterior ascensão política dos mesteirais e o momento de reformulação dos poderes locais. Tal análise debruçar-se-á, esperamos, em sete espaços urbanos concretos, procurando perscrutar as formas de representação dos mesteirais, bem como os seus modelos de organização e formas de perceção.

**Palavras-chave:** Mesteirais, Mentalidades coletivas, Cultura política, Movimentos populares

**Abstract:** This brief presentation of our research proposal in the Ph.D. course aims to outline the objectives we have set for the pursuit of the activities planned throughout the course. The individual project that we are currently developing is integrated into the already finished collective project MedCrafts and aims to study, with greater focus, the degree of "political consciousness" of the Portuguese craftsmen between the reigns of D. Fernando and D. Manuel I. The selected chronology marks two key moments in Portuguese local political life: the Interregnum period after D. Fernando's death and the subsequent political rise of the craftsmen, and the moment of reformulation of local powers. This analysis will focus, we hope, on seven specific urban spaces, seeking to scrutinize the forms of representation of the craftsmen, as well as their organizational models and forms of perception.

**Keywords:** Craftsmen, Collective mentalities, Political culture, Popular movements

---

<sup>1</sup> <https://www.cienciavitaet.pt//pt/181B-75C8-F5B6>



## 1. Problematizando a temática em estudo

*Os povos do reino, arrazoando em taes novas, cada uns em seus logares, juntaram-se em magotes, como é usança, culpando muito os privados d'el-rei e os grandes da terra que lh'o consentiam; e que pois lh'o eles não diziam, como cumpria, que era bem que se juntassem os povos e que lh'o fossem dizer. E entre os que se principalmente d'isto trabalharam foram os da cidade de Lisboa, onde el-rei então estava, os quaes falando n'isto foram tanto por seu feito em deante que se firmaram todos em conselho de lh'o dizer, elegendo logo por seu capitão e propodor por eles um alfaiate que chamavam Fernão Vasques, homem bem razoado e geitoso para o dizer; e juntaram-se um dia bem tres mil, entre mesteirais de todos mesteres e bésteiros e homens de pé, e todos com armas se foram aos paços onde el-rei pouzava, fazendo grande ruido em falando sobre esta cousa.<sup>2</sup>*

São estas as notícias que nos reporta Fernão Lopes na sua *Crónica de el-rei D. Fernando* acerca dos dias que se terão seguido ao anúncio da união entre o monarca e Leonor Teles pelas ruas da cidade lisboeta. O Povo, assistindo à inércia dos “grandes” do reino, tomava nas suas mãos a responsabilidade de ir junto do rei falar-lhe do descontentamento generalizado que tal união alegadamente provocava. Entre este Povo encontrávamos, diz-nos Fernão Lopes, cerca de 3000 mil sujeitos, entre mesteirais de todos os mesteres, besteiros e homens de pé. De todos eles teria sido escolhido pelos próprios um representante, que falaria ao monarca em nome desta multidão: Fernão Vasques, um alfaiate que o cronista nos apresenta como um “homem bem razoado e geitoso para o dizer”.

Podemos, e até devemos, problematizar esta descrição feita pelo cronista do reino pago pelos monarcas da dinastia de Avis. O esforço para a legitimação do poder régio de João I e da dinastia por ele inaugurada no trono português são sobejamente conhecidos e estudados por uma enormidade de investigadores, que perspetivaram esta problemática sobre diversos pontos de vista. Não é, contudo, o nosso objeto de estudo ou sequer motivo de interesse neste trabalho ou mesmo na tese de doutoramento. Bem sabemos os problemas que o estudo das crónicas coloca ao ofício do historiador. De qualquer das formas, não nos parece irrelevante a referência específica a três mil homens dos mais variados mesteres neste suposto levantamento popular que terá ocorrido um pouco por todo o país, não apenas contra a figura máxima da chefia

---

<sup>2</sup> Fernão Lopes, *Chronica de el-rei D. Fernando. Volume I*, (Lisboa: Escriptorio, 1895-1896), cap. 60º, pp.191.

do reino, mas também contra os “grandes da terra”.

Esta descrição de Fernão Lopes é para nós, por isso, profundamente interessante, na perspetiva do olhar que é estabelecido por agentes externos ao grupo socio-profissional dos mesterais sobre estes últimos. É, parece-nos, inegável a centralidade que é atribuída aos mesterais nesta mobilização de uma massa popular para o exercício de uma forma de protesto junto de um poder institucional, no caso o poder máximo dentro do reino. E protestam não apenas pela palavra, segundo o que o cronista nos revela, mas têm a audácia de fazer este percurso de armas na mão, preparados (eventualmente) para um qualquer conflito que deste protesto pudesse surgir. Tal descrição, embora possa não corresponder precisamente à realidade vivida, não deixa de nos colocar uma importante perspetiva sobre aquele que poderá ter sido (ou não, admita-se) um sentimento generalizado principalmente entre as camadas sociais “mais baixas”.

O que nos parece mais acertado será afirmar que, de facto, após a ascensão de João I ao trono e subsequente resolução do conflito armado com o rei castelhano, que havia desposado a filha de Fernando I de Portugal, os mesterais parecem ter colhido alguns favores do novo monarca. Esta aparente realidade é-nos atestada pela criação e intenção legal de difusão da *Casa dos 24*, garantindo aos elementos dos mesteres uma participação política formal legalmente instituída e regulada. Segundo os diversos estudos que se desenvolveram sobre os poderes locais portugueses do final da Idade Média, particularmente sobre esta instituição em específico<sup>3</sup>, somos confrontados com o surgimento na documentação medieval desta forma de participação política formal dos mesterais. A *Casa dos 24*, criada em Lisboa ainda no final do século XIV deveria ter uma reprodução na generalidade dos poderes locais portugueses, sobretudo (podemos assumir) nos espaços urbanos onde as atividades artesanais teriam um impacto económico mais significativo. Tal realidade, apontam os estudos para outros espaços urbanos que não o de Lisboa, não terá sido tão efetiva assim, podendo ser defendido que a participação política formal dos mesterais não terá de facto vingado no seio dos poderes locais, que, no curso do século XV, se foram fechando numa restrita elite

---

<sup>3</sup> F. P. de Almeida Langhans, *As corporações dos ofícios mecânicos. Subsídios para a sua história*. 2 vols (Lisboa: Imprensa Nacional, 1943–1946). De destacar também a introdução a esta obra, da autoria de Marcello Caetano. F. P. de Almeida Langhans, *A Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa. Subsídios para a sua História*. (Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1948). Marcelo Caetano, “O concelho de Lisboa na crise de 1383-1385”, in *Anais da Academia Portuguesa de História*, II série, vol. 4 (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1953), 9-77. Maria Ângela Beirante, *Ao serviço da República e do Bem Comum: os Vinte e Quatro dos Mesteres de Évora, paradigma dos Vinte e Quatro da Covilhã (1535)*. (Lisboa: Centro de Estudos Históricos, 2014).

governativa, detentora do capital financeiro e, por consequência, do capital político<sup>4</sup>.

Desta circunstância nasce, por isso, a dúvida de que parte o nosso estudo de doutoramento: que papel pretendiam desempenhar os mesteiros na gestão da vida comunitária dos seus tempo e espaço?

A criação da *Casa dos 24* não nos parece ter sido somente um qualquer prémio de consolação para um grupo socioprofissional por um monarca que se esforçava não só por pagar os seus apoios durante a luta pelo poder régio, mas também para consolidar esses apoios e, se possível, conquistar os que lhe faltaram. Tal iniciativa poderá ter consistido numa mais ou menos clara tentativa de ascensão política dos mesteiros, que aproveitando o momento histórico que viviam procuraram assegurar de alguma forma um instrumento legal que materializasse essa mesma vontade coletiva. Tal suposição, contudo, à falta de evidências concretas que o comprovem, não passa disso mesmo: uma suposição. Cremos, contudo, tratar-se de uma suposição com certo fundamento e que deverá pelo menos ser tida em conta. Se nos faltam indícios de que existiu de facto este claro aproveitamento por parte de alguns mesteiros (certamente não da totalidade dos indivíduos pertencentes a este grupo socioprofissional,

---

<sup>4</sup> Sobre a participação política dos mesteiros nos espaços urbanos portugueses finimievais destacamos apenas alguns, bastante recentes: Arnaldo Sousa Melo, “Os mesteiros e o poder concelhio nas cidades medievais portuguesas”, *Edad Media Revista de História, Culturas Políticas Urbanas en la Península Ibérica* 14. (2013), 149-170. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24003/1/Melo%20EDAD%20MEDIA%2014-2013%20SEPARATAS-7.pdf>. Marco Alexandre Ribeiro; Paulo Morgado e Cunha, “A oficina e a Câmara: a relação entre os mesteiros e a Vereação do Porto nos séculos XIV e XV”, in *Governar a cidade na Europa Medieval* (Castelo de Vide: IEM – Instituto de Estudos Medievais / Câmara Municipal de Castelo de Vide, 2021), 305–321. [https://www.academia.edu/57473524/A\\_Oficina\\_e\\_a\\_C%C3%A2mara\\_a\\_rela%C3%A7%C3%A3o\\_entre\\_os\\_mesteiros\\_e\\_a\\_Vere%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_Porto\\_nos\\_s%C3%A9culos\\_XIV\\_e\\_XV](https://www.academia.edu/57473524/A_Oficina_e_a_C%C3%A2mara_a_rela%C3%A7%C3%A3o_entre_os_mesteiros_e_a_Vere%C3%A7%C3%A3o_do_Porto_nos_s%C3%A9culos_XIV_e_XV). Bruno Marconi, “Os Mestres de Ofícios da Lisboa medieval. Uma análise comparada de sua atividade política entre os séculos XIII e XIV” (Tese de Doutoramento, Programa de Pós-Graduação em História Comparada do Instituto de História, 2018). [https://ppghc.historia.ufrj.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=270-os-mestres-de-oficio-da-lisboa-medieval-uma-analise-comparada-de-sua-atividade-politica-entre-os-seculos-xiii-e-xiv&category\\_slug=teses&Itemid=155](https://ppghc.historia.ufrj.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=270-os-mestres-de-oficio-da-lisboa-medieval-uma-analise-comparada-de-sua-atividade-politica-entre-os-seculos-xiii-e-xiv&category_slug=teses&Itemid=155). Bruno Marconi, “A atividade política dos mesteiros de Lisboa no século XIV: da oligarquização do concelho à crise dinástica”, in *Estudos de poder, religião e sociedade na História*. (Rio de Janeiro: Autografia, 2018), 15–29. [https://www.academia.edu/37676830/A\\_atividade\\_pol%C3%ADtica\\_dos\\_mesteiros\\_de\\_Lisboa\\_no\\_s%C3%A9culo\\_XIV\\_da\\_oligarquiza%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_concelho\\_%C3%AO\\_crise\\_din%C3%A1stica](https://www.academia.edu/37676830/A_atividade_pol%C3%ADtica_dos_mesteiros_de_Lisboa_no_s%C3%A9culo_XIV_da_oligarquiza%C3%A7%C3%A3o_do_concelho_%C3%AO_crise_din%C3%A1stica) In ALVES Gracilda COSTA Bruno Marconi da *Estudos de Poder Religi%C3%A3o e Sociedade na Hist%C3%B3ria* Raquel de Oliveira Martins, “A participação dos representantes dos mesteres nas vereações concelhias bracarense, no século XV”, *eHumanista* 49 (2021), 16-28. <https://www.ehumanista.ucsb.edu/sites/default/files/sitefiles/ehumanista/volume49/ehum49js.martins.pdf>. Marco Alexandre Ribeiro, “Os Mesteiros e a Vereação: a relação entre a elite camarária louletana e os mesteiros no final da Idade Média”, in *Atas do V Encontro de História de Loulé* (Loulé: Câmara Municipal, no prelo). Raquel de Oliveira Martins; Marco Alexandre Ribeiro, “A participação política dos mesteiros no período final da Idade Média: uma perspectiva comparativa entre Braga e Loulé” in *Atas das V Jornadas e Congresso MedCrafts* (no prelo).

admitimos), o mesmo se poderá dizer do contrário.

Igualmente suspeitas parecem ser as inúmeras tentativas de vários membros dos mestres um pouco por todos os espaços urbanos portugueses já analisados em maior detalhe para fazerem ouvir a sua voz: através do envio de delegações paralelas às Cortes, em claro protesto contra os Procuradores dos Concelhos (e por extensão o poder concelhio como um todo), numa afirmação da recusa de atribuição da sua representação nestes oficiais e afirmando-se como verdadeiros representantes do Povo<sup>5</sup>; ou ainda nas gestões camarárias deste ou daquele espaço concreto, forçando a mão decisória das Vereações por vias diplomáticas (como é o caso dos agravos), ou através de uma via mais conflituosa com os poderes instituídos (por exemplo através da paralisação das atividades produtivas, como aconteceu diversas vezes na cidade do Porto ao longo do período em causa)<sup>6</sup>.

O projeto de doutoramento que propomos e nos encontramos desenvolvendo parte, por tudo isto, de uma perspetiva da história a partir de camadas sociais historicamente “inferiores”, que pouco ou nada nos terão deixado escrito pelas suas mãos, deixando-nos a sua descoberta e interpretação a partir de representações externas ao grupo específico que procuramos estudar. Esta investigação procura focar, de uma forma mais concreta, o processo de construção (e os seus diferentes graus) de uma “consciência política” nos mestrais portugueses do período final da Idade Média, especificamente entre 1367 e 1521.

## 2. Estado da arte

Pelo caráter descentrado de uma análise exclusivamente histórica que pretendemos, teremos de recorrer a estudos bastante diversificados, até de áreas de investigação científica distintas: a História, a Filosofia e a Sociologia. O nosso tema de investigação não surge de um vazio historiográfico; ele assenta, antes pelo contrário, numa

---

<sup>5</sup> Armindo de Sousa, *As Cortes Medievais Portuguesas (1385-1490)*, vol. I (Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de História da Universidade do Porto, 1990), 210-214. Maria Helena da Cruz Coelho, “O social: do vivido ao representado em Cortes”, in *Actas dos 2<sup>os</sup> Cursos Internacionais de Verão de Cascais* (Cascais: Câmara Municipal, 1996), 15-44. Arnaldo Sousa Melo, *Trabalho e Produção em Portugal na Idade Média: O Porto, c. 1320–c. 1415 / Travail et Production au Portugal au Moyen Âge: Porto, c. 1320-c. 1415*, vol. 1 (Tese de Doutoramento, Universidade do Minho/EHESS, 2009), 365-366. Maria Helena da Cruz Coelho, “Em prol do bom governo da cidade: a presença das elites urbanas nas cortes medievais portuguesas”, in *La Gobernanza de la Ciudad Europea en la Edad Media* (Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2011), 318-322.

<sup>6</sup> Melo, “Os mestrais e o poder concelhio nas cidades medievais portuguesas”, 168. Ribeiro; Cunha, “A oficina e a Câmara: a relação entre os mestrais e a Vereação do Porto nos séculos XIV e XV”, 318.

produção que tem vindo a expandir-se grandemente ao longo de toda a Europa nas últimas décadas, como prova, de resto, o próprio projeto coletivo em que se insere: o MedCrafts.

Armindo de Sousa abriu, nas décadas finais do século passado, o caminho para uma renovada interpretação da organização socioprofissional dos mesteres medievais portugueses, descentrando a discussão das elites camarárias<sup>7</sup>. A sua contribuição para o segundo volume da coleção *História de Portugal*, dirigida por José Mattoso<sup>8</sup>, fez quebrar o ceticismo perante a existência de alguma forma de consciência coletiva dos mesterais portugueses, recorrendo à visão da sua *praxis* política entre os finais da Idade Média e inícios da Modernidade. Discussão muito proveitosa se teve até ao final da centúria de novecentos centrada nos problemas da utilização do conceito de “classe social” ou até de “revolução” (conceitos centrais na nossa análise) a realidades históricas anteriores ao processo da Revolução Industrial, a qual parecia em certa medida encerrada até tempos bem recentes, quanto a nós de forma equivocada<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> Entre os principais trabalhos realizados a partir desta perspetiva descentrada das elites camarárias medievais destacamos os de: Luís Miguel Duarte, “A Indústria dos oprimidos: conflitos sociais e lutas pela independência em Portugal”, in *Revoluciones e independências a lo largo de la historia* (Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, 2011), 13-45; Maria José Pimenta Ferro Tavares, “A Revolta dos Mesterais de 1383”, in *Actas das III Jornadas Arqueológicas (1977)*, vol. 1 (Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses 1978), 357-383; Adelaide Milan da Costa, “Les artisans et le pouvoir municipale à Porto (XIVe-XVe siècles)”, *Razo - Cahiers du Centre d'Études Médiévales de Nice (L'Artisan dans la Péninsule Ibérique)*, 14 (1993), 53-68.

<sup>8</sup> Armindo de Sousa, “Classes”, *A Monarquia Feudal (1096-1480)*. (Lisboa: Estampa, 1993), 339-355.

<sup>9</sup> Enquanto novas propostas de discussão sobre estas temáticas propomos um conjunto de estudos de diversos autores estrangeiros, perspetivando-as sob diversos pontos de partida distintos: Carlos Astarita, “Tuvo conciencia de classe el campesino medieval?”, *Edad Media*, n. 3 (2000), 89-113. Carlos Astarita, *From Feudalism to Capitalism. Social and Political change in Castile and Western Europe, 1250-1520*. (Leiden: Brill Academic Publishers, 2022). Carlos Astarita, *Revolución en el burgo. Movimientos comunales en la Edad Media. España y Portugal* (Madrid: Akal, 2019). Rod Aya, “Theories of Revolution reconsidered. Contrasting models of collective violence”, *Theory and Society*, vol. 8, n.1 (1979), 39-99. William Brustein, “Class conflict and class collaboration in regional rebellions, 1500 to 1700”, *Theory and Society*, vol. 14, n.4 (1985), 445-468. [https://www.jstor.org/stable/657222#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/657222#metadata_info_tab_contents). Peter Burke, “Conclusion. Révoltes populaires et traditions orales”, *Traditions orales et mémoires sociales des révoltes en Europe : XVe-XIXe siècle*. (Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2020). Justine Firnhaber-Baker, “Introduction. Medieval Revolt in context”, *The Routledge History Handbook of Medieval Revolt*. (Londres: Routledge, 2017), 1-16. Justine Firnhaber-Baker, “The eponymous Jacquerie. Making Revolt mean some things”, *The Routledge History Handbook of Medieval Revolt*. (Londres: Routledge, 2017), 55-75. Arthur Hatto, “Revolution. An Enquiry Into the Usefulness of an Historical Term” *Mind*, vol. 58, n. 232 (1949), 495-517. [https://www.jstor.org/stable/2250878#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/2250878#metadata_info_tab_contents). David Ragazzoni, “Democratic crises, Revolutions and Civil Resistance”, *A Cultural History of Democracy*, vol. 3: The Renaissance (1450-1650) (Londres: Bloomsbury Publishing, 2021), 159-182. Ghislain Brunel; Serge Brunet, *Les lutes anti-seigneuriales dans l'Europe médiévale et moderne*. (Toulouse: Presses universitaires du Midi, 2020). Samuel K. Cohn, *Lust for Liberty. The politics of social revolt in medieval Europe, 1200-1425*. (Cambridge: Harvard University Press, 2006). Rodney Hilton, *Class Conflict and the Crisis of Feudalism: Essays in Medieval Social History*. (Londres, Bloomsbury Publishing, 1985).

Ainda pela mão deste eminente historiador no contexto português nos chegaram outros trabalhos de enorme relevo para o tema que procuramos aprofundar no nosso Doutoramento. A sua tese de Doutoramento, publicada em 1990 pelo Instituto Nacional de Investigação Científica e o Centro de História da Universidade do Porto, trouxe luz a mecanismos de participação dos mesterais na gestão política dos espaços urbanos ainda insuficientemente estudados: o envio dos Procuradores do Povo às Cortes portuguesas medievais, um poder paralelo ao dos Procuradores dos Concelhos, que supostamente representariam todo o grande grupo social que encaixamos no “Povo”. Acontece, pois, que os Mesterais não se sentiriam perfeitamente representados por estes representantes dos Concelhos, tomando nas suas próprias mãos a responsabilidade de se fazerem ouvir no grande centro de decisão nacional, o parlamento medieval<sup>10</sup>.

A existência de alguma forma de consciência coletiva dos mesterais portugueses é ainda um campo de investigação pouco tratado na historiografia portuguesa, não sendo possível encontrar trabalhos de fôlego (com análises sistemáticas no tempo e no espaço) exclusivamente dedicados ao envolvimento político dos mesterais depois de 1383-85. Exceções devem ser, no entanto, feitas, honrando alguns importantes avanços que a historiografia lusófona tem alcançado nos últimos anos.

Seria uma tarefa profundamente extensiva enumerar todas as obras que se têm dedicado ao estudo dos poderes locais ao longo da Idade Média desde o período final do Estado Novo português, trabalho, aliás, feito em 2005 por Maria Helena da Cruz Coelho, mas evidentemente já em necessidade de atualização<sup>11</sup>. Contudo, estes trabalhos que se vieram a desenvolver<sup>12</sup> permitem-nos compreender que a perspetiva de que parte o nosso projeto de Doutoramento é fundamental para a compreensão do

---

<sup>10</sup> Armindo de Sousa, *O parlamento medieval português e outros estudos*. (Porto: Fio da Palavra, 2014), 137-174 / 385-458.

<sup>11</sup> Maria Helena da Cruz Coelho, “No palco e nos bastidores do poder local”, in *O poder local em tempo de globalização. Uma história e um futuro* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 2005), 49–74.

<sup>12</sup> Entre as inúmeras obras a que poderíamos aqui fazer alusão, destacaremos apenas as que nos parecem mais pertinentes para o presente estado da arte, considerando a sua atualidade, bem como as novas perspetivas que foram capazes de trazer à historiografia portuguesa e a sua pertinência para o nosso tema de estudo: Adelaide Millán da Costa, “A cultura política em ação. Diálogos institucionais entre a Coroa e os centros urbanos em Portugal no século XIV”, *En la España Medieval*, vol. 36 (2013), 9-29. Mário Farelo, *A Oligarquia Camarária de Lisboa: (1325–1433)*. (Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009). <http://hdl.handle.net/10451/569>. Joaquim Romero Magalhães; Maria Helena da Cruz Coelho, *O poder concelhio: das origens às cortes constituintes: notas de história social*, 2ª ed (Coimbra: Centro de Estudos e Formação Autárquica, 2008). Humberto Baquero Moreno, *Os municípios portugueses nos séculos XIII a XVI. Estudos de História*. (Lisboa: Editora Presença, 1986).

desenvolvimento político do reino; no entanto a eventual “consciência política” dos mesterais é um tema pouco escolhido pelos historiadores portugueses, sendo necessária uma mais profunda reflexão sobre o tema.

O trabalho que pretendemos realizar permitirá introduzir a análise sobre o papel dos Mesterais na vida política, económica e social dos reinos nos significativos avanços que já se registaram na historiografia estrangeira. Estes são campos de estudo com alguns anos de trabalho em alguns espaços concretos do continente europeu, com destaque para as zonas do Norte e Centro da Europa<sup>13</sup>, no entanto é inegável a ainda atualidade do tema no trabalho historiográfico. Na historiografia estrangeira, vários estudos sugerem a existência de processos de “auto-consciencialização” dos estratos sociais inferiores, estabelecendo o contacto entre a história medieval e conceitos da filosofia e da sociologia políticas contemporâneas, uma abordagem ainda rara na historiografia portuguesa e que propomos realizar no nosso projeto de investigação, numa perspetiva que possa transcender a análise essencialmente histórica.

A maior abundância de fontes e os processos de revolta social que marcaram determinados espaços europeus no período final da Idade Média poderão justificar a profusão mais significativa de estudos desta ordem. Contudo, cremos também que a esta importante motivação se associa ainda uma tradição historiográfica absolutamente distinta da portuguesa, destacando o papel da historiografia marxista que marcou o final do século XX britânico<sup>14</sup>, cujos mais reconhecidos nomes serão porventura

---

<sup>13</sup> Samuel K. Cohn, *Popular Protest in Late-Medieval Europe. Italy, France, and Flanders*. (Manchester: Manchester University Press, 2013). Jan Dumolyn; Jelle Haemers; Hipolito Rafael Oliva Herer; Vincent Challet (coord.), *The Voices of the People in Late Medieval Europe: Communication and Popular Politics*. (Turnhout: Brepols Publishers, 2014). James R Farr, *Artisans in Europe, 1300-1914*. (Cambridge: Cambridge University Press, 2000). Jelle Haemers, “Ad petitionem burgensium. Petitions and peaceful resistance of craftsmen in Flanders and Mechelen (13th-16th centuries).” *Los grupos populares en la ciudad medieval europea*. (La Rioja: Instituto de Estudios Riojanos, 2014), 371-394. Jelle Haemers, “Révolte et requête. Les gens de métiers et les conflits sociaux dans les villes de Flandre (XIIIe–XVe siècle)”, *Revue historique*, n. 677, vol. 1 (2016), 27–55. <https://www.cairn.info/revue-historique-2016-1-page-27.htm>. Didier Lett, “Les voix du peuple à la fin du Moyen Âge”, *Médiévales. Langues, Textes, Histoire*, 71 (2016), 159–176. <http://journals.openedition.org/medievales/7931>. Ken Pennington; David Napolitano, *A Cultural History of Democracy in the Medieval Age*. (London: Bloomsbury Academic, 2021).

<sup>14</sup> Para a realidade historiográfica britânica do final do século XX e também o presente século, destacamos algumas obras de maior relevo para a nossa abordagem, algumas delas partes integrantes desta corrente historiográfica marxista, outras herdeiras ou por elas inspiradas: Rodney Hilton, *Bond Men made Free – Medieval Peasant Movements and the English rising of 1381*. (New York: Routledge, 2003). Helen Lacey, “Litératie pragmatique et conscience politique dans l’Angleterre de la fin du Moyen Âge”, in *Le Moyen Âge dans le texte. Nouvelle édition* (Paris: Éditions de la Sorbonne, 2016), 255-276. <http://books.openedition.org/psorbonne/28893>. Gervase Rosser, “Workers’ Associations in English Medieval Towns”, *Les métiers au Moyen Âge. Aspects Économiques et sociaux. Actes du Colloque international de Louvain-la-Neuve 7-9 octobre 1993* (Louvain-la-Neuve: Université Catholique de



os de Edward Palmer Thompson, Eric Hobsbawm, Perry Anderson ou Rodney Hilton. Paralelamente, parece existir uma grande compreensão do carácter fulcral de abordagens como a que propomos para uma maior compreensão da vida política, económica e social medieval.

Para o caso ibérico, o cenário não é equiparável, o que se compreende por vários fatores de natureza diversa. Apontaríamos, à partida, as décadas de retrocesso civilizacional provocadas pelos regimes fascistas que dominaram grande parte do século XX dos dois países peninsulares. Com os seus projetos totalitários e de reconstrução ou reconfiguração nacionais, preocuparam-se em reescrever o passado para responder a necessidades dos seus presentes, marcando uma orientação ideológica clara e evidente do estudo da História para fazer valer uma visão heroica e absolutamente incorreta de momentos concretos do passado. Este foi o caso, por exemplo, da Revolução de 1383-85 ou ainda da visão sobre as corporações de ofícios portuguesas do período medieval e moderno, em claras tentativas de justificar e valorizar historicamente o corporativismo fascista.

Em todo o caso, nos últimos anos têm surgido diversos trabalhos individuais e coletivos resultantes, muitas vezes, da apresentação e discussão de estudos sobre realidades concretas para diversos espaços urbanos definidos dentro da Península Ibérica e sobretudo para o período final do século XIV e todo o século XV<sup>15</sup>. Para os casos coletivos, destacaríamos as obras *Trabajar en la ciudad medieval europea*, editada por Jesús Solórzano Telechea e Arnaldo Sousa Melo<sup>16</sup>, ou *Los grupos populares en la ciudad medieval europea*, coordenada por Jesús Solórzano Telechea, Beatriz Arízaga Bolumburu e Jelle Haemers<sup>17</sup>. Destes títulos percebemos não apenas a atualidade do tema que pretendemos estudar no contexto da historiografia internacional, mas ainda, e

---

Louvain, 1994), 283-305.

<sup>15</sup> José Maria Monsalvo-Antón, “La participación política de los pecheros en los municipios castellanos de la Baja Edad Media: Aspectos organizativos”, *Studia Historica, Idade Medieval*, n.º 7 (Salamanca: Universidad de Salamanca, 1989), 37-92. Jesús Ángel Solórzano Telechea, “Commo uno más del pueblo: acción colectiva y ambiciones políticas del Común en las villas portuárias de Cantabria en la Baja Edad Media”, *Edad Media Revista de Historia, Culturas Políticas Urbanas en la Península Ibérica*, vol. 14 (Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, 2013), 239-257. Rafael Narbona Vizcaíno, “Cultura política y comunidad urbana: Valencia, siglos XIV-XV”, *Edad Media Revista de Historia, Culturas Políticas Urbanas en la Península Ibérica*, vol. 14 (Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, 2013), 171-221.

<sup>16</sup> Jesús Solórzano Telechea; Arnaldo Sousa Melo (ed.), *Trabajar en la ciudad medieval europea*, Colección Ciencias Históricas, 37 (Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2018).

<sup>17</sup> Jesús Solórzano Telechea; Beatriz Arízaga Bolumburu; Jelle Haemers (coord), *Los grupos populares en la ciudad medieval europea* (Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2014).



provavelmente mais importante, a enorme necessidade que existe ainda de preencher algumas lacunas no que respeita à interpretação daquilo que terá sido o papel político, social e económico dos Mesterais ao longo da Idade Média de uma perspetiva da história da cultura e das mentalidades.

Para o caso específico da historiografia lusófona destacam-se, no presente século, dois nomes de investigadores que se têm dedicado com afinco à compreensão das circunstâncias de vida e trabalho dos Mesterais em Portugal desde o século XIII ao XVI. É o caso de Arnaldo Melo, seguramente o nome maior no estudo da História do Trabalho medieval na atualidade em Portugal. A sua tese de Doutoramento, apresentada e defendida em 2009 versa precisamente sobre o *Trabalho e Produção em Portugal na Idade Média*, centrando a sua análise no caso concreto da cidade do Porto entre 1320 e 1415<sup>18</sup>, mas sem nunca esquecer as aproximações possíveis à altura a outros espaços urbanos do reino de Portugal deste período. Após esta tese, multiplicaram-se os seus estudos convertidos em artigos e capítulos de livros que têm permitido descorinar diversos aspetos daquilo que poderão ter sido as vivências materiais dos Mesterais neste espaço e tempo concretos<sup>19</sup>. Os seus trabalhos foram absolutamente basilares para a construção do nosso projeto de Doutoramento e permitem em larga medida lançar as questões das quais partimos para a nossa investigação.

Por sua vez, Bruno Marconi introduziu também algumas novidades no estudo dos Mesterais lisboetas entre os séculos XIII e XIV, perspetivando um objeto de estudo já largamente discutido pela historiografia portuguesa a partir de novas abordagens, auxiliadas por outras áreas do saber científico, como a Filosofia e a Sociologia contemporâneas. *A experiência social dos mesterais medievais portugueses – uma abordagem thompsoniana*<sup>20</sup> corresponde a uma abordagem histórica desta problemática

---

<sup>18</sup> Melo, *Trabalho e Produção em Portugal na Idade Média: O Porto, c.1320-c. 1415 / Travail et Production au Portugal au Moyen Âge: Porto, c. 1320-c. 1415*.

<sup>19</sup> Melo, “Os mesterais e o poder concelhio nas cidades medievais portuguesas”; Arnaldo Melo, “Os mesterais no governo urbano do Porto nos séculos XIV e XV”, in *La Gobernanza de la ciudad europea en la Edad Media*. (Logroño: Centro de Estudios Riojanos, 2011), 323-347. Arnaldo Melo, “Os espaços dos mesteres nas cidades medievais e nas suas periferias: Tipologia e metodologia de análise”, in *Espaços e Poderes na Europa Medieval*. (Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais / Câmara Municipal de Castelo de Vide, 2018), 337-358. Maria do Carmo Ribeiro; Arnaldo Sousa Melo, “A influência das atividades económicas na organização da cidade medieval portuguesa”, in *Evolução da Paisagem urbana: sociedade e economia*, (Braga: CITCEM, 2012), 145-172. Arnaldo Sousa Melo, “Les métiers en ville au Portugal (XIIIe-XVe siècles)”, in *Tra Economia e politica: le Corporazioni nell’Europa medievale, Pistoia, 13-16 maggio 2005* (Pistoia: Viella, 2007), 111-139.

<sup>20</sup> Bruno Marconi, “A experiência social dos mesterais medievais portugueses - uma abordagem thompsoniana”, *Roda da Fortuna. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo*, vol. 3, n. 1 (2014), 221-241.

absolutamente original para o estudo da história medieval portuguesa, assegurando em boa medida a possibilidade de um estudo como aquele que propomos, supondo, é claro, uma construção conceptual de determinados conceitos contemporâneos rigorosa e sustentada. Para além deste trabalho, seria também impossível negar a importância e centralidade para o nosso tema de trabalho da tese de doutoramento deste autor, centrada nos *Mestres de Ofícios da Lisboa medieval*<sup>21</sup>, bem como os estudos que desde então tem tornado públicos, centrando maioritariamente a sua análise na realidade lisboeta para o período imediatamente anterior ao que nos importa<sup>22</sup>.

Finalmente, o projeto MedCrafts (terminado em setembro de 2022) propõe uma análise comparativa das regulamentações profissionais dos mesteres em várias cidades portuguesas, tendo sido responsável pela organização de importantes centros de debate e discussão em torno da regulamentação dos mesteres no período que estudamos, bem como de diversos projetos de tese de Doutoramento e algumas dissertações de mestrado<sup>23</sup>. A estes centros de debate e discussão, juntam-se ainda diversos artigos elaborados pelos vários membros do projeto coletivo que se têm tornado públicos muito recentemente<sup>24</sup>, prevendo-se ainda o lançamento de algumas obras coletivas que em muito contribuirão para o aprofundamento do conhecimento de distintas

---

<sup>21</sup> Marconi, “Os Mestres de Ofícios da Lisboa medieval. Uma análise comparada de sua atividade política entre os séculos XIII e XIV”.

<sup>22</sup> Bruno Marconi, “Sandice de dois sapateiros e alfaiates? O repertório de ações coletivas dos mesterais lisboetas nos séculos XIII e XIV”, in *Trabajar en la ciudad medieval europea*, vol. 1 (Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2018), 379-408. Marconi, “A atividade política dos mesterais de Lisboa no século XIV: da oligarquização do concelho à crise dinástica”; Bruno Marconi, “Agentes sociais e organização político-institucional do poder concelhio português na Idade Média: o caso da Lisboa do século XIII”, in *IX Semana de História Política/VI Seminário Nacional de História Política, Cultura e Sociedade, 2014, Rio de Janeiro. Anais IX Semana de História Política/VI Seminário Nacional de História Política, Cultura e Sociedade*, vol. 1 (Rio de Janeiro: UERJ, PPGH, 2014) p. 500-511. Bruno Marconi, “Experiência social e resistência em Portugal no século XIV - as revoltas mesterais e a oligarquia camarária de Lisboa”, *Roda da Fortuna. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medieval*, vol. 5 (2016) p. 115-140.

<sup>23</sup> Josefa Cardoso Madureira, *Os Carniceiros no final da Idade Média (séc. XIV-XV)* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2021). Marco Alexandre Ribeiro, *As atas de vereação do Porto de 1485 a 1488: Leitura paleográfica, publicação e estudo prévio* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019). Mariana Fonseca Antunes Alves Pereira, *A Mulher e o Trabalho nas cidades e vilas portuguesas medievais (séculos XIV e XV)* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2020).

<sup>24</sup> A título de exemplo destacaremos apenas alguns títulos que, por terem uma ligação mais direta ao nosso tema de trabalho e investigação, nos pareceram mais pertinentes: Ribeiro; Cunha, “A oficina e a Câmara: a relação entre os mesterais e a Vereação do Porto nos séculos XIV e XV”; Josefa Madureira; Luís Miguel Duarte, “Quem quer casar com um carnicheiro? Importância, riqueza, poder e medo – Portugal na Baixa Idade Média”, *eHumanista*, 49 (2021), 77-83. Martins, “A participação dos representantes dos mesteres nas vereações concelhias bracarenses, no século XV”. Em boa verdade, todo o número da revista *eHumanista* aqui referido nos dois últimos trabalhos é composto por estudos da equipa MedCrafts, sendo este número integralmente dedicado ao estudo dos mesteres no período final da Idade Média.

realidades que ainda nos são relativamente desconhecidas<sup>25</sup>.

A obra coordenada por Phillipe Bernardi, Corine Maitte e François Rivière, lançada em 2020<sup>26</sup> reconhece a importância dos mesteirais enquanto atores das próprias regulamentações, em diálogo com outros atores. Todas estas investigações a que aqui aludimos destacaram a capacidade de organização e/ou decisão coletiva dos mesteirais, um fenómeno que tinha sido identificado por Armindo de Sousa, mas que o autor não pôde aprofundar.

O presente projeto, que parte de todos estes avanços historiográficos já alcançados entre nós, permitirá, por tudo aquilo que apresentamos, introduzir uma nova abordagem às dinâmicas da sociedade portuguesa na cronologia apresentada, acompanhando as tendências historiográficas internacionais. Procuramos com este trabalho preencher importantes lacunas ainda existentes, na tentativa de compreensão daquilo que terão sido as circunstâncias materiais de vida e trabalho dos Mesteirais portugueses no final da Idade Média, nomeadamente no que respeita à sua cultura e participação políticas, para as quais as fontes nos parecem indicar algumas respostas, embora muito pouco concretas até ao presente momento.

### **3. O tema e as etapas do trabalho**

Com este projeto de Doutoramento, pretendemos aferir o grau de “consciência política” dos mesteirais portugueses, conjunto diversificado e heterogéneo de indivíduos, e a sua evolução ao longo do tempo, desde as revoltas no reinado de D. Fernando e a Revolução de 1383-85, até ao momento de limitação dos poderes locais, no reinado de D. Manuel I. Selecionamos sete centros urbanos como observatório do fenómeno: Braga, Porto, Coimbra, Lisboa, Évora, Loulé e Funchal, bem como, naturalmente, as instâncias do poder central. Estes centros destacam-se no conjunto do Reino: quatro sentam-se no primeiro banco das Cortes, mas alargou-se a amostra a cidades de menor influência política e a um centro urbano completamente novo (Funchal). A escolha destes centros justifica-se por apresentarem características sócio-político-económicas distintas, o que permitirá um bom grau de comparabilidade entre elas, e também porque

---

<sup>25</sup> Neste contexto destacamos as obras que resultarão da reunião dos artigos provenientes das comunicações elaboradas pelos membros do projeto coletivo ao longo das III, IV e V Jornadas MedCrafts, aos quais se juntarão também os textos resultantes do Congresso MedCrafts, que marcou o final da atividade do projeto, em setembro de 2022.

<sup>26</sup> Phillipe Bernardi; Corine Maitte; François Rivière (ed.), *Dans les règles du métier. Les acteurs des normes professionnelles au Moyen Âge et à l'époque moderne* (Palermo: New Digital Frontiers, 2020).

conservam um conjunto de fontes documentais mais consistente (várias delas já publicadas). Esta investigação integra o projeto coletivo MedCrafts (PTDC/HARHIS/31427/2017), que propõe uma análise comparativa das regulamentações dos mestres em várias cidades portuguesas nos séculos XIV e XV. Aproveitar-se-ão as ferramentas de análise já discutidas e consolidadas pela equipa no tratamento das regulamentações dos mestres.

Escolhemos dividir o trabalho em três partes, correspondendo as duas primeiras a uma abordagem contextual e a uma definição dos conceitos operatórios, e a terceira ao cerne deste trabalho: a análise da *praxis* política dos mestres no espaço e cronologia definidos.

Na primeira parte, esboçaremos uma síntese sobre a realidade europeia na mesma cronologia. O final da Idade Média foi uma época de agitações políticas e sociais e de reestruturação institucional por toda a Europa<sup>27</sup>, sendo fundamental compreender de que modo estes fenómenos terão influenciado ou estado presentes na realidade portuguesa. Para além disto, abordaremos a evolução dos concelhos medievais portugueses e traçaremos um panorama geral da sociedade medieval do Reino, para melhor identificar e definir os indivíduos que pretendemos estudar.

Na segunda parte estabelecer-se-á a definição do conceito de “consciência política”, com base em obras histórico-filosóficas de referência<sup>28</sup>. Esta definição é essencial para se avaliar o seu grau de aplicabilidade à realidade a analisar.

A terceira parte focar-se-á na análise das práticas políticas dos mestres. Partindo das revoltas no tempo de D. Fernando, examinar-se-á a par e passo o papel dos mestres no desenrolar dos eventos políticos e a tradução deste envolvimento. Pretende-se entender de que forma agiram imediatamente antes e durante o momento

---

<sup>27</sup> Sobre as principais revoltas urbanas no período final da Idade Média, procuraríamos destacar apenas aquela que nos parece ser a maior obra de referência sobre este tópico específico, sendo ainda muito consultada, pelo seu pioneirismo neste campo de investigação, mas também pela abrangência geográfica que é capaz de abarcar: Michel Mollat; Philippe Wolff, *Ongles bleus Jacques et Ciompi: les révolutions populaires en Europe aux XIVe et XVe siècles* (Paris: Calmann-Lévy, 1970).

<sup>28</sup> Émile Durkheim, *De la division du travail social*, 2ª ed. (Paris: Presses Universitaires de France, 1991); Georges Friedmann; Pierre Naville (dir.), *Traité de sociologie du travail* (Paris: Armand Colin, 1961–1962); E. P. Thompson, *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser* (Rio de Janeiro: Zahar, 1981); Georges Hanne, "Introduction. Langage du travail, travail du langage", in *Noms de métiers et catégories professionnelles: Acteurs, pratiques, discours (XVe siècle à nos jours)* (Toulouse: Presses universitaires du Midi, 2010). <http://books.openedition.org/pumi/33011>; Claude Durand, *Conscience ouvrière et action syndicale*, (Paris: Editions de l'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1971).

revolucionário de 1383-85 para se compreender o que a sua atuação lhes trouxe de benéfico ou de frustrante, avaliando eventuais especificidades da organização socio-profissional das mulheres e minorias religiosas.

Concentrar-nos-emos depois na evolução dos processos de construção de “consciência política” dos mesterais ao longo dos diferentes reinados. A sua relevância política oscilou ao longo do tempo, com o registo de presenças mais ou menos assíduas destes indivíduos em diferentes instâncias de decisão política, fazendo-se representar de formas distintas: com ou sem designação formal, em nome do indivíduo singular ou do(s) mester(es) no seu coletivo.

Para tal, será necessário recorrer a um conjunto alargado de fontes históricas. As atas de Vereação, as Posturas municipais, os capítulos de Cortes, gerais e especiais, as sentenças, a cronística, os Regimentos corporativos ou de confrarias, as Ordenações do Reino e as Chancelarias Régias serão a base, bem como os estudos específicos já elaborados sobre cada um destes tipos de fontes. A partir destas fontes, identificaremos formas de representação dos mesterais ao longo do tempo e tentaremos categorizá-las, considerando que algumas delas não têm ainda uma definição completa (os “vedores”, os “procuradores jurídicos dos mesterais” ou os “procuradores dos mesteres” ou “do povo”, entre outros). Procuraremos entender quais as formas de organização interna dos mesterais portugueses (se e quando tinham), e estudar a dimensão de auto-organização e também de mobilização.

Será fundamental analisar os mecanismos de organização espacial e de organização institucional/intervenção coletiva utilizados pelos mesterais, como as “Confrarias”, as “Casas dos 24”, as “Corporações de Ofícios” ou as delegações paralelas que enviavam às Cortes por não se sentirem representados pelos Procuradores municipais. Seguidamente, serão examinadas as práticas discursivas utilizadas, bem como as formas de resistência dos mesterais – através de uma via judicial, com recurso a entidades políticas de autoridade, ou através da paralisação das suas atividades. Pretende-se entender os meios e recursos ao seu dispor e ainda a sua dinâmica de decisão coletiva.

Para a realização do estudo que propomos será fundamental não só a análise das formas de organização e decisão coletiva nos termos propostos por Armindo de Sousa no seu capítulo dedicado aos Mesterais no segundo volume da *História de Portugal* dirigido por José Mattoso, mas também das práticas discursivas dos mesterais. Um exercício deste tipo já tinha sido feito pelo autor na sua tese de Doutoramento a que

atrás nos referimos, através da análise dos discursos dos municípios em Cortes. Pretende-se agora replicar essa metodologia, aplicada aos Mesterais, cotejando-se com outras fontes históricas para além das tradicionalmente utilizadas para o efeito. Paralelamente, parece-nos ainda fundamental compreender as dinâmicas de envolvimento político deste corpo social tão diverso e heterogéneo a partir de uma participação “informal”. Os estudos realizados até ao momento e aos quais fizemos alusão, evidenciam um claro processo de marginalização dos Mesterais dos principais cargos concelhios nos vários espaços urbanos portugueses no período final da Idade Média. Contudo, cremos que a gestão da vida em sociedade não se encerra nesses cargos, pelo que é para nós prioritário e urgente atribuir um renovado valor a formas distintas de participação cívica: através de cargos “menores”, ou de uma participação “informal”, recorrendo ao diálogo entre os Mesterais e os poderes institucionais, às formas de confronto entre estes agentes e também à paralisação das atividades profissionais enquanto forma de luta e reivindicação.

É importante ainda considerar as formas de regulação profissional dos mesteres (externas e internas) – os seus estatutos e formas de autorregulação, como os “Regimentos dos Mesteres”, ou intervenções e participações em reuniões camarárias nas quais se decidiam Posturas sobre a atividade artesanal ou tabelamentos de preços ou salários. Sendo um dos maiores motores da vida económica do reino<sup>29</sup>, é indispensável entender se e até que ponto os mesterais tinham a perceção dessa importância e de que forma tal poderá ter contribuído para o desenvolvimento de uma “consciência política” e de um sentido de grupo. As negociações relativas à regulamentação das atividades constituem um bom observatório sobre o modo como os mesterais se dirigiam às autoridades, como se apresentavam, que “direitos” e necessidades entendiam ter, o porquê de terem estes “direitos” e ainda aquilo que pretendiam com o seu envolvimento.

A recolha de informação será sistematizada numa base de dados, construída segundo os vetores de análise enunciados (formas de representação, de organização, práticas discursivas e regulamentações). Na análise interpretativa das fontes teremos em conta o conceito operativo de “consciência política” previamente definido e

---

<sup>29</sup> Melo, *Trabalho e Produção em Portugal na Idade Média: O Porto, c. 1320-c. 1415 / Travail et Production au Portugal au Moyen Âge: Porto, c. 1320-c. 1415.*; Joana Isabel Sequeira, *O pano da terra: produção têxtil em Portugal nos finais da Idade Média*, 1<sup>a</sup> ed. (Porto: Universidade do Porto, 2014), 123-152.

adotaremos, com as devidas adaptações, as metodologias de análise propostas por Armino Sousa<sup>30</sup> e Bruno Marconi<sup>31</sup>.

Acreditamos que este projeto ajudará a compreender melhor a prática e o ambiente políticos portugueses nesta cronologia, perscrutando os valores e as mentalidades coletivas da sociedade através do estudo de um conjunto específico e estratégico de indivíduos, enquanto permitirá aprofundar o conhecimento sobre a realidade dos mestrais no reino português.

#### **4. Considerações iniciais**

Por se tratar de um trabalho ainda em curso, especificamente um trabalho na sua fase inicial, não são muitas as conclusões que poderemos oferecer. Por esse mesmo motivo, aquilo que aqui agora reunimos são, de facto, as considerações iniciais para este estudo, ao invés das usuais considerações finais.

Creemos, por tudo o que aqui procuramos explorar e apresentar (com as reconhecidas falhas que possa esta breve apresentação de um projeto de investigação ter) que o trabalho que nos encontramos desenvolvendo se trata de um verdadeiro passo inovador no seio da historiografia portuguesa, particularmente entre os estudos que se dedicam à Idade Média portuguesa. Não apenas pelo tema em si, perspetivando um grupo socioprofissional já várias vezes visitado, mas de uma perspetiva inovadora, a da sua participação política e desenvolvimento de algum grau de consciência política. Mas acreditamos apresentar algum tipo de inovação também pelo esforço que procuramos fazer ao cruzar distintas áreas das ciências sociais e humanas que acreditamos serem fundamentais para o sucesso do trabalho a que nos propusemos. Os seus efetivos resultados apenas poderão ser ditados pelo percurso de investigação, confirmando ou negando a existência de uma consciência política entre os mestrais portugueses do período final da Idade Média.

Pelos vários estudos já analisados, mas também pelos trabalhos de autoria própria, aos quais fomos aludindo ao longo do presente texto, estamos em crer que se poderá afirmar, por enquanto com os devidos cuidados, a existência de alguma forma de consciência política, pelo menos quando nos referimos a uma mais ou menos clara

---

<sup>30</sup> Sousa, *As Cortes Medievais Portuguesas (1385-1490)*.

<sup>31</sup>Marconi, "A experiência social dos mestrais medievais portugueses - uma abordagem thompsoniana", 221-241.

vontade de participação na gestão da vida política local ao longo dos vários espaços urbanos portugueses da altura. Tal vontade é expressa através de diversas formas, como vimos em vários dos pontos de análise presentes neste pequeno texto. Desde as delegações paralelas ao parlamento medieval, às tentativas de participação ativa no seio dos poderes locais, assistimos neste período histórico a uma série de conquistas e frustrações políticas para o conjunto deste grupo socioprofissional, embora não seja de descartar que alguns indivíduos, de forma singular, possam eventualmente ter efetivamente ascendido nas vidas políticas, sociais e económicas dos seus meios mais próximos.

Esperamos que os avanços que procuramos alcançar ao longo dos próximos anos possam revelar todas estas realidades que procuramos explorar, tentando responder a algumas das questões que levantamos, mas sem nunca ter a pretensão de dar este assunto por estudado de forma definitiva. Este é um campo de trabalho e análise em grande medida por explorar, aguardando pelo interesse de outros investigadores que possam dar à historiografia portuguesa novos rumos e perspetivas, fazendo-a acompanhar os ritmos e tendências a que também nos restantes países europeus se assiste.



***Psychomachia: o combate espiritual nos sermonários de St.  
António de Lisboa e de Fr. Paio de Coimbra***

*Beatriz Alves Caldeira*

**Universidade de Lisboa - Centro de História**

**Resumo:** A ideia de guerra espiritual instituiu-se, a partir dos primeiros séculos da Antiguidade Tardia, e ao longo de toda a Idade Média, como um tema verdadeiramente estruturante da espiritualidade ocidental, cristalizado sobretudo numa imagética militar que perpassou toda a literatura cristã coeva, e de um modo especial a *Psicomaquia* de Prudêncio. O célebre poema clássico do século IV, em que se vêem representadas em tons épicos as lutas alegóricas travadas na alma do cristão entre as virtudes e os vícios, entre o Bem e o Mal, converter-se-ia no arquétipo da noção de combate espiritual, dando origem a um dos temas mais populares e recorrentes na arte e na literatura do medievo. Esta dissertação de mestrado pretende contribuir para aprofundar o conhecimento do imaginário da guerra no ocidente medieval, a partir da análise das representações bélicas consubstanciadas em duas importantes obras literárias da primeira metade do século XIII, reconhecidas como exemplares ímpares do género parenético em Portugal na Idade Média, designadamente os *Sermones Dominicales et Festivi* do franciscano St. António de Lisboa (e de Pádua), e a *Summa Sermonum* do dominicano Fr. Paio de Coimbra. Enquadrando a imagética militar identificável nos dois sermonários na longa tradição literária psicomáquica, procura-se neste estudo averiguar o motivo pelo qual os dois pregadores portugueses se voltaram com admirável frequência para a guerra enquanto fonte de metáforas e de lições morais, através da análise comparativa da génese e receção destes constructos bélicos, mais especificamente, do exame dos padrões ideológicos, simbólicos e emocionais que encerram, e da sua dimensão retórica, enquanto veículos de comunicação.

**Palavras-chave:** Psicomaquia; Literatura parenética; St. António de Lisboa; Fr. Paio de Coimbra

**Abstract:** From the first centuries of Late Antiquity, and throughout Middle Ages, the idea of spiritual warfare established itself as a truly structuring theme of Western spirituality, above all crystallized in a military imagery transversal to all Christian literature of the time, and in a special way Prudentius' *Psychomachia*. The famous 4th century classic poem, in which the allegorical struggles between Virtues and Vices, Good and Evil, fought within Christian soul, are represented in epic tones, would soon become the archetype of the spiritual combat notion, therefore originating one of the most popular and recurrent themes in medieval art and literature. This dissertation

intends to contribute to the deepening of the knowledge on war imaginary in the medieval West, based on the analysis of the depictions of war embodied in two important literary works from the first half of the 13th century, recognized as unique specimens of the parenetic genre in the period, namely *Sermones Dominicales et Festivi*, attributed to the franciscan St. Anthony of Lisbon (and of Padua), and *Summa Sermonum de Festivitatibus* by the dominican Fr. Paio of Coimbra. Framing the military imagery identifiable in the two sermonaries in the long psychomachic literary tradition, this study seeks to ascertain why the two portuguese preachers resorted with admirable frequency to war as a source of metaphors and moral lessons, through the comparative analysis of these warlike constructs genesis and reception, more precisely, of the ideological, symbolic and emotional patterns they contain, and their rhetorical dimension as communication vehicles.

**Keywords:** Psychomachia; Parenetic literature; St. Anthony of Lisbon; Fr. Paio of Coimbra

## 1. Introdução

A guerra acompanhou, desde tempos imemoriais, o percurso do Homem na história. Como tal, e à semelhança de outras práticas públicas e coletivas ancestrais, também ela não pôde deixar de enraizar-se como um elemento estruturante do imaginário humano, de que a representação se afigura como uma componente determinante, sintetizadora, segundo Jacques Le Goff, de “todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior apreendida”<sup>1</sup>. No que concerne às representações da Idade Média, o elevado quantitativo de constructos bélicos do período que subsistem até à atualidade por todo o ocidente europeu, surge como uma prova indelével do impacto decisivo do fenómeno militar sobre a evolução das sociedades medievais. Neste sentido, justifica-se a recuperação das palavras elucidativas de Philippe Contamine: “o imaginário medieval vivia com obsessões pela guerra, como sugere a recorrência, século após século, de idênticos e perenes simbólicos”<sup>2</sup>.

Enquanto repositório privilegiado para o estudo do imaginário, de uma forma geral, a literatura produzida na Cristandade ao longo da Idade Média confere perspectivas singulares também no que concerne à mundividência dos homens medievais face à guerra, tema verdadeiramente recorrente e transversal à totalidade dos géneros

---

<sup>1</sup> Jacques Le Goff, *O imaginário medieval*, trad. Manuel Ruas (Lisboa: Editorial Estampa, 1994), 11-2.

<sup>2</sup> Philippe Contamine, *War in the Middle Ages*, trad. Michael Jones (Oxford: Blackwell Publishing, 1984), 13.

literários em coexistência no período, desde novelas de cavalaria, a poesia épica e lírica, a crónicas e escritos religiosos, como as hagiografias. Todas estas formas, acrescidas de tantas outras que ultrapassam as fronteiras do que se entende convencionalmente por “literário”, marcaram o panorama de produção escrita do reino de Portugal a partir de um período tão recuado como o que remonta aos séculos fundacionais da nacionalidade, não tendo ficado à margem deste amplo rol de produções obras identificáveis com um dos géneros que, em virtude das suas propriedades comunicativas, das suas funcionalidades eminentemente ético-moralizantes, didáticas e persuasivas, e das próprias vicissitudes do contexto histórico, se viu dado a maior popularidade ao longo do medievo: a prédica.

## **2. Questão central**

O presente estudo partiu da aspiração marcadamente ambiciosa de estudar numa perspetiva multidimensional a imagética da guerra num amplo *corpus* de textos editados, compreendendo numerosas peças literárias em latim e língua vulgar, produzidas por letrados portugueses ou em circulação no reino de Portugal, ao longo dos séculos XII e XIII. O levantamento dos textos foi realizado, mas a inexequibilidade do estudo no tempo determinado para o efeito, com o rigor científico e metodológico que se exige a uma investigação deste fôlego – em especial no que concerne à necessária consideração da especificidade de cada género literário e do corpo de estudos aprioristicamente desenvolvidos sobre cada peça – depressa se tornou evidente, tal a amplitude e diversidade de fontes identificadas. Perante esta impossibilidade, prontamente sublinhada, tanto pelo orientador da dissertação, o Professor Doutor Armando Norte, com quem foi discutida incontáveis vezes a questão, como pela Professora Doutora Joana Gomes, de quem o projeto original, que recebeu o título de *Ler a guerra: representações da guerra na literatura portuguesa medieval (séc. XII-XIII)*, teve o privilégio de merecer o comentário no WEM, impôs-se uma delimitação mais rigorosa do núcleo de textos a considerar, sem que se comprometesse a originalidade da proposta de investigação inicial, *grosso modo* contida nas abordagens menos convencionais que se projectavam na aproximação ao tema.

Esta limitação implicou, desde logo, o abandono da referida pretensão totalizadora, e passou pela restrição do estudo das representações bélicas a um género literário específico, mais concretamente a duas importantes obras parenéticas do século XIII, que têm vindo a ser reconhecidas como testemunhos bem representativos da

sermonária medieval portuguesa, designadamente, os *Sermones Dominicales et Festivi*, uma coleção de 77 homilias atribuídas ao célebre franciscano e taumaturgo português, St. António de Lisboa (c. 1190-1231), e a chamada *Summa Sermonum de Festivitatibus*, um *corpus* formado por mais de quatro centenas de panegíricos da autoria do dominicano Fr. Paio de Coimbra (c. 1195-1249), primeiro prior do convento da Ordem dos Pregadores naquela cidade, fundado cerca de uma década após a entrada da Ordem dos Frades Menores (*Ordo Fratrum Minorum*) e da Ordem dos Pregadores (*Ordo Praedicatorum*) no reino de Portugal (1217).

Ambas as ordens seriam aprovadas no início do século XIII pelo grande pontífice teocrático, Inocêncio III (c. 1160/1198-1216), cujo programa reformista se estendeu a múltiplas vertentes da sociedade Cristã, manifestando-se também ao nível da abertura moderada da Igreja a novas formas de vida religiosa pauperístico-evangélicas, em resposta às aspirações que à época se faziam sentir, sobretudo entre os leigos, de vivência de uma religiosidade mais autêntica. A ineficácia demonstrada pelo clero secular e regular em atender a estes novos anseios espirituais encontrar-se-ia, como é sabido, na base da permeabilidade observável a partir de finais do século XII em relação às heresias, especialmente em meios urbanos. Tendo abalado profundamente, e a vários níveis, a sociedade medieval ducentista, a actividade apostólica itinerante, o zelo religioso e a missão evangelizadora na linha de ação das novas ordens mendicantes, revelar-se-iam verdadeiramente determinantes no âmbito do combate teológico travado pela Igreja, quer contra os referidos movimentos heréticos surgidos na Cristandade a partir da primeira metade de Undecentos, quer ainda a uma escala mais localizada, atinente ao contexto das relações inter-religiosas prevalecentes entre Cristãos, Muçulmanos e Judeus na Península Ibérica, onde os mendicantes desempenharam igualmente uma função preponderante na apologia do Cristianismo, e encontraram, desde a primeira hora, plena convergência de propósitos face aos programas políticos “reconquistadores”<sup>3</sup> das monarquias ibéricas.

---

<sup>3</sup> Empregamos aqui o conceito de “reconquista” bem cientes das problemáticas que lhe são inerentes, pretendendo através dele aludir somente para o processo de recuperação do território hispânico e de restauração do poder cristão face aos muçulmanos na Península Ibérica. Para o debate em torno da pertinência da sua utilização em contexto historiográfico ver Francisco García Fitz, “Crítica e hipercrítica en torno al concepto de Reconquista. Una aproximación a la historiografía reciente,” in *La Reconquista. Ideología e justificación de la Guerra Santa peninsular*, ed. Carlos de Ayala Martínez, Isabel Ferreira Fernandes e J. Santiago Palacios Ontalva (Madrid: La Ergástula, 2019), 79–98; e ainda Luís Filipe Oliveira, “Da Reconquista e da Cruzada na fronteira portuguesa,” in *La Reconquista. Ideología e justificación de la Guerra Santa peninsular*, eds. Carlos de Ayala Martínez, Isabel Ferreira Fernandes e J. Santiago Palacios Ontalva (Madrid: La Ergástula, 2019), 123–140.

Este proselitismo sustentado por menoritas e pregadores face a hereges e infiéis, instituiu-se como o principal dínamo para a composição dos sermonários de Sto. António e Fr. Paio, destinados ao combate evangélico dos desvios à fé e à ortodoxia católicas por intermédio da formação de religiosos das duas ordens no *munus praedicandi*. Mais relevante para o assunto de que nos ocupamos em particular, foi o facto de o antagonismo consubstanciado nas homilias, e de a assertividade dos dois mendicantes na transmissão de mensagens moralizantes de exortação à luta contra os vícios que manchavam a conduta dos religiosos, se terem revelado suscetíveis à incorporação de motivos evocativos da guerra, extraídos de diversas fontes, e à construção de alegorias envolvendo pregadores guerreiros, exércitos de demónios, Igrejas e conventos debaixo de cerco, espadas espirituais, enfim, imagética indissociável da noção de combate espiritual, guerra interior, ou Psicomaquia, um dos temas mais antigos da espiritualidade ocidental.

O objetivo central deste estudo passa precisamente por contribuir para o aprofundamento do conhecimento já reunido em torno do imaginário da guerra na Idade Média, através da identificação e da análise destes temas bélicos invocados enquanto *exempla* nas vastas obras parenéticas dos dois mendicantes, um filão relevante, ainda que parcamente estudado nas peças em questão. Acresce igualmente, como referido inicialmente, a intenção considerar a problemática a partir de um conjunto relativamente diverso de espetros de observação, por norma menos convencionais no panorama historiográfico português, inscritos respetivamente no domínio da história da comunicação, da história simbólica e da história das emoções.

Constituem-se assim como objetivos específicos, (i) a avaliação quantitativa e qualitativa das fontes em que se apoiaram os dois pregadores para a extração dos *exempla* bélicos incorporados nas suas prédicas, as razões dessas preferências, e a averiguação da acessibilidade a essas obras nos núcleos bibliográficos das principais livrarias monásticas portuguesas do período; (ii) a análise dos construtos bélicos enquanto veículos de comunicação, ou seja, da perspectiva da sua receção por parte das audiências a que se viram originalmente adaptadas as obras, pertencentes a um género de reconhecida importância graças às suas propriedades persuasivas e oral-auditivas, tanto mais decisivas quando inscritas em sociedades da oralidade, como eram as medievais; (iii) o exame das manifestações ideológicas veiculadas através desses constructos; (iv) a apreciação do lugar ocupado pela leitura simbólica ou alegórica dos *exempla* bélicos, tendo em conta o esquema quadriforme da exegese medieval, bem como a identificação

dos códigos simbólicos patentes nas figuras dos guerreiros, do armamento, dos espaços em que se desenrolam os conflitos, das irrupções do maravilhoso, etc.; (v) e finalmente, a análise das emoções expressas (louvadas ou desincentivadas) por intermédio da alusão a essa imagética nos sermões, historiograficamente entendidos enquanto manifestações literárias privilegiadas para o estudo dos sentimentos em contexto religioso.

### 3. Questões metodológicas

No âmbito das metodologias privilegiar-se-á uma abordagem qualitativa, assente na análise textual e comparativa dos motivos bélicos consubstanciados nos *Sermones* e na *Summa Sermonum*. A contemporaneidade de St. António e de Fr. Paio, a familiaridade de ambos com as particularidades do contexto peninsular, a circunstância de terem conservado relações estreitas com o mosteiro regente de Santa Cruz de Coimbra, onde se proporcionava no período o acesso a uma das maiores livrarias monásticas da Cristandade (facto comprovado da vida do menorita, e deduzido em relação ao dominicano), e ainda a sua bem conhecida adesão à mensagem mendicante, na sequência da entrada dos franciscanos e dos dominicanos no reino de Portugal, constituem apenas alguns dos fatores de peso que motivam e justificam a referida abordagem comparativa, no sentido de averiguar como as semelhanças, mas também as especificidades dos percursos dos dois pregadores se refletiram na forma e nos conteúdos dos sermonários que compõem, em especial no que concerne à questão específica da imagética bélica que encerram.

A mencionada pretensão de analisar as representações da guerra à luz da comunicação, da simbólica e das emoções, impõe também como requisito metodológico obrigatório a consideração das abordagens convencionalmente adoptadas no seio de cada um destes três domínios historiográficos. No sentido de facilitar este processo analítico, idealizou-se um quadro sinóptico (cuja estrutura preliminar se apresenta em anexo), no qual se reúnem os constructos bélicos, o que para além de resolver o problema da sua dispersão, permitindo conferir uma visão de conjunto face à questão, possibilitará igualmente a sua confrontação de forma mais imediata nas duas obras em apreço.

Por sua vez, houve igualmente a preocupação de conduzir a investigação com base nas mais recentes e completas edições críticas, quer dos *Sermones* do menorita, quer da *Summa Sermonum* do dominicano. Os primeiros, conservados num total de 18 manuscritos datados do período compreendido entre os séculos XIII a XV,

amplamente dispersos pelas regiões do centro de Itália, sudeste da Alemanha, e norte da Áustria e de França,<sup>4</sup> foram e continuam a ser objeto de múltiplas edições desde a sua primeira edição crítica integral, levada a cabo por António Maria Locatelli, e impressa em Pádua entre 1895 e 1913<sup>5</sup>. Considerada de alto valor crítico por parte da maioria dos antonianistas, a edição locatelliana providenciaria a base para a primeira tradução da totalidade dos sermões do menorita para italiano, por Carlos Varotto, em 1963-65, e, poucos anos depois, em 1970, também para português, por Henrique Pinto Rema<sup>6</sup>. O presente estudo será desenvolvido justamente com base na segunda edição desta obra, publicada em 1987, com numerosas emendas face à primeira<sup>7</sup>.

Menos atenção editorial receberam até hoje, por sua vez, os sermões de Fr. Paio de Coimbra. Esta circunstância deveu-se, em parte, ao facto de a obra do dominicano português ter permanecido oculta até meados do século passado, mais especificamente até 1947, ano em que o franciscano Frei José Montalverne identificou a única cópia até ao momento conhecida da *Summa Sermonum*, conservada num dos códices da livraria abacial de Sta. Maria de Alcobaça, e lhe consagrou algumas páginas no seu estudo sobre a Assunção de Nossa Senhora nos mais antigos manuscritos da abadia alcobacense<sup>8</sup>. O manuscrito em que se conservou a *Summa* seria divulgado em meio académico graças a um estudo primacial publicado em 1973 por Mário Martins, intitulado “O sermonário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc. 5 / CXXX”, onde se anunciava já a premência de uma edição crítica das 406 prédicas do dominicano<sup>9</sup>. Contudo, porque os primeiros esforços direccionados a trazer a público a obra não foram além de edições parciais,<sup>10</sup> ou de transcrições,<sup>11</sup> teria de se aguardar até 2010 por um trabalho editorial integral, concretizado, por fim, na tese de Doutoramento em filosofia medieval de Bernardino da Costa Marques<sup>12</sup>. O presente estudo assentará precisamente nesta

---

<sup>4</sup> José Francisco Meirinhos, “S. António de Lisboa, escritor. A tradição dos Sermones: manuscritos, edições e textos espúrios”, *Mediaevalia*, 11-12 (1997): 167.

<sup>5</sup> *Ibid.*, 170.

<sup>6</sup> *Ibid.*, 171-173.

<sup>7</sup> Henrique Pinto Rema, *Santo António de Lisboa, Obras Completas*, ed. e trad. Henrique Pinto Rema (Porto: Lello & Irmão, 1987).

<sup>8</sup> Frei Montalverne, “A Assunção de Nossa Senhora nos mais antigos manuscritos do Mosteiro de Alcobaça”, *Colectânea de Estudos* 3 (1947): 129-133.

<sup>9</sup> Mário Martins, “O sermonário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc. 5”, *Didaskalia*, 3 (1973): 340.

<sup>10</sup> John G. Tuthill, “The sermons of Brother Paio: thirteenth century Dominican preacher, (Sermons in latin text)” (PhD thesis, University of California, 1982).

<sup>11</sup> Os sermões encontram-se transcritos em Bernardino Marques, “Sermonário de Frei Paio de Coimbra. Edição e interpretação da estrutura e formas de pregação” (dissertação de mestrado, Universidade do Porto, 1994).

<sup>12</sup> O texto em latim do sermonário encontra-se editado por Bernardino Marques, “Mundividência

edição em latim do sermonário do dominicano, a única até ao momento a englobar a totalidade dos 406 sermões.

#### 4. Enquadramento historiográfico

Não obstante as suas falhas, a primeira edição portuguesa do sermonário antoniano por Henrique Pinto Rema, aliada à sublimação de St. António enquanto Doutor da Igreja, em 1946, muito contribuíram para a explosão de estudos centrados no franciscano, que se verificou a partir da segunda metade do século XX em panorama historiográfico português. O avultado número de autores que se dedicaram, a uma escala internacional, ao estudo da vida e da obra do menorita torna aqui evidentemente impossível e, porventura, escusável a sua enumeração exaustiva. Não deixa, ainda assim, de se justificar o realce de alguns dos mais importantes contributos registados no âmbito da historiografia nacional, com destaque para os incontornáveis estudos de Fernando Félix Lopes, autor de uma das primeiras e mais completas biografias antonianas,<sup>13</sup> bem como para os trabalhos de Francisco da Gama Caeiro, que permanece até ao momento como o maior especialista no sermonário do Santo, tendo somado à sua obra de referência sobre os *Sermones*,<sup>14</sup> um conjunto de estudos mais particulares, integrados em obras coletivas e revistas<sup>15</sup>. Destaque ainda, neste sentido, para os trabalhos de Agostinho Figueiredo Frias,<sup>16</sup> de Maria Cândida Pacheco,<sup>17</sup> de Maria de Lourdes Sirgado Ganho,<sup>18</sup> e de José Francisco Meirinhos<sup>19</sup>.

Para além destes estudos pioneiros, igualmente determinantes para o avanço do

---

cristã no sermonário de Frei Paio de Coimbra” (tese de doutoramento, Universidade de Coimbra, 2011).

<sup>13</sup> Fernando Félix Lopes, *Santo António de Lisboa. Doutor Evangélico* (Braga: Missões Franciscanas, 1954); *Santo António de Lisboa. Doutor Evangélico* (Braga: D. Franciscana, 1992).

<sup>14</sup> Francisco da Gama Caeiro, *Santo António de Lisboa*, 2 vols. (Lisboa: Imprensa Nacional-Cada da Moeda, 1995).

<sup>15</sup> Francisco da Gama Caeiro, “Natureza e símbolo em Santo António de Lisboa”, *Revista da Faculdade de Letras* 8 (1964): 75-82; “Santo António de Lisboa e o Cântico dos Cânticos”, *Revista da Faculdade de Letras* 8 (1964): 207-239; “Lembranças de Portugal na obra de Santo António”, *Brotéria* 80 (1965): 726-732; “Fontes portuguesas da formação cultural do Santo”, *Itinerarium* 27 (1981): 136-164; “Hermenêutica e conhecimento em Santo António de Lisboa”, *Cultura Portuguesa* 1 (1981): 11-15; “Ensino e pregação teológica em Portugal na Idade Média: algumas observações”, *Revista Española de Teología* 44 (1984): 113-135.

<sup>16</sup> Agostinho Figueiredo Frias, *Lettura ermeneutica dei «sermones» di sant’Antonio di Padova. Introduzione alle radici culturali del pensiero antoniano* (Pádua: Centro Studi Antoniani, 1995).

<sup>17</sup> Maria Cândida Pacheco, *Santo António de Lisboa. Da Ciência da Escritura ao Livro da Natureza* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997).

<sup>18</sup> Maria de Lourdes Sigardo Ganho, *O essencial sobre Santo António de Lisboa* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007).

<sup>19</sup> José Francisco Meirinhos, “Da gnosiologia à moral pragmática da pregação em S. António de Lisboa”, *Mediaevalia* 2 (1992): 69-90; José Francisco Meirinhos, “S. António de Lisboa, escritor. A tradição dos Sermones: manuscritos, edições e textos espúrios”, *Mediaevalia*, 11-12 (1997): 167.



conhecimento sobre as múltiplas facetas do homem e da obra foram as numerosas publicações associadas à celebração de centenários e de aniversários da vida do Santo, como os estudos resultantes do *Colóquio Antoniano*, realizado em 1982, no âmbito das celebrações do 750.º aniversário da morte de Santo António de Lisboa,<sup>20</sup> e sobretudo os ensaios das atas do *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho*, decorrido em 1996, por ocasião das comemorações do 8.º Centenário do nascimento do Santo, que juntou especialistas de várias instituições portuguesas e internacionais<sup>21</sup>. O resultado foi a produção de um sólido corpo de estudos publicado em dois volumes, englobando colaborações de grande importância sobre diversas temáticas antonianas, tais como as fontes do pensamento do taumaturgo; a estrutura e funções do sermão antoniano; os seus processos exegéticos e hermenêuticos; a fundamentação filosófica, teológica, espiritual e mística do pensamento do menorita; e a projeção da sua figura, tanto no contexto específico do franciscanismo medieval, como noutros cenários mais gerais, nomeadamente na hagiografia, na pastoral, na eclesiologia, na mariologia, na história da piedade popular, na liturgia, na missionologia, na evangelização e na etnologia, assim como na arte e na iconografia, desde a Idade Média até ao período contemporâneo. Merecem igualmente menção os artigos resultantes do *Simpósio Internacional Antoniano*, decorrido em 2016, dentro do espírito comemorativista dos 70 anos da elevação de St. António a Doutor da Igreja<sup>22</sup>. A publicação dos estudos foi assegurada pela Editorial Franciscana, e englobou contributos que, embora maioritariamente incidentes sobre a vida do menorita, não deixaram igualmente de abordar o seu sermonário, mais concretamente a questão do pensamento e do conceito de paz em St. António, bem como da simbólica da natureza e da importância da Glosa Ordinária nos *Sermones*, temáticas associadas, no seu conjunto, à dimensão erudita do Santo, que começou a ser objeto de estudo aprofundado e sistemático por parte dos medievalistas apenas a partir de meados do século XX.

E foi justamente por meados da centúria passada, num momento em que as investigações sobre a faceta intelectual de St. António sofriam, portanto, um impulso renovado, em consequência da elevação do menorita a Doutor da Igreja (1946), que o

---

<sup>20</sup> *Colóquio Antoniano* (Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1982).

<sup>21</sup> *Congresso Internacional Pensamento e Testemunho. 8.º Centenário do Nascimento de Santo António*. Atas (25-30 de Setembro) (Braga: Universidade Católica Portuguesa-Família Franciscana Portuguesa, 1996).

<sup>22</sup> *Exulta Lusitana Felix. Santo António, 70 anos Doutor da Igreja. Simpósio Internacional Antoniano*, ed. Gonçalo José Gomes Figueiredo (Lisboa: Editorial Franciscana, 2017).

franciscano Fr. José Montalverne identificou o sermônário de Fr. Paio de Coimbra na livraria de Sta. Maria de Alcobaça (1947), o que muito terá contribuído para o interesse desde logo demonstrado pelos antonianistas em relação à obra de um contemporâneo do Santo. De facto, apesar da publicação tardia, e do menor quantitativo de estudos que mereceu em comparação com a obra de St. António, o sermônário de Fr. Paio esteve também longe de passar à margem do interesse dos medievalistas. Pelo contrário, logo em 1975, após o referido artigo inicial publicado em 1973 por Mário Martins – “O sermônário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc. 5 / CXXX”<sup>23</sup> – em que se realizou o estudo codicológico da obra do dominicano, se procedeu à identificação da tipologia dos sermões nela contidos, se avançou uma primeira hipótese sobre a sua funcionalidade, se expuseram dados de grande importância sobre o autor e a forma como o seu peninsularismo se refletiu nalgumas temáticas dos panegíricos, e se disponibilizou uma lista completa das prédicas e das festas a que se destinavam, o mesmo autor publicou uma obra particularmente importante, intitulada *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa*<sup>24</sup>. Nela explorava alguma imagética observável em várias produções literárias latinas e vernaculares portuguesas, de entre as quais os *Sermones* de St. António de Lisboa e a *Summa* de Fr. Paio de Coimbra. Consagrando a cada sermônário um capítulo, Mário Martins logrou identificar temas semelhantes, que pareciam repetir-se nas duas peças, nomeadamente símbolos e alegorias envolvendo cidades fortificadas e castelos, cavaleiros e quadrigas. Para além da exposição e da análise desta imagética, particularmente importante para o assunto de que aqui nos ocupamos, foi o capítulo dedicado na mesma obra ao tema da Psicomaquia ou combate espiritual, que o medievalista abordou a partir da análise de um conjunto de peças literárias, compreendendo um catecismo em português do século XIV – o chamado *Livro das confissões* de Martim Pérez – as traduções portuguesas do *Libro de Buen Amor* e do *Livro da Vida Solitária*, a vasta alegoria *Boosco Deleitoso*, de finais do século XIV, e inclusivamente o sermônário de Frei Paio de Coimbra. Muita da imagética consubstanciada nas prédicas de St. António e de Fr. Paio que constituiu objeto de análise neste estudo de 1975, seria posteriormente recuperada, sem grandes desenvolvimentos adicionais n’*A Bíblia na*

---

<sup>23</sup> Mário Martins, “O sermônário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc 5”, *Didaskalia*, 3 (1973): 340.

<sup>24</sup> Mário Martins, *Alegorias, símbolos e exemplos morais da literatura medieval portuguesa* (Lisboa: Edições Brotéria, 1980).

*Literatura Medieval Portuguesa*, uma obra publicada pelo mesmo autor em 1979<sup>25</sup>.

Além dos incontornáveis trabalhos de Mário Martins sobre o sermônário de Fr. Paio que, como referido, não só contaram com uma dimensão eminentemente comparativa face à obra de St. António, como tocaram o tema específico da imagética bélica, encerrando, como tal, especial interesse para este estudo, devem também destacar-se os trabalhos subsequentemente desenvolvidos pelo medievalista norte-americano, John G. Tuthill, que editou parte das prédicas do dominicano na sua tese de doutoramento apresentada à Universidade de Berkeley, e foi o responsável pelo primeiro estudo de grande fôlego sobre o sermônário<sup>26</sup>. Tuthill afluou temas explorados em maior profundidade nos seus artigos dedicados à mariologia na *Summa*,<sup>27</sup> à estrutura erudita dos seus sermões,<sup>28</sup> bem como ao seu autor, pensamento e temáticas doutrinárias, questão abordada em detalhe num ensaio publicado nas *Actas do II Encontro de História Dominicana*<sup>29</sup>. Deste importante encontro, decorrido no Porto, em 1984, resultariam ainda mais dois contributos fundamentais para o aprofundamento do conhecimento sobre o sermônário do dominicano conimbricense, o primeiro dos quais da autoria de Klaus Reinhardt, que procurou, a partir do exame das dez primeiras prédicas, consagradas à festividade do apóstolo S. André, averiguar o lugar ocupado pela Bíblia nos sermões de Fr. Paio, a relação entre a exegese bíblica e a pregação neste autor, e ainda as fontes exegéticas dos seus *Sermones*<sup>30</sup>. Já o segundo artigo, da autoria de Geraldo Coelho Dias, incidiu sobre a análise da presença do Antigo Testamento no sermônário do dominicano, a partir do escrutínio das suas cinquenta primeiras prédicas<sup>31</sup>.

Os anos 90 revelar-se-iam igualmente prolíficos no que disse respeito à

---

<sup>25</sup> Mário Martins, *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa* (Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1979).

<sup>26</sup> John G. Tuthill, "The sermons of Brother Paio: thirteenth century Dominican preacher, (Sermons in latin text)" (PhD thesis, University of California, 1982).

<sup>27</sup> John G. Tuthill, "Fr. Paio's Sermons on the Virgin Mary", in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, vol. 2 (Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 1981), 193-204.

<sup>28</sup> John G. Tuthill, "The school sermon Exported: the case of Pelagius Parvus" in *Viator. Medieval and Renaissance studies*, ed. Matthew Fisher (California: University of California, 1991), 169-188.

<sup>29</sup> John G. Tuthill, "Fr. Paio and his 406 sermons" in *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, vol. III, (Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1984), 347-360.

<sup>30</sup> Klaus Reinhardt, "Die Sermones von Fray Paio de Coimbra OP (ca. 1250) im Lichte der Biblischen Exegese seiner Zeit" in *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, vol. III, (Porto: Arquivo Histórico Dominicano Português, 1984), 365-372.

<sup>31</sup> Geraldo A. Coelho Dias, "Os Sermões de Fr. Paio de Coimbra e o Antigo Testamento" in *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, vol. III, (Porto: Arquivo Histórico Doninicano Português, 1984), 381-389.

elaboração de estudos sobre o sermônario e a figura de Fr. Paio, devendo destacar-se, neste sentido a entrada consagrada ao dominicano no *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, da autoria de Aires Augusto do Nascimento,<sup>32</sup> a dissertação de mestrado em filosofia medieval de Bernardino da Costa Marques,<sup>33</sup> os trabalhos de José Geraldês Freire<sup>34</sup> e de Adelino Cardoso,<sup>35</sup> e o artigo conjunto de Agostinho Figueiredo Frias e de Bernardino da Costa Marques<sup>36</sup>. Importa também sublinhar que alguns dos estudos desenvolvidos por esta altura sobre a obra do dominicano, assumiram uma dimensão eminentemente comparativa face aos *Sermones* de St. António, como foi o caso dos ensaios de Maria Cândida Monteiro Pacheco,<sup>37</sup> e da dissertação de mestrado em Filosofia medieval de Agostinho Figueiredo Frias<sup>38</sup>.

Já na viragem do século, a elaboração de trabalhos centrados na *Summa Sermonum* continuou a não dar sinais de abrandamento, como o demonstram os estudos da autoria de Adelino Cardoso Pereira,<sup>39</sup> de José Marques,<sup>40</sup> de Saul António Gomes,<sup>41</sup> e sobretudo de Bernardino da Costa Marques, cuja tese de doutoramento, para além da edição integral em latim das prédicas de Fr. Paio, comporta o mais aprofundado trabalho desenvolvido até ao momento sobre o sermônario do dominicano<sup>42</sup>.

---

<sup>32</sup> Aires A. Nascimento, “Paio de Coimbra, Frei” in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, ed. Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani (Lisboa: Caminho, 1993), 504-506.

<sup>33</sup> Marques, “Sermônario de Frei Paio de Coimbra”; “Santo António de Lisboa na ‘Summa Sermonum’ de Frei Paio de Coimbra, O.P.”, *Mediaevalia*, 11-12 (1997): 183-210.

<sup>34</sup> José Geraldês Freire, “Latim Medieval II. S. Frei Paio de Coimbra (1)”, *Boletim de Estudos Clássicos*, XIII, 25 (1996), 53-62; “Latim Medieval II. ‘S. Frei Paio de Coimbra’ (2)”, *Boletim de Estudos Clássicos* 25 (1996): 65-73.

<sup>35</sup> Adelino Cardoso, “A concordância entre a natureza e a graça segundo Frei Paio de Coimbra” in *História do Pensamento Filosófico Português*, ed. Pedro Calafate, vol. 1 (Lisboa: Caminho, 1999), 505-519.

<sup>36</sup> Agostinho Figueiredo Frias e Bernardino Marques, “Theologia, scientia et ars dans les Sermones de Frater Pelagius Parvus Colimbriensis, O.P.” in *Actes du colloque ‘Le vocabulaire des écoles des Mendicants au moyen âge* (Turnhout Belgique: Brepols, 1999), 16-25.

<sup>37</sup> Maria Cândida Pacheco, “Exegese e Pregação em St. António de Lisboa e Frei Paio de Coimbra” in *Actas da II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, vol. 4 (Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990), 1297-1308; “Exégese et prédication chez deux auteurs portugais du XIII<sup>ème</sup> Siècle: saint Antoine et Frère Pelagius” in *De l’Homélie au Sermon. Histoire de la Prédication Médiévale*, ed. J. Hamesse e X. Hermand (Lovaina: Institut d’Études Médiévales, 1993), 169-181.

<sup>38</sup> Agostinho Figueiredo Frias, “De signis pulsandis: leitura hermenêutica de Santo António de Lisboa e Frei Paio de Coimbra” (dissertação de mestrado, Universidade do Porto, 1994).

<sup>39</sup> Adelino Cardoso Pereira, “Sermão da festa da Invenção da Santa Cruz por S. Frei Paio de Coimbra” (dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, 2001).

<sup>40</sup> José Marques, “S. Tiago na Sermônaria Medieval Portuguesa” in *Actas de las Jornadas sobre O Caminho de Santiago. Portugal na memória dos peregrinos*, ed. Humberto Baquero (Porto: Xunta de Galicia, 2001), 27-50.

<sup>41</sup> Saul António Gomes, “A questão judaica nos autores medievais portugueses”, *Caderno de Estudos Sefarditas* 9 (2009): 93-120.

<sup>42</sup> Marques, “Sermônario de Frei Paio de Coimbra”; “Fundamentação epistemológica da teologia como ciência e sabedoria na Summa Sermonum de Frei Paio, o Pequeno, da Ordem dos Frades Pregadores, Prior e Mestre do Convento de Coimbra.” in *Os dominicanos em Portugal (1216-2016): Estudos de história religiosa*, ed. António Gouveia, José Nunes e Paulo de Oliveira Fontes (Lisboa: Centro de

Não obstante o amplo *corpus* de estudos já consagrado às obras dos dois pregadores portugueses, de que se elencaram aqui apenas alguns dos mais importantes trabalhos, constata-se que à exceção das abordagens relevantes, mas pouco mais que incipientes, realizadas por Mário Martins à temática da imagética da guerra nas duas obras em apreço, a questão encontrou-se, até ao momento, longe de merecer a devida atenção, contrariamente ao que se tem vindo a verificar em relação ao tema na restante historiografia europeia. Neste sentido, devem destacar-se, em primeiro lugar, os estudos desenvolvidos por André Vauchez que, na senda de Johann Auer,<sup>43</sup> abordou as representações bélicas enquanto *topos* literário ligado à noção de “Militia Christi” e de “Miles Christi”, um dos mais antigos temas da espiritualidade cristã, dado a especial importância durante a Idade Média Central<sup>44</sup>. A questão viu-se mais recentemente recuperada e aprofundada por outros autores, como John Hosler que, numa obra sobre a guerra em João de Salisbúria, para além de se ter debruçado sobre as disposições do pensador cristão ducentista em relação à *praxis* bélica no ***Policraticus*** e no ***Meta-logicon***, procurou igualmente explorar nas mesmas obras aquilo a que chamou de “guerra metafórica”<sup>45</sup>. Já Katherine Allen Smith, abordou a imagética da guerra a partir de um conjunto de textos monásticos e litúrgicos, como sermões, cartas e hagiografias dos séculos XII e XIII, com o objetivo de mostrar como esta “retórica militar” refletiu ou contribuiu para enformar identidades religiosas ou de género, tendo igualmente procurado identificar padrões retóricos e a sua ligação com as principais questões do tempo dos autores<sup>46</sup>. A existência destes e de muitos outros estudos já desenvolvidos sobre a imagética bélica nas obras de intelectuais contemporâneos de St. António e de Fr. Paio, possibilitará aferir, entre outros aspetos, a recorrência de certos temas militares identificáveis nos sermonários dos dois mendicantes portugueses, noutra literatura cristã coeva.

---

Estudos de História Religiosa, 2018), 97-106.

<sup>43</sup> Johann Auer, “Militia Christi” in *Dictionnaire de Spiritualité*, ed. André Derville, Paul Lamarque e Aimé Solignac, t. 9 (Paris: Beauchesne, 1976), 1210-1223.

<sup>44</sup> André Vauchez, *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental (séculos VIII a XIII)* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994); “La notion de Miles Christi dans la spiritualité occidentale aux XII<sup>e</sup> et XIII<sup>e</sup> siècles” in *Chevalerie et Christianisme aux XII<sup>e</sup> et XIII<sup>e</sup> siècles*, ed. Martin Aurell e Catalina Girbea (Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2011), 67-75.

<sup>45</sup> John D. Hosler, *John of Salisbury. Military Authority of the Twelfth-Century Renaissance* (Leiden-Boston: Brill, 2013).

<sup>46</sup> Katherine Allen Smith, *War and the Making of Medieval Monastic Culture* (Woodbridge: The Boydell Press, 2013); “Spiritual Warriors in Citadels of Faith: Martiam Rhetoric and Monastic Masculinity in the Long Twelfth Century” in *Negotiating Clerical Identities. Priests, Monks and Masculinity in the Middle Ages*, ed. Jennifer D. Thibodeaux (Hampshire: Palgrave Macmillan, 2010), 86-110.

## 6. Estruturação provisória

Especificados assim o objecto, os objectivos, os aspectos metodológicos, as fontes e respectivas edições utilizadas, bem como alguns dos mais relevantes ensaios já desenvolvidos sobre os sermonários e sobre o tema específico das representações bélicas, cabem, por último, algumas considerações sobre a estruturação formal deste estudo, que se dividirá em duas partes principais. Partindo da premissa bem conhecida de que todos os textos – e em especial os literários – conservam marcas estruturais e temáticas do contexto da sua produção, consagrar-se-á uma primeira parte da dissertação ao enquadramento dos autores e dos seus sermonários na conjuntura que os viu nascer, bem como às questões fundamentais da datação, estrutura, forma e funcionalidades das peças.

Esta primeira parte (*Cláusula I*) de cariz mais contextualizante, que antecede o estudo das representações bélicas propriamente ditas, desdobra-se assim em dois capítulos, o primeiro dos quais dedicado à exposição dos traços conjunturais da Europa e do reino de Portugal na viragem do século XII-XIII, correspondente ao tempo em que viveram e elaboraram os seus sermonários St. António e Fr. Paio. Um período plenamente enquadrado dentro da mais ampla Idade Média Plena ou Central, atravessada por uma vaga de prosperidade e de revitalização de que surgiu como expressão mais acentuada o chamado renascimento cultural do século XII, que se fez acompanhar também na esfera do religioso por um reavivamento da espiritualidade, na origem do surto mendicante. Neste primeiro momento comparar-se-ão sumariamente, nas suas origens, primeiros desenvolvimentos, e lógicas de expansão e de implantação, a Ordem dos Frades Menores e a Ordem dos Pregadores, e abordar-se-ão nos mesmos termos o impacto político, económico, social e cultural das duas congregações sobre o ocidente europeu e, mais localizadamente, sobre o reino de Portugal onde, à semelhança do que se verificou por toda a Cristandade, franciscanos e dominicanos se envolveram activamente na vida política e social do reino; criaram escolas nas dependências dos mosteiros por si fundados, com o objectivo de colocarem o estudo e o saber ao serviço da missão evangélica e apostólica; encontraram entre agostinhos e cistercienses figuras que se destacavam pelos seus conhecimentos (algumas das quais viriam mesmo a tornar-se modelares dentro das duas ordens); e, não menos importante, deixaram vasta produção cultural, de entre a qual se atribuirá forçosamente especial destaque à pré-dica, pelo lugar central que ocupou para os mendicantes, e pela importância que o género assume também para este estudo.

No segundo capítulo, procurar-se-á, com efeito, introduzir a sermonística como uma expressão literária com características *sui generis*, e abordar as principais linhas de força que definiam o ofício do pregador no início do século XIII, de modo a aferir a conformidade dos autores e das obras deste estudo face a estas tendências gerais mais vastas do universo cultural medieval. Não sendo intenção deste estudo repetir exaustivamente os já bem conhecidos dados das vidas de St. António e de Fr. Paio, procurar-se-á, ainda assim, expor em linhas gerais, e numa perspetiva comparativa, alguns apontamentos biográficos sobre os dois pregadores, bem como as fontes que permitem conhecê-los, à maneira de preâmbulo para a caracterização das peças que compõem. Neste particular, a intenção será sobretudo a de expor numa perspetiva comparada aspetos fundamentais dos dois sermonários, como a sua datação, estrutura, forma, fontes e funcionalidades ou objetivos.

Já a segunda parte deste estudo (*Clausula II*), incidirá sobre as representações bélicas propriamente ditas, e desdobrar-se-á em cinco capítulos. Justifica-se, antes de mais, começar esta segunda parte com uma pequena exposição sobre o tema da guerra espiritual, ou *Psicomaquia*, na tradição literária cristã. Por sua vez, no segundo capítulo, expõem-se as fontes a partir das quais estes motivos se viram extraídos, desde a Sagrada Escritura, a peças hagiográficas, a experiências circunstantes dos autores. Num terceiro momento, abordam-se os constructos bélicos identificados nos dois sermonários do ponto de vista da comunicação, questionando-se a sua popularidade na cristandade do período, bem como o impacto esperado desta imagética sobre o público recetor. Os últimos três capítulos incidem, respetivamente, sobre as manifestações ideológicas, simbólicas e emocionais veiculadas através desta imagética. Seguem-se, finalmente, a suma de conclusões (*Clausio*), as referências bibliográficas, os anexos e os índices (geral e remissivo).

## 7. Apêndices: Quadros sinópticos – Estrutura preliminar

### 7.1. Sermonário de St. António de Lisboa:

N.º	Sermão	Exórdio/Cláusulas	Citação		
42	XVII Domingo depois do Pentecostes	Exórdio. O pregador e as suas armas	I	1Mac 3, 2-4.	<p><b>1.</b> In illo tempore: <i>Cum intraret Iesus in domum cuiusdam principis pharisaeorum sabbato manducare panem, et ipsi observabant eum.</i> Dicitur in primo libro Machabaeorum (I), quod <b>Iudas Machabaeus induit se loricae ut gigas, et succinxit se arma bellica in proeliis, e protegebat castra gladio suo. Similis factus est leoni in operibus suis, e sicut catulus leonis rugiens in venatione.</b> “Iudas interpretatur glorificans”, ‘Machabaeus, protegens vel percutiens’ et significat praedicatorum, qui haec tria debet facere, scilicet glorificare Deum, protegere proximum, percutere diabolum. Hic debet se induere loricae, ut gigas. Nota ista duo: gigas et loricae. In gigante constantia, in lorica designatur patientia, quae duo praedicatori valde sunt necessaria, ut, cum loquitur, sit constans, cum contra eum canes latrant, sit patiens. Debet enim ‘exultare ut gigas ad currendam viam’. Unde Job (II) de ipso dicit: <i>Exultat audacter et in occursum pergit armatis. Contemnit pavorem, nec cedit gladio.</i> Et sic a summo caelo “empyreum, idest igneo”, idest caritate, erit <i>egressio eius</i> ad percutiendum diabolum, qui habitat in corde peccatoris; et tunc necessaria est ei patientiae lorica. (III) “<b>Lorica vocata, eo quod lorica careat, solis enim circulis ferreis contexta est</b>”. Sic vera patientia non loricae humani favoris et timoris circumligatur, sed solis vinculis inflexibilis caritatis contextitur. Ficta vero patientia, plus mundi verecundia vel timore, quam Dei amore, timet illatam iniuriam vindicare.</p> <p>Sequitur: <i>Et succinxit se arma bellica</i>, de quibus dicit Apostolus (IV): <i>State succincti lumbos vestros in veritate, calceati pedes Praeparatione evangelii pacis, in omnibus sumentes scutum fidei, in quo possitis omnia tela nequissimi ignea extinguere; et galeam salutis assumite.</i></p> <p>Et protegebat castra gladio suo, ‘idest verbo Dei’ sibi credito; quo animas fidelium a tribus debet protegere, scilicet ardore solis, idest tentatione carnis, tempestate fulguris, idest mundanae adversitatis, incursu hostis, idest daemonis.</p>
			II	Job 39, 21-22.	
			III	ISID., Etym. XVIII, 13, 1, PL 82, 649.	
			IV	Ef. 6, 14-17.	
					<p><b>1.</b> Naquele tempo, entrando Jesus um sábado em casa dum dos príncipes dos fariseus a tomar o pão, eles o estavam ali observando.</p> <p>Diz-se no primeiro livro dos Macabeus (I) que <b>Judas Macabeu se revestiu de couraça como um gigante, se cingiu com as suas armas bélicas para combater, e protegia todo o acampamento com a sua espada. Tornou-se semelhante a um leão nas suas ações, e a um leãozinho que ruge sobre a presa.</b> Judas interpreta-se o que glorifica; Macabeu, o que protege ou fere. Significa o pregador, que deve glorificar a Deus, proteger o próximo e ferir o diabo. Deve revestir-se da couraça como um gigante. Observem-se as palavras gigante e couraça. O gigante designa a constância, a couraça a paciência, virtudes muito necessárias ao pregador, para que seja constante quando fala, e seja paciente quando ladrão os cães contra ele. Deve, pois, exultar como o gigante para percorrer o caminho. Por isso, Job (II) dele mesmo diz: <b>Salta com brio, corre ao encontro dos armados. Despreza o medo, não cede à espada.</b> E assim a sua saída é desde o sumo céu empireo ou de fogo, símbolo da caridade. Sai para ferir o diabo, que habita no coração do pecador; e então é-lhe necessária a couraça da paciência. (III) <b>Couraça, no étimo latino, significa falta de correias, pois a couraça é só feita de círculos de ferro.</b> Assim, a verdadeira paciência não se prende com as correias do favor humano e do medo, mas é entretecida só pelos vínculos da inflexível caridade. Porém, a paciência fingida, mais por vergonha ou medo do mundo do que por amor de Deus, teme vingar a injúria recebida. Segue: <i>E cingiu-se de armas bélicas.</i> Delas escreve o Apóstolo (IV): <i>Estai firmes, tendo cingido os vossos rins com a verdade, e tendo os pés calçados para ir anunciar o Evangelho da paz; em todas as coisas tomai o escudo da fé, com que possais apagar todos os dardos inflamados do maligno; tomai o elmo da salvação. E protegia o acampamento com a sua espada.</i> A espada é a palavra de Deus, que lhe foi confiada. Esta palavra deve proteger as almas dos fiéis de três coisas: do ardor do sol, isto é, da tentação da carne; da tempestate do trovão, isto é, da adversidade do mundo; da incursão do inimigo, isto é, do demónio.</p>



## 7.2. Sermonário de Fr. Paio de Coimbra:

N.º	Sermão	Tema	Citação		Interpretação
2	2º Sermão da festividade de S. André, Apóstolo	O mandato da pregação [ <i>Predicatorum genera</i> ]	I	1Reis 29:9	<p>Secundi tolerandi. Luc IX, [f, 49-50]: <i>preceptor uidimus quemdam in nomine tuo eicientem demonia, etc. [et prohibuimus eum, quia non sequitur nobiscum. Et ait ad illum Iesus: Nolite prohibere, qui enim non est aduersum vos,] usque pro uobis est.</i></p> <p>Tercii secundum leges aborrendi uel aliter occidendi, sicut fecit Saul, 1º Reg XXVIII, c, [9]: <b>(I) Ecce tu nosti, etc. [quanta fecerit Saul, et quomodo eraserit magos et ariolos] usque de terra.</b> Ibi enim dicitur quod saul errasit magos et ariolos de terra; et Iheu, III Reg X, d, [18-28]: <b>(II) Congregauit ergo Iheu, etc. [omnem populum et dixit ad eos: Ahab coluit Baal parum, ego autem colam eum amplius. Nunc igitur omnes prophetas Baal, et universos seruos eius et cunctos sacerdotes ipsius, vocate ad me; nullus sit qui non veniat, sacrificium enim grande est mihi Baal; quicumque defuerit non uiuet. Porro Hieu faciebat hoc insidiosae, ut disperderet cultores Baal. Et dixit: Sanctificate diem sollempnem Baal. Vocauitque, et misit in universos terminos Israhel, et uenerunt cuncti serui Baal; non fuit residuus ne unus quidem qui non ueniret. Et ingressi sunt templum Baal; et repleta est domus Baal a summo usque ad summum. Dixitque hiis qui erant super vestes: Proferte uerimenta uersis seruis Baal. Et protulerunt eis vestes. Ingressusque Hieu et Ionadab, filius Rechab, templum Baal, ait cultoribus Baal: Perquirite et uidete, ne quis forte uobiscum sit de seruis Domini, sed ut sint serui Baal soli. Ingressi sunt igitur ut facerent uictimas et holocausta. Hieu autem preparauerat sibi foris octoginta uiros, et dixerat eis: Quicumque fuerit de hominibus his quos ego adduxero in manus uestras, anima eius erit pro anima illius. Factum est ergo cum completum esset holocaustum, praecepit Hieu militibus et ducibus suis: Ingredimini, et percutite eos, nullus eadat. Percusseruntque eos in ore gladii, et proiecerunt milites et duces. Et ierunt in ciuitatem templi Baal. Et protulerunt statuam in fano Baal, et conbusserunt, et comminuerunt eam. Destruxerunt quoque aedem Baal, et fecerunt pro ea latrinas usque in diem hanc.] usque Deleuit itaque Ieu Baal. III Reg XVIII, g, [40-41]: <b>(III) Dixitque ad eos helyas, etc. [Adprehendite prophetas Baal, et ne unus quidem effugiat ex eis. Quos cum apprehendissent, duxit eos Helyas ad torrentem Cison, et interfecit eos ibi.] usque Et ait Helyas ad Hason. Deu XIII per totum satis agitur de hac materia. Versus: (IV) «Si prauum loqueris, heresim crimenque fateris. Contaminandus eris, nam lex iubet ut lapidaris».</b></b></p>
			II	4Reis 10:18-28	
			III	3Reis 18: 40-41	
			IV	Deut 13	

# **Monteiros e Montaria em Portugal na Idade Média: um projeto de dissertação para o seu estudo<sup>1</sup>**

*Afonso S. Sousa*

**Universidade de Coimbra**

**Universidade Nova de Lisboa - Instituto de Estudos Medievais**

**Resumo:** O presente texto apresenta um projeto de dissertação que procura teorizar os monteiros régios nos finais da Idade Média, na sua estreita ligação com a História florestal, animal e cinegética. Este passa pela identificação dos oficiais que guardaram as coutadas régias, bem como a sua zona de atuação. A análise central tem uma moldura temporal que se inicia no reinado de D. Dinis (1279) e vai até ao final do reinado de D. Afonso V (1481), sendo certo que serão analisados elementos anteriores a este período, sobretudo para se compreender o momento em que se passou dos monteiros, como meros caçadores, para os monteiros oficiais ao serviço do rei. O espaço geográfico a explorar compreende todo o território continental do Reino de Portugal. Assim, abordamos neste artigo o enquadramento historiográfico do tema, as fontes a explorar, a metodologia de trabalho e algumas considerações provisórias..

**Palavras-chave:** Monteiro; Montaria; Coutada; Floresta.

**Abstract:** The present text presents a dissertation project that seeks to theorize the royal monteiros in the late Middle Ages, in their close connection with forest, animal and hunting history. This involves the identification of the officers who guarded the royal reserves, as well as their area of activity. The central analysis has a temporal frame that begins in the reign of D. Dinis (1279) and goes until the end of the reign of D. Afonso V (1481), being certain that elements prior to this period will be analyzed, mainly to understand the moment when one passed from the monteiros, as mere hunters, to the official monteiros in the king's service. The geographic space to be explored comprises the entire continental territory of the Kingdom of Portugal. Thus, in this article we approach the historiographical framework of the theme, the sources to be explored, the work methodology and some provisional considerations.

**Keywords:** Monteiro, Montaria; Coutada; Forest.

---

<sup>1</sup> Este artigo é enquadrado por uma Bolsa de Investigação afecta ao projeto de investigação FALCO - Formulando a relação entre humanos e outras espécies no Portugal medievo (Hypothesising Human-Animal Relations in Medieval Portugal), financiado por fundos nacionais pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT EXPL/HAR-HIS/1135/2021), em execução desde 1 de janeiro de 2022.

## 1. Tema, cronologia e espaço

O projeto de dissertação de mestrado que estamos a desenvolver procura trabalhar os monteiros régios nos finais da Idade Média, como um corpo orgânico, ao serviço do rei, fundamental na gestão e proteção da floresta medieval portuguesa.<sup>2</sup>

Um dos principais objetivos desta investigação é proceder ao levantamento e identificação de todos os oficiais – monteiros-mores do reino, monteiros-mores das montarias e monteiros – desde o momento em que são nomeados para o exercício de funções, até ao momento da sua aposentação. Esta recolha permitirá analisar a composição deste corpo de oficiais a diversos níveis, tais como: os indivíduos e as suas redes familiares, as suas funções e obrigações, hierarquias e privilégios, posicionamento social e poderes, estes sobretudo ao nível dos oficiais superiores, em especial os monteiros-mores do reino.

A par deste trabalho, serão identificadas as várias montarias que existiam no Reino de Portugal, os espaços naturais que abrangiam, os coutamentos que lhes eram aplicados e o período em que estiveram ativas.

Cronologicamente, o principal enfoque incide entre os reinados de D. Dinis (1279-1325) e D. Afonso V (1438-1481). Este período inicia-se em finais do século XIII, porque é precisamente nessa altura que surgem as primeiras referências a monteiros como oficiais régios incumbidos de proteger determinada montaria. Embora a intenção fosse trabalhar até ao final do século XV – porventura até 1495, ano em que finda o reinado de D. João II – a quantidade muito considerável de documentação para o reinado de D. Afonso V inviabilizou essa possibilidade.

Em adição a esta moldura cronológica, e como contextualização histórica, serão tidos em conta os séculos anteriores, desde a formação do Reino de Portugal, uma vez que importa entender quem são os monteiros que surgem documentados, pelo menos, desde o reinado de D. Afonso Henriques. Essas referências, algo dispersas e imprecisas, levantam sérias dúvidas quanto à função que desempenhavam, sendo certo, em muitos casos, que os monteiros referidos seriam meros caçadores, incumbidos de servir o rei nas suas caçadas quando necessário, não havendo, ainda, qualquer função de guardar e gerir espaços florestais.

---

<sup>2</sup> A dissertação que estamos a desenvolver está a ser orientada pelo Professor Doutor Saul António Gomes, Professor Associado com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Do ponto de vista geográfico, a análise incidirá, naturalmente, sobre todo o espaço continental do Reino de Portugal, ressaltando esporádicas referências a outros espaços europeus, que serão abordados no intuito de trazer alguns dados acerca dos congêneres dos monteiros noutros reinos medievais.

## 2. Enquadramento historiográfico

Este conjunto de oficiais medievais não teve, até ao presente, um estudo realmente aprofundado. No entanto, surgiram alguns contributos historiográficos de relevo. Destacam-se os de Henrique Gama Barros, na *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, nos tomos VI<sup>3</sup> e IX,<sup>4</sup> e os de Carlos Baeta Neves em: “Dos Monteiros-mores aos Engenheiros Silvicultores”;<sup>5</sup> “Alguns dos Principais Aspectos da Política Florestal em Portugal até ao Século XVII”;<sup>6</sup> e “O Ensino Superior Florestal em Portugal: antecedentes históricos, origem e evolução até à atualidade”.<sup>7</sup> José Mattoso também abordou a temática num texto intitulado “A Caça no Soajo”.<sup>8</sup> Mais recentemente, Rita Costa Gomes escreveu algumas considerações acerca dos monteiros régios no contexto da Corte em: *A Corte dos Reis de Portugal no Final da Idade Média*.<sup>9</sup> Manuela Mendonça abordou estes oficiais, sobretudo no contexto do reinado de D. João I, na introdução do *Livro de Montaria*<sup>10</sup> que publicou e, por fim, José Abalo Buceta, na mais recente publicação deste mesmo tratado de Montaria.<sup>11</sup>

Para o estudo e identificação dos espaços florestais coutados, que os monteiros eram encarregues de proteger, e na gestão e proteção dos mesmo, há dois artigos de

---

<sup>3</sup> Henrique G. Barros, *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, tomo VI (Lisboa: Livraria Sá da Costa- Editora, 1950), 37-92.

<sup>4</sup> Henrique G. Barros, *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, tomo IX (Lisboa: Livraria Sá da Costa- Editora, 1953), 141-169.

<sup>5</sup> Carlos Baeta Neves em, “Dos Monteiros-mores aos Engenheiros Silvicultores”, *Anais do Instituto Superior de Agronomia*, vol.28 (1965) 19-172.

<sup>6</sup> Carlos Baeta Neves, “Alguns dos Principais Aspectos da Política Florestal em Portugal até ao Século XVII”, *Instituto dos Produtos Florestais* (setembro 1980): 1-6.

<sup>7</sup> Carlos Baeta Neves, “O Ensino Superior Florestal em Portugal: antecedentes históricos, origem e evolução até à atualidade”, *Anais do Instituto Superior de Agronomia* (1984): 153-174.

<sup>8</sup> José Mattoso, “A Caça capítulosno Soajo”, in *Fragmentos de uma composição medieval*, ed. José Mattoso (Lisboa: Estampa, 1987), 205-211.

<sup>9</sup> Rita C. Gomes, *A Corte dos Reis de Portugal no Final da Idade Média* (Lisboa: Difel, 1995), 33, 257-258, 146-159.

<sup>10</sup> D. João I, *Livro de Montaria*, Manuela Mendonça (ed.), (Ericeira: Mar de Letras, 2003).

<sup>11</sup> José Maria de Abalo Buceta, “Livro da Montaria de D. João I de Portugal” (tese de doutoramento, Universidad de Valladolid, 2008).

Nicole Devy Vareta que se destacam: “Para uma Geografia Histórica da Floresta Portuguesa: As Matas Medievais e a «Coutada Velha» do Rei”<sup>12</sup> e “Para uma Geografia Histórica da Floresta Portuguesa: do Declínio das Matas Medievais à Política Florestal do Renascimento (séc. XV e XVI)”.<sup>13</sup> No quarto volume da *Nova História de Portugal*, dirigida por Joel Serrão e António Oliveira Marques, também são abordados os espaços coutados nos finais da Idade Média, no capítulo intitulado: “A Propriedade Fundiária e a Produção”.<sup>14</sup> É ainda relevante destacar o artigo de Koldo Trápaga Monchet que estuda as florestas reais portuguesas segundo a legislação produzida entre os séculos XV e XVII.<sup>15</sup>

No plano da História comparada, podemos apontar no estudo da floresta e dos congéneres dos monteiros em Inglaterra: J. Charles Cox, *The Royal Forests of England*;<sup>16</sup> e Charles R. Young, *The Royal Forests of Medieval England*.<sup>17</sup> Dentro da mesma temática, mas com um maior foco na prática cinegética e na História animal, na atual França, o recente estudo de Hannele Klemetilla: *Animals and Hunters in the Late Middle Ages*.<sup>18</sup> Por fim, realço no estudo das leis florestais inglesas, a dissertação de mestrado de José Vitor Canabrava intitulada “A Lei da Floresta: Poder e Política na Inglaterra Medieval (séculos X-XIII)”.<sup>19</sup>

### 3. Fontes

Relativamente às fontes escritas, há três grupos que importa distinguir. De forma

---

<sup>12</sup> Nicole Devy Vareta, “Para uma Geografia Histórica da Floresta Portuguesa: As Matas Medievais e a «Coutada Velha» do Rei”, *Revista da Faculdade de Letras-Geografia*, I série, vol.1 (1985): 47-67.

<sup>13</sup> Nicole Devy Vareta, “Para uma Geografia Histórica da Floresta Portuguesa: do Declínio das Matas Medievais à Política Florestal do Renascimento (séc.XV e XVI)”, *Revista da Faculdade de Letras-Geografia*, I série, vol.1 (1986): 5-37.

<sup>14</sup> António O. Marques, “A Propriedade Fundiária e a Produção”, in *Nova História de Portugal-Portugal na Crise dos séculos XIV e XV*, dir. Joel Serrão, António O. Marques (Lisboa: Editorial Presença, 1987), 76-122.

<sup>15</sup> Koldo Trápaga Monchet, “El estudio de los bosques reales de Portugal a través de la legislación forestal en las dinastías Avis, Habsburgo y Braganza (ca. 1435-1650)”, *Philostrato. Revista de Historia y Arte* (2017): 5-27.

<sup>16</sup> John C. Cox, *The Royal Forests of England* (London: Methuen & Co., 1905).

<sup>17</sup> Charles R. Young, *The Royal Forests of Medieval England* (Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1979).

<sup>18</sup> Hannele Klemetilla, *Animals and Hunters in the Late Middle Ages* (New York: Taylor & Francis, 2015).

<sup>19</sup> José Vitor Canabrava, “A Lei da Floresta: Poder e Política na Inglaterra Medieval (séculos X-XIII)” (dissertação de mestrado., Universidade de Brasília, 2017).

a contextualizar a presença dos monteiros em Portugal, antes do final da Idade Média, recorreremos a um conjunto de obras que contêm um grande número de documentos publicados.<sup>20</sup> Foram encontradas referências nas seguintes obras: *Diplomatário da Sé de Viseu*,<sup>21</sup> *Chancelaria de D. Afonso III*,<sup>22</sup> *Documentos Medievais Portugueses*,<sup>23</sup> *Portugaliae Monumenta Historica*.<sup>24</sup>

O segundo grupo inclui a documentação emitida pelo poder régio, entre o reinado de D. Dinis e o de D. Afonso V. Desde as Chancelarias, às Cortes e Ordenações.<sup>25</sup>

Finalmente, estes dados serão complementados com a recolha de elementos retirados de fontes literárias – como por exemplo o *Livro de Montaria* de D. João I,<sup>26</sup> ou o *Livro da ensinança de bem cavalgar toda a sela* de D. Duarte<sup>27</sup> – e também com um

---

<sup>20</sup> As obras que foram rastreadas, mas onde não localizámos referências relevantes são: *Documentos de D. Sancho I (1174-1211)* Rui de Azevedo, Avelino de J. da Costa (eds.), (Coimbra: Centro de História da Universidade de Coimbra, 1979); *Livro dos bens de D. João de Portel: cartulário do século XIII*, Pedro de Azevedo, Anselmo B. Freire (eds.), (Lisboa: Colibri, 2003); *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*, Avelino de J. da Costa, José Marques (eds.), t.1 e 2 (Braga: Arquidiocese de Braga, 2016).

<sup>21</sup> *Diplomatário da Sé de Viseu (1078-1278)*, Leontina D. Ventura, João da C. Matos (eds.), (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010).

<sup>22</sup> *Chancelaria de D. Afonso III: Livros II e III*, Leontina D. Ventura, António R. de Oliveira (eds.) (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011).

<sup>23</sup> *Documentos medievais portugueses – Documentos Régios: documentos dos Condes Portugueses e de D. Afonso Henriques, A.D. 1095-1185*, Rui de Azevedo (ed.), vol.1, t.1, (Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1958).

<sup>24</sup> *Portugaliae monumenta historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum: Leges et consuetudines*, Alexandre Herculano (ed.), vol. I, fasc. I, II, IV, V, (Lisboa: Typis Academicis, 1856-1866); *Portugaliae monumenta historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum: Scriptores*, Alexandre Herculano (ed.), vol. I, fasc. II, III (Lisboa: Typis Academicis, 1860-1861); *Portugaliae monumenta historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum: Diplomata et Chartae*, Alexandre Herculano (ed.), vol. I, fasc. II (Lisboa: Typis Academicis, 1869); *Portugaliae monumenta historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum: Inquisitiones*, Alexandre Herculano (ed.), vol. I, fasc. I-II, III, IV-V, VI, VII, VIII, IX (Lisboa: Typis Academicis, 1888-1977); *Portugaliae monumenta historica Nova Série: Inquisitiones*, José A. Pizarro (ed.), vol. IV/1 (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Academia das Ciências de Lisboa, 2012); *Portugaliae monumenta historica Nova Série: Leges et Consuetudines*, António Matos Reis (ed.), vol. IX/1 (Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa).

<sup>25</sup> Destaco também neste tópico o “*Livro Vermelho do Senhor Rey D. Afonso V*” publicado em: *Collecção de Livros Inéditos de História Portugeza dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II*, José C. da Serra (ed.), tomo III (Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1793).

<sup>26</sup> Para esta fonte existem diversas publicações, podemos destacar: *Livro da Montaria Feito por D. João I Rei de Portugal*, Francisco E. Pereira (ed.), (Coimbra: Imprensa da Universidade e Academia das Ciências de Lisboa, 1918); *Obras dos Príncipes de Avis*, Mário L. de Almeida (ed.), (Porto: Lello & Irmão, 1981), 9-232; D. João I, *Livro de Montaria*; José Maria de Abalo Buceta, “Livro da Montaria de D. João I de Portugal” (tese de doutoramento, Universidad de Valladolid, 2008).

<sup>27</sup> Faremos uso de: *Livro da ensinança de bem cavalgar toda a sela que fez El-Rey Dom Eduarte de Portugal e do Algarve e senhor de Ceuta*, Joseph M. Piel (ed.), (Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986).

conjunto de fontes cronísticas.<sup>28</sup> No contexto literário, no plano internacional, há também um conjunto de obras a ter em consideração, das quais podemos destacar, por exemplo: *Livre de Chasse* de Gaston Fébus;<sup>29</sup> *The Master of Game* de Edward, Duque de York,<sup>30</sup> e o *Libro de la montería*, de Alfonso XI de Castela.<sup>31</sup>

Para além destas, as fontes iconográficas também serão alvo de análise. Realço, desde já, a pequena, mas muito relevante, placa figurativa circular encontrada em Conímbriga e cuja datação é ainda anterior ao período medieval (século III d.C.). Nesta, surge representada uma cena de caça na qual um cão ataca um javali em fuga, evidenciando a antiguidade desta prática no território que hoje é Portugal.<sup>32</sup> Já dentro do contexto medieval, podemos referir as representações de caça presentes em diversos túmulos portugueses de finais da Idade Média.<sup>33</sup> Nestes podemos identificar diversos elementos relativos à prática cinegética que surgem referidos nas fontes escritas. Desde a componente animal (cavalos, cães, aves, javalis), até aos utensílios, sejam armas ou instrumentos (lança, ascuma, corno, trela).

#### 4. Metodologia

Do ponto de vista metodológico, a investigação inicia com a análise dos volumes 1 e 2 da História Florestal, Aquícola e Cinegética que preenchem os períodos de 1208-1438 e 1439-1481, respetivamente.<sup>34</sup> Este percurso, já feito, visou a recolha de todos os

---

<sup>28</sup> Realço que algumas das fontes cronísticas podem não conter qualquer informação pertinente para a temática que estamos a desenvolver. Ainda assim, parece-nos relevante que se rastreie o maior número possível. Podemos dar como exemplo: Gomes Eanes Zurara, *Crónica da Tomada de Ceuta*, Francisco E. Pereira (ed.), (Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1915); Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, Giuliano Macchi (ed.), (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004); *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, Maria Brocardo (ed.), (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006); *Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*, Manuela Mendonça (ed.), (Lisboa: Academia Portuguesa de História, 2011).

<sup>29</sup> Acerca deste destacamos, sobretudo a análise já mencionada de Hannele Klemetilla em: Hannele Klemetilla, *Animals and Hunters in the Late Middle Ages* (New York: Taylor & Francis, 2015).

<sup>30</sup> Edward of Norwich, *The Master of Game*, William A. Baillie-Grohman, F. N. Baillie-Grohman (eds.), (Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005).

<sup>31</sup> Alfonso XI, *Libro de la Montería, estudio y edición crítica*, María I. M. Ramirezl (ed.), (Granada: Universidad de Granada, 1992).

<sup>32</sup> Veja-se a fig. 1.

<sup>33</sup> Até ao momento foram identificados cinco túmulos com representações de caça: Túmulo de Gomes Martins Silvestre (Monsaraz); Arca tumular de Vasco Esteves de Gatuz (Estremoz); Arca tumular de Fernão Sanches (Museu Arqueológico do Carmo, Lisboa); Túmulo "dito de Dona Branca [Pires Portel]" (Museu de Lamego, Lamego); túmulo de Pedro Afonso de Portugal, Conde de Barcelos (São João de Tarouca).

<sup>34</sup> *História Florestal Aquícola e Cinegética*, Carlos Baeta Neves (ed.), vol.1-2, (Lisboa: Ministério da Agricultura e Pescas Direção-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal, 1980, 1982); A estes dois

documentos em que surgem menções a monteiros ou montarias. Ao todo foi possível identificar 79 cartas relevantes no primeiro volume e 502 no segundo. De um total de 581 cartas, há 451 que não surgem publicadas nessas obras, sendo que 420 cartas são provenientes da Chancelaria de D. Afonso V, não publicada.

Assim, a segunda fase deste estudo prendeu-se com a transcrição paleográfica de alguma documentação, contando com o apoio das várias Chancelarias Régias que já se encontram publicadas. A recolha e tratamento desta informação serviu para construir uma extensa base de dados trabalhada segundo uma metodologia de base prosopográfica.

A estes elementos acresce a análise das Ordenações, onde se destacam as de D. Duarte<sup>35</sup> e as Afonsinas, sobretudo, com o “título LXVII: Do Montei-ro Moor, e cousas que a seu officio pertencem”.<sup>36</sup>

De forma a complementar toda esta informação faremos um percurso pelas fontes literárias e cronísticas, em parte já referidas, retirando qualquer informação relativa a este conjunto de oficiais que possa ser relevante. O mesmo será feito relativamente a qualquer fonte iconográfica que se revele importante.

## 5. Estrutura provisória

No que diz respeito à estrutura iniciaremos com um enquadramento acerca dos monteiros que surgem documentados muito antes dos finais da Idade Média. Abordando quem eram estes indivíduos, em que moldes atuavam e, sobretudo, quais as semelhanças, ou diferenças, entre estes monteiros e os monteiros-oficiais. Ainda de forma introdutória procuraremos abordar a floresta em Portugal e a caça, sobretudo na sua vertente de montaria.

No segundo capítulo serão identificados os monteiros, monteiros-mores das montarias e monteiros-mores do reino, ao serviço da Coroa, em associação às matas que seriam incumbidos de guardar. O período no desempenho do cargo, a forma de acesso ou abandono do posto, as funções exercidas e os privilégios de que usufruem

---

volumes acrescem dois documentos do volume 3, cujas datações ainda integram o período que abordamos: *História Florestal Aquícola e Cinegética*, vol.3.

<sup>35</sup> *Ordenações Del-Rei Dom Duarte*, Martim de Albuquerque, Eduardo B. Nunes (eds.), (Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, 1988).

<sup>36</sup> *Ordenações Afonsinas: Livro 1*, Mário Costa, Eduardo Nunes (eds.), (Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1998), pp. 398-405.



serão, entre muitos outros aspetos, foco de análise. Pretende-se, portanto, reunir uma extensa lista de monteiros e montarias que permita uma caracterização consistente desta função.

O terceiro capítulo será dedicado à atuação dos monteiros, no contexto da caça, uma vez que o acompanhamento do monarca na prática cinegética é uma das mais importantes obrigações destes oficiais. Importa entender de que forma operavam os monteiros e explorar os animais<sup>37</sup>, armas e outros utensílios de que faziam uso neste contexto. Embora o cavalo e diferentes tipos aves tivessem uma enorme relevância, trataremos aqui, sobretudo, o cão. Uma vez que este surge, de forma constante, como o animal que os monteiros deveriam possuir para servir o rei, tratando-se de uma verdadeira “ferramenta de trabalho” para estes oficiais.

## 6. Breves hipóteses e dados semitratados

Embora a maior parte do tratamento dos dados ainda esteja por fazer, há algumas ilações que podem ser tiradas quanto ao exercício da função de monteiro.

No que diz respeito à idade de reforma, as Ordenações Afonsinas são bastante claras, indicando que “se alguú Monteiro das Comarcas era velho, e em hidade de setenta annos, o Monteiro Moor ho apouentava”<sup>38</sup>. Existem vários documentos que comprovam esta disposição. Veja-se o caso do monteiro Vasco Anes que surge, na sua carta de aposentação, “poussado per hidade de sateenta annos”<sup>39</sup> e numa outra carta, em que se nomeia o seu sucessor, como sendo aposentado por ser de idade cumprida.<sup>40</sup>

Contudo, a documentação também revela exceções. Certos oficiais reformam-se com mais idade<sup>41</sup> e surgem outros motivos associados à aposentação. Desde a

---

<sup>37</sup> Veja-se, a título de exemplo, o caso do monteiro João Frade que mesmo depois de aposentado continuaria a ser obrigado a manter um cão para a caça: “e este monteiro aquy conteudo tenha huu sabujo pera nosso serviço posto que apouentado seja”, Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Chancelaria de D. Afonso V, livro 27<sup>o</sup>, fl. 153.

<sup>38</sup> *Ordenações Afonsinas*, p. 401.

<sup>39</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Chancelaria de D. Afonso V, livro 37<sup>o</sup>, fl. 14v.

<sup>40</sup> “Vasco Anes seu pay morador no dicto logo da Lavrugeira que ora apoussentaron por seer d’hidade conprida”, Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Chancelaria de D. Afonso V, livro 37<sup>o</sup>, fl. 14v.

<sup>41</sup> “o quall ora apouentamos per ser de ydade de oytenta annos” Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Chancelaria de D. Afonso V, livro 33<sup>o</sup>, fl.58; “d’Afomso d’Elvas seu tyo que ora apoussentaron porquanto era velho e passava muito da hidade de que he hordenado” Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Chancelaria de D. Afonso V, livro 34<sup>o</sup>, fl. 54.

cegueira,<sup>42</sup> à lesão de membros como o braço ou perna,<sup>43</sup> ou mesmo a participação em batalhas, caso da Batalha de Alfarrobeira contra o monarca D. Afonso V.<sup>44</sup>

Apesar de todos os encargos associados ao exercício da função de monteiro, surgem referências que nos permitem identificar que estes indivíduos teriam outras ocupações profissionais. Embora estas referências não sejam constantes – e pesando o facto de ainda ter muitos dados por tratar – já foram identificadas algumas ocupações profissionais que fariam parte do quotidiano destes oficiais. Exemplos destas ocupações são: tecelão,<sup>45</sup> cordoeiro<sup>46</sup> ou carpinteiro.<sup>47</sup>

Esta é, portanto, uma proposta de estudo de um conjunto de oficiais medievais que, de certa forma, se materializa num trabalho de História ambiental, na medida em que trabalha a relação do Homem com o meio natural. Estes indivíduos e as suas funções expõem a vontade dos monarcas medievais portugueses em proteger e reservar para, tanto a fauna como a flora, num conjunto muito significativo de espaços florestais. Um processo que não é singular no panorama europeu.

---

<sup>42</sup> “velho e cego de huu olho” Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Chancelaria de D. Afonso V, livro 27<sup>o</sup>, fl. 153; “apouentamos por seer velho cansado e cego” Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Chancelaria de D. Afonso V, livro 25<sup>o</sup>, fl. 91.

<sup>43</sup> “he velho e aleijado d’huum braço e muito doenthio”, Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Chancelaria de D. Afonso V, livro 24<sup>o</sup>, fl. 99; “he aleijado de hua perna e de huu braco de tall guissa que nom pode servir a dicta montaria”, Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Chancelaria de D. Afonso V, livro 13<sup>o</sup>, fl. 112v; “por seer aleijado de huua perna e nom pode servir a dicta montaria” Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Chancelaria de D. Afonso V, livro 11<sup>o</sup>, fl. 79.

<sup>44</sup> “em logo e vaga de Fernam d’Omern morador em Aaveiro o quall perdeo a dicta montaria por sseer com o Ifante Dom Pedro na Batalha d’Alfarrobeira”, Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Chancelaria de D. Afonso V, livro 11<sup>o</sup>, fl. 90v.

<sup>45</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Chancelaria de D. Afonso V, livro 8<sup>o</sup>, fl. 91.

<sup>46</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Chancelaria de D. Afonso V, livro 28<sup>o</sup>, fl. 9v.

<sup>47</sup> *História Florestal, Aquícola e Cinegética*, vol. 2, doc. 324, 95-96.

## 7. Anexos



Fig. 1 – Placa figurativa em bronze onde se vê um cão a atacar um javali em fuga (século III d.C.).

Consultado em: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=106277> (21/03/2022).



Fig. 2 – Cena de caça de montaria presente no túmulo de D. Pedro, Conde de Barcelos (século XIV). Atualmente em São João de Tarouca.

Fotografia própria.



Fig. 3 – Cena de caça de montaria presente num túmulo de um anónimo. (século XIV). Atualmente no Museu de Lamego.

Fotografia própria.



Fig. 4 – Cena de caça presente no túmulo de Vasco Esteves de Gatuz (século XIV). Atualmente na Igreja de São Francisco de Estremoz.

Fotografia própria.

# Los discursos proféticos en el reinado de los Reyes Católicos (1474-1516)

*Pablo Fernández Pérez*

**Universidade de Santiago de Compostela**

**Resumo:** La tesis doctoral cuyo proyecto se expone a continuación consiste en una investigación sobre los discursos proféticos presentes en la historiografía producida en los Reinos Hispánicos durante el reinado de los Reyes Católicos (1474-1516). De manera específica, su objetivo es explicar por qué estos discursos fructificaron, cómo se construyeron y, sobre todo, para qué sirvieron. A tales efectos, la investigación se centra en el estudio de tres fuentes principales: (1) el *Espejo del mundo* (1468-1490), de Alonso de Jaén; (2) el *Libro del Anticristo* (1496), de Martín Martínez de Ampíes; y (3) el *Libro de las profecías* (1500-1505), de Cristóbal Colón. Combinando herramientas teóricas procedentes de la historia intelectual, la historia de las mentalidades y la historia del pensamiento político, la tesis doctoral procura llevar a cabo: (a) un análisis de los textos seleccionados a partir de las relaciones con sus contextos de producción; (b) un examen de los textos elegidos en sus dimensiones reales e imaginarias; y (c) una identificación de los textos estudiados como discursos políticos. En última instancia, los resultados que se obtengan a través de esta investigación pretenden contribuir a explorar la capacidad de los discursos proféticos para construir mundos o realidades propios e incidir, por medio de ellos, en las formas de vida de una sociedad bajomedieval.

**Palavras-chave:** Discursos Proféticos, Reyes Católicos, Historia Intelectual, Historia de las Mentalidades.

**Abstract:** The doctoral thesis whose project is presented below consists of an investigation on the prophetic discourses present in the historiography produced in the Hispanic Kingdoms during the reign of the Catholic Monarchs (1474-1516). Specifically, its objective is to explain why these discourses proliferated, how they were built and, above all, what they were used for. For this purpose, the research focuses on the study of three main sources: (1) the *Espejo del mundo* (1468-1490), by Alonso de Jaén; (2) the *Libro del Anticristo* (1496), by Martín Martínez de Ampíes; and (3) the *Libro de las profecías* (1500-1505), by Cristóbal Colón. Combining theoretical tools from intellectual history, the history of mentalities and the history of political thought, the doctoral thesis seeks to carry out: (a) an analysis of the above-mentioned texts based on their relations with their contexts of production; (b) an examination of the texts in their real and imagined dimensions; and (c) an identification of the texts as political discourses.

Ultimately, the results obtained through this research aim to contribute to exploring the capacity of prophetic discourses to build their own worlds or realities and influence, through them, the ways of life of a late-medieval society.

**Keywords:** Prophetic Discourses, Catholic Monarchs, Intellectual History, History of Mentalities.

## 1. Antecedentes

El origen del interés académico por los discursos proféticos producidos o difundidos en los Reinos Hispánicos durante el reinado de los Reyes Católicos se remonta cronológicamente a las décadas de 1940 y 1950, cuando el tema fue abordado de manera parcial por las investigaciones de Américo Castro, José Cepeda Adán, Marcel Bataillon y John Leddy Phelan.<sup>1</sup> A pesar de que cada uno de estos historiadores se acercó al problema desde un punto de vista distinto, sus estudios comparten ciertos motivos comunes. Estos motivos pueden agruparse en tres núcleos de contenido cuyo predominio ha caracterizado, hasta el día de hoy, las sucesivas investigaciones sobre el tema: (1) la dimensión utópica de la colonización de América; (2) la exaltación mesiánica de los monarcas Isabel I y Fernando II; y (3) la presencia de discursos proféticos en los conflictos sociales de la época.

1. De estos tres núcleos, el primero es el que más atención ha recibido por parte de la historiografía posterior. Treinta años después de la publicación de las investigaciones pioneras de Bataillon y Phelan, la influencia de la tradición profética medieval en la empresa de Indias se convirtió en un reclamo para historiadores de diversas procedencias. Entre ellos cabe destacar a Pauline Moffitt Watts, Juan Gil, Adriano Prosperi y, sobre todo, Alain Milhou.<sup>2</sup> Además, en este mismo ámbito temático también es

---

<sup>1</sup> Américo Castro, *Aspectos del vivir hispánico: espiritualismo, mesianismo, actitud personal en los siglos XIV al XVI* (Santiago de Chile: Cruz del Sur, 1949); José Cepeda Adán, “El providencialismo en los cronistas de los Reyes Católicos”, *Arbor* 17 (1950): 177-190; Marcel Bataillon, “Nouveau Monde et fin du monde”, *L'Education Nationale* 32 (1952): 30-40; John Leddy Phelan, *The millennial kingdom of the franciscans in the New World* (Berkeley: University of California Press, 1956).

<sup>2</sup> Pauline Moffitt Watts, “Prophecy and Discovery: On the Spiritual Origins of Columbus’s ‘Enterprise of the Indies’”, *The American Historical Review* 90 (1985): 73-102; Juan Gil, *Mitos y utopías del descubrimiento. Colón y su tiempo* (Madrid: Alianza, 1989); Adriano Prosperi, *America e apocalisse e altri saggi* (Roma: Istituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, 1999); Alain Milhou, *Colón y su mentalidad mesiánica en el ambiente franciscanista español* (Valladolid: Casa Museo de Colón, 1983).

posible encontrar propuestas de análisis emparentadas con ópticas poscoloniales, como la desarrollada por el comparatista literario Djelal Kadir.<sup>3</sup>

2. Por su parte, el segundo núcleo de contenido, definido como la exaltación mesiánica de los Reyes Católicos, comenzó a adquirir una mayor relevancia historiográfica a finales de la década de 1990. En líneas generales, su estudio se ha desarrollado en estrecha relación con los conceptos de poder y de propaganda. Así ocurre en las investigaciones de Eulàlia Duran y Joan Requesens, que en 1997 editaron y analizaron una recopilación de textos proféticos favorables a Fernando el Católico.<sup>4</sup> Durante los años posteriores, autores como Jacobo Sanz, Sylvia Roubaud y Ana Isabel Carrasco aportaron nuevos trabajos sobre el tema.<sup>5</sup>

3. Finalmente, la presencia de los discursos proféticos en los conflictos sociales del reinado de los Reyes Católicos ha ganado importancia en las últimas décadas. Por lo común, esta línea de investigación se ha concretado en el estudio de casos relacionados con las comunidades judía y musulmana, como atestiguan los trabajos de Stefania Pastore y Mònica Colominas.<sup>6</sup> Sin embargo, existen también propuestas que relacionan los discursos proféticos producidos en la época de los Reyes Católicos con el desarrollo posterior de las revueltas de las Comunidades y las Germanías. Entre ellas se encuentran las investigaciones de Ramón Alba y de Pablo Pérez García y Jorge Antonio Catalá.<sup>7</sup>

## 2. Fuentes

---

<sup>3</sup> Djelal Kadir, *Columbus and the ends of the Earth: Europe's prophetic rhetoric as conquering ideology* (Berkeley: University of California Press, 1992).

<sup>4</sup> Eulàlia Duran y Joan Requesens, *Profecía i poder al Renaixement: texts profètics favorables a Ferran el Catòlic* (Valencia: Eliseu Climent, 1997).

<sup>5</sup> Jacobo Sanz, "Cancioneros y profecía: algunas notas sobre el mesianismo durante el reinado de los Reyes Católicos", *Via spiritus* 6 (1999): 7-25; Sylvia Roubaud, "La prophétie merlinienne en Espagne: des rois de Grande Bretagne aux rois de Castille", in *La prophétie comme arme de guerre des pouvoirs, XVe-XVIIe siècle*, ed. Augustin Redondo (París: Presses Sorbonne Nouvelle, 2000), 159-174; Ana Isabel Carrasco, "Discurso político y propaganda en la corte de los Reyes Católicos, 1474-1482" (tesis doctoral, Universidad Complutense de Madrid, 2003).

<sup>6</sup> Stefania Pastore, *Una herejía española: conversos, alumbrados e Inquisición, 1449-1559* (Madrid: Marcial Pons, 2010); Mònica Colominas, "Profecía, conversión y polémica islamo-cristiana en la Iberia alto-moderna", in *Visiones imperiales y profecía: Roma, España, Nuevo Mundo*, ed. Stefania Pastore y Mercedes García-Arenal (Madrid: Abada, 2018), 53-80.

<sup>7</sup> Ramón Alba, *Acerca de algunas particularidades de las Comunidades de Castilla tal vez relacionadas con el supuesto acaecer terreno del Milenio Igualitario* (Madrid: Editora Nacional, 1975); Pablo Pérez García y Jorge Antonio Catalá, *Epígonos del encubertismo: proceso contra los agermanados de 1541* (Valencia: Direcció General del Llibre i Coordinació Bibliotecària, 2000).



La historiografía producida en los Reinos Hispánicos durante el reinado de los Reyes Católicos presenta una concentración elevada de discursos proféticos. Estos pueden encontrarse en textos de géneros tan diversos como la cronística, la literatura de viajes, la poesía de cancionero, las tratadísticas religiosa y nobiliaria, la sermonística o los libros de caballerías. Inicialmente, la tesis doctoral se centrará en el estudio de tres fuentes principales: (1) el *Espejo del mundo* (1468-1490), de Alonso de Jaén; (2) el *Libro del Anticristo* (1496), de Martín Martínez de Ampíes; y (3) el *Libro de las profecías* (1500-1505), de Cristóbal Colón. A continuación se presentan con más detalle:

1. El *Espejo del mundo* es un tratado escrito entre 1468 y 1490 por el morisco valenciano Alonso de Jaén, que se describe como “cronista real” y “maestro en artes y medicina”. Se conserva en un único manuscrito autógrafo de ochenta y ocho folios custodiado actualmente en la Biblioteca de Catalunya. La obra está dedicada a los Reyes Católicos, pero parece que no llegó a terminarse. En lo que respecta a su contenido, se trata de un texto de difícil encuadre genérico. Su título lo sitúa, al menos en teoría, en el género de los espejos, pero su esfuerzo instructivo se orienta casi exclusivamente a la exposición de la situación política y social contemporánea y a la defensa de un discurso político. Por esta razón, la mayor parte del texto adquiere la forma de una narración alegórica de hechos recientes, en la que se intercalan diversas profecías aplicadas razonadamente a algunos de los personajes y acontecimientos mencionados. La primera sección de la obra (fols. 1v-30v) se abre con la noticia del avistamiento de un cometa acompañado de tres estrellas negras, dos lunas moradas y una hoz de rayos de fuego. La interpretación de este prodigio se centra en las tribulaciones sufridas por la cristiandad, que se representa como una flota a la deriva. A continuación, la segunda sección (fols. 31r-44v) introduce varias consideraciones sobre el fin del mundo, con especial atención a la actuación de un supuesto rey hispánico llamado a redimir a la fe católica. Esta discusión se prolonga hasta la tercera sección del texto (fols. 45r-49v), en la que se plantea una serie de dudas acerca de la responsabilidad de los eclesiásticos y los monarcas cristianos en la decadencia de la sociedad. Finalmente, la cuarta sección (fols. 50r-85v) adquiere la forma de una sátira animalística sobre la guerra de sucesión castellana (1474-1479), cuyos protagonistas se nombran por medio de anagramas silábicos. Este relato desemboca en la exposición de un detallado plan de gobierno a cargo



de Fernando II de Aragón, a quien se identifica como el Último Emperador de la tradición profética medieval.<sup>8</sup>

2. El *Libro del Anticristo* es una miscelánea escatológica impresa por primera vez en 1496 en la oficina tipográfica zaragozana de Pablo Hurus. Se conservan también ejemplares de dos ediciones posteriores atribuidas los impresores burgaleses Fadrique de Basilea (1497) y Juan de la Junta (1535), respectivamente. La obra fue compuesta por el hidalgo aragonés Martín Martínez de Ampiés, que combinó sus desempeños políticos y militares con una prolífica actividad intelectual centrada en la traducción y la edición de libros impresos.<sup>9</sup> En este caso, el *Libro del Anticristo* forma parte de una familia de volúmenes xilográficos sobre el mismo tema producidos a finales del siglo XV en varios lugares de Europa. De manera específica, Martínez de Ampiés elaboró la composición a partir de los grabados de un incunable alemán de 1482, a los que añadió abundantes comentarios y moralizaciones. Estructuralmente, el *Libro del Anticristo* está formado por cuatro textos adosados y una carta enviada por Martínez de Ampiés a Pablo Hurus desde la guerra de Perpiñán, que funciona como un prólogo. El primero de esos cuatro textos, que da título al conjunto, es una vida del Anticristo (“Libro del Antichristo”) planteada como un *contrafactum* de la vida de Cristo, de acuerdo con su elaboración tradicional. Esta biografía se dispone en cuarenta y cinco epígrafes o capítulos, cada uno de ellos encabezado por una xilografía que representa el episodio narrado a continuación. El segundo texto, titulado “Libro del juicio postrimero”, es una exposición de los quince signos del Juicio Final dividida en veintisiete epígrafes, en los que se incorporan nuevas imágenes. El tercer texto, titulado “Declaración del sermón

---

<sup>8</sup> El *Espejo del mundo* se encuentra editado parcialmente en Duran y Requesens, *Profecía i poder al Renaixement*, 135-297. También es posible acceder a una reproducción digital completa del manuscrito en <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcd6n4>. El libro de Duran y Requesens contiene el único estudio sobre el texto que se ha realizado hasta la fecha. Por lo demás, se pueden encontrar referencias más breves a la obra de Alonso de Jaén en los siguientes trabajos: Eulàlia Duran, “La Cort Reial com a centre de propaganda monàrquica: la participació morisca en l’exaltació messiànica dels reis catòlics”, *Pedralbes: revista d’historia moderna* 13 (1993): 505-514; Colominas, “Profecía, conversión y polémica islamo-cristiana”; Carrasco, “Discurso político y propaganda”.

<sup>9</sup> En lo que respecta a su carrera política, Martínez de Ampiés fue diputado de la corona de Aragón por el brazo de la universidades entre los años 1480 y 1483. En 1485, la diputación de Aragón le encarga dar solución a un conflicto comercial en la zona de las Cinco Villas zaragozanas. Durante los años posteriores, prestaría servicio a Fernando el Católico en varias operaciones militares y diplomáticas. En cuanto a su actividad literaria, Martínez de Ampiés formó parte de los círculos intelectuales establecidos en torno a la imprenta de Pablo Hurus. Allí publicó, en 1495, una traducción del *Libro de Albeystería* de Manuel Díaz, y en 1498, una traducción comentada de la *Relación del viage de la Tierra Santa* de Bernardo de Breydenbach, acompañada de una composición propia titulada *Tratado de Roma*. Además, Martínez de Ampiés fue autor de otros dos textos originales: un *Triunpho de María* en verso, publicado por Hurus en 1495; y un *carmen elegiacum* que figura en la edición de las obras de Sedulio, publicadas también en Zaragoza en 1500.

de san Vicente”, se basa en un popular sermón apócrifo de Vicente Ferrer, que tiene por *thema* “Ecce hic positus est in ruinam”. Martínez de Ampíes parafrasea y comenta algunos aspectos del sermón, que se apoya en tres profecías de Daniel relacionadas con la caída de la Cristiandad. Finalmente, el cuarto texto se trata de una traducción castellana de la *Epístola del Rabí Samuel*, un popular razonamiento contra judíos en forma de falsa carta.<sup>10</sup>

3. El *Libro de las profecías* es un volumen manuscrito de ochenta y cuatro folios custodiado actualmente en la Biblioteca Colombina de Sevilla. Su título completo, tal y como se recoge en el folio 1v, es “Liber sive manipulus de auctoritatibus, dictis, ac sententiis, et prophetiis circa materiam recuperande sancte civitatis, et montis Dei Syon, ac inventionis & conversionis insularum Indie, et omnium gentium atque nationum, ad Ferdinandum et Helysabeth &c. reges nostros hispanos” (“Libro o gavilla de autoridades, dichos, sentencias y profecías acerca del asunto de la recuperación de la Ciudad Santa y del monte de Dios Sion, y del descubrimiento y la conversión de las islas de la India y de todas las gentes y naciones, [dedicado] a nuestros reyes hispanos Fernando e Isabel”). Según se indica al comienzo, el libro fue preparado por Cristóbal Colón entre 1500 y 1505 con la colaboración de su archivero y tesorero, el monje cartujo Gaspar Gorricio de Novara. En lo que respecta a su contenido, se trata de una recopilación de casi cuatrocientos textos proféticos bíblicos y medievales, a los que se suman una colección de salmos, varias anotaciones breves y algunas composiciones poéticas. Estos materiales aparecen agrupados en tres secciones, señaladas por los epígrafes “De preterito” (“Sobre el pasado”) (ff. 30v-53), “De presenti et futuro” (“Sobre el presente

---

<sup>10</sup> Existen tres ediciones modernas del *Libro del Anticristo*. La primera de ellas, un facsímil parcial de la impresión de 1497, se encuentra en Ramón Alba, *Del Anticristo* (Madrid: Editora Nacional, 1982). La segunda, también parcial, corresponde a Martín Martínez de Ampíes, *Libro del Anticristo. Declaración... del sermón de San Vicente (1496)*, edición y notas de François Gilbert (Pamplona: EUNSA, 1999). La tercera edición, que contiene la única versión completa del texto, se halla en Patricia Claire Fagan, “A critical edition of Martín Martínez Dampíes’s *Libro del Antichristo*, Zaragoza, 1496” (tesis doctoral, Boston University, 2001). Se pueden consultar otros acercamientos historiográficos al *Libro del Anticristo* en los siguientes trabajos: Regula Rohland de Langbehn, “El *Libro del Antichristo* en castellano”, in *Studia Hispanica Medievalia, II. Actas de las III Jornadas de Literatura Española Medieval*, ed. Rosa E. Penna y María A. Rosarusso (Buenos Aires: Universidad Católica Argentina, 1992), 137-145; José Guadalajara, *Las profecías del Anticristo en la Edad Media* (Madrid: Gredos, 1996); María Isabel Toro, “Imagen y función del Anticristo en algunos textos castellanos del siglo XV”, *Via spiritus* 6 (1999): 27-63; María Jesús Lacarra, “El ciclo de imágenes del *Libro del Anticristo* [Zaragoza: Pablo Hurus, 1496]”, *Revista de Poética Medieval* 30 (2016): 179-198; María Jesús Lacarra, “Aventuras y desventuras del *Libro del Anticristo* de Martín Martínez de Ampíes [Zaragoza: Pablo Hurus, 1496]”, in “*La razón es Aurora*”: estudios en homenaje a la profesora Aurora Egido, ed. José Enrique Laplana, María de los Ángeles Ezama, María Carmen Marín, Rosa Pellicer, Antonio Pérez y Luis Sánchez (Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2017), 69-79.

y el futuro”) (ff. 54v-62v) y “De futuro” (“Sobre el futuro”) (ff. 67v-83v). En algunos casos es sencillo identificar el patrón que sigue la disposición de los textos, como ocurre en los folios finales, en los que están recogidos prácticamente todos los pasajes bíblicos que mencionan los términos “Tarsis”, “Ofir”, “Quetim” o “islas del mar”. En otras ocasiones, sin embargo, esta tarea es más complicada, ya que se entrecruzan sin mayores explicaciones referencias al Anticristo, a la conversión de todos los pueblos o al fin del mundo. Tan solo una carta de Colón a los Reyes Católicos copiada en los folios 6v-8r aclara el propósito del conjunto, que parece que pretende intentar definir la empresa de Indias y una futura reconquista cristiana de Jerusalén como acontecimientos profetizados en las Escrituras.<sup>11</sup>

La combinación de los tres textos presentados abarca la variedad de los discursos proféticos producidos o difundidos en los Reinos Hispánicos durante el reinado de los Reyes Católicos. Con todo, su selección no pretende ser exclusiva. La tesis doctoral contempla la posibilidad de integrar fuentes secundarias que se identifiquen a lo largo de la investigación, siempre y cuando puedan ser vinculadas a alguno de los tres textos principales.

### 3. Objetivos

El objetivo general de esta tesis doctoral es explicar por qué fructificaron, cómo se construyeron y para qué sirvieron los discursos proféticos presentes en la historiografía producida en los Reinos Hispánicos durante el reinado de los Reyes Católicos (1474-1516). Para cumplir este objetivo general, la investigación se propone los siguientes objetivos específicos:

---

<sup>11</sup> El *Libro de las profecías* ha recibido una mayor atención historiográfica que los dos textos anteriores. Actualmente, existen cinco ediciones de la obra. La primera de ellas se encuentra en Cesare de Lollis (ed.), *Raccolta di documenti e studi pubblicati dalla Real Commissione pel quarto centenario dalla scoperta dell'America. Scritti di Cristoforo Colombo* (Roma: Real Commissione Colombina, 1892-1894). Las otras cuatro son Cristóbal Colón, *Libro de las profecías*, edición y notas de Francisco Álvarez Seisdedos (Madrid: Testimonio Compañía Editorial, 1984); Cristóbal Colón, *Libro de las profecías. An en face edition*, edición y notas de Delno C. West y August Kling (Gainesville: University of Florida Press, 1991); Cristóbal Colón, *Libro de las profecías*, edición y notas de Juan Fernández Valverde (Madrid: Alianza, 1992); y Cristóbal Colón, *Libro de las profecías*, edición y notas de Roberto Rusconi (Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1994). Por su parte, entre los estudios dedicados al *Libro de las profecías* destacan los siguientes trabajos: Milhou, *Colón y su mentalidad mesiánica*; Moffitt Watts, “Prophecy and discovery”; Juana María Arcelus, “Cristóbal Colón y el abad calabrés Joaquín de Fiore”, *Miscellanea F. Giunta* I (1989): 1-45; Kadir, *Columbus and the ends of the Earth*; Roberto Rusconi, *Profezia e profeti alla fine del Medioevo* (Roma: Viella, 1999); Carol Delaney, “Columbus’s ultimate goal: Jerusalem”, *Comparative Studies in Society and History* 48 (2006): 260-292; Juan Luis de León, “El *Libro de las Profecías* (1504) de Cristóbal Colón: la Biblia y el descubrimiento de América”, *Religión y cultura* 241-242 (2007): 360-406.

- a) Contextualizar los textos seleccionados en el reinado de los Reyes Católicos desde un punto de vista político, social, cultural e intelectual.
- b) Reconstruir la genealogía profética, la transmisión y la autoría de los textos estudiados.
- c) Clasificar los discursos proféticos presentes en los textos elegidos según los tipos de contenidos que expresen.
- d) Analizar los discursos proféticos presentes en los textos seleccionados en sus dimensiones reales e imaginarias.
- e) Definir los discursos proféticos presentes en los textos estudiados como herramientas políticas.

A todos ellos se debe añadir, además, un último objetivo específico que se relaciona transversalmente con los anteriores. Este objetivo es diseñar un aparato metodológico con el que abordar la investigación propuesta. Las herramientas teóricas que conformarán este aparato metodológico serán precisadas en el próximo apartado.

#### **4. Metodología e hipótesis de partida**

Las herramientas metodológicas que se aplicarán en la tesis doctoral giran alrededor de tres ejes principales:

1. El primer eje es la historia intelectual, que servirá para construir los contextos políticos, sociales, culturales e intelectuales de los textos seleccionados. Entre las propuestas metodológicas desarrolladas en este ámbito que se aplicarán a lo largo de la investigación se encuentran las de Dominick LaCapra, François Dosse y Roger Chartier.<sup>12</sup> Las aportaciones de estos autores permitirán conectar los discursos proféticos estudiados con sus espacios de producción. En este sentido, la primera hipótesis de la investigación propone una vinculación entre los discursos proféticos y las prácticas propias del grupo de los “letrados”.<sup>13</sup> Estos hombres, distinguidos por su formación

---

<sup>12</sup> Dominick LaCapra, *Rethinking intellectual history: texts, contexts, language* (Ithaca: Cornell University Press, 1983); François Dosse, *La marcha de las ideas: historia de los intelectuales, historia intelectual* (Valencia: Universitat de València, 2007); Roger Chartier, *El mundo como representación: estudios sobre historia cultural* (Barcelona: Gedisa, 1992).

<sup>13</sup> Para una definición de esta categoría, pueden consultarse los siguientes trabajos: José Antonio Maravall, “La formación de la conciencia estamental de los letrados”, *Revista de Estudios Políticos* LXX (1953): 53-81; Ottavio di Camillo, *El humanismo castellano del siglo XV* (Valencia: Fernando Torres, 1976); Jacques Verger, *Gentes del saber en la Europa de finales de la Edad Media* (Madrid:

universitaria, alcanzaron una proyección social destacada en los Reinos Hispánicos a lo largo del siglo XV. Por lo general, ocupaban cargos públicos de carácter urbano o prestaban directamente sus servicios a la Monarquía o a las casas nobiliarias. Con la ayuda de sus recursos intelectuales y textuales, los letrados desempeñaban una importante función política, participando activamente en los conflictos ideológicos contemporáneos. Tal es el caso, como se ha visto, de Alonso de Jaén y Martín Martínez de Ampíes, así como de los autores de otros textos proféticos de la época.

2. El segundo eje es la historia de las mentalidades, que servirá para examinar los discursos proféticos presentes en los textos elegidos en sus dimensiones reales e imaginarias. Entre las propuestas metodológicas desarrolladas en este ámbito que se aplicarán a lo largo de la investigación se encuentran las de Jacques Le Goff, Hervé Martin y Carlos Barros.<sup>14</sup> Las aportaciones de estos autores permitirán identificar los distintos estratos sobre los que construyen los tiempos, los espacios y los acontecimientos escenificados en los textos estudiados. A este respecto, la tesis doctoral plantea, como segunda hipótesis de partida, que los discursos proféticos bajomedievales funcionan como medios de construcción de realidades. Frente a la idea de una realidad situada “fuera y delante” de las fuentes históricas, la investigación sostendrá que las representaciones creadas por los textos seleccionados participan en la elaboración colectiva de una determinada “visión del mundo” de carácter profético.

3. El tercer eje es la historia del pensamiento político, que servirá para caracterizar los discursos proféticos presentes en los textos estudiados como herramientas políticas. Entre las propuestas metodológicas desarrolladas en este ámbito que se aplicarán a lo largo de la investigación se encuentran las de Quentin Skinner y John G. A. Pocock.<sup>15</sup> Las aportaciones de estos autores permitirán integrar los discursos proféticos en un “lenguaje político” operativo en el reinado de los Reyes Católicos. Específicamente, la tercera hipótesis de partida de la tesis doctoral se centra en la adaptabilidad del “lenguaje profético” bajomedieval. Como demuestran los textos seleccionados, los materiales proféticos asumen significados distintos según el contexto en que

---

Complutense, 1999).

<sup>14</sup> Jacques Le Goff, *Lo maravilloso y lo cotidiano en el Occidente medieval* (Barcelona: Gedisa, 2002); Hervé Martin, *Mentalités médiévales, XIe-XVe siècle* (París: PUF, 1998); Carlos Barros, “Historia de las mentalidades: posibilidades actuales”, *Secuencia* 27 (1993): 185-210.

<sup>15</sup> Quentin Skinner, *Lenguaje, política e historia* (Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2007); John G. A. Pocock, *Pensamiento político e historia: ensayos sobre metodología y método* (Madrid: Akal, 2011).

funcionen. De este modo, su apropiación se puede plasmar tanto en discursos críticos como en discursos legitimadores o mistificadores.

## **5. Estructura provisional**

De acuerdo con los planteamientos expuestos en los apartados anteriores, la tesis doctoral pretende incluir, provisionalmente, los siguientes bloques de contenido:

1. Una explicación del marco metodológico de la investigación. En este primer bloque de contenido se desarrollarán de manera conjunta las herramientas metodológicas a las que se recurrirá para cumplir los objetivos de la tesis doctoral.
2. Una definición de los contextos de los textos seleccionados. Se indagará, en este sentido, en las relaciones establecidas entre los textos y algunos de los procesos centrales del reinado de los Reyes Católicos, como el conflicto de sucesión castellano, la colonización de América, la persecución de la minorías judeoconversas o el desarrollo del humanismo.
3. Una localización de los textos elegidos en el campo intelectual del reinado de los Reyes Católicos. Este bloque de contenido incluirá:
  - 3.1. Una reconstrucción de la genealogía de los textos. Se rastrearán, con tal propósito, las fuentes, los géneros o los modelos textuales de los que parten los textos estudiados, así como las filiaciones directas o indirectas establecidas entre ellos.
  - 3.2. Una caracterización de los autores de los textos. Debido a su importancia, la investigación se centrará, a este respecto, en el grupo de los “letrados” y en sus vinculaciones con la Corte de los Reyes Católicos, con los ámbitos nobiliarios o con el mundo de la imprenta, según el caso.
4. Una exposición de la historia de la historiografía de los textos seleccionados. Se recogerán, con tal objeto, las investigaciones existentes en torno a la composición, la edición o la traducción de los textos, además de las distintas interpretaciones desarrolladas a partir de estos.
5. Una identificación de los elementos proféticos contenidos en los textos elegidos. En términos generales, la ejecución de esta actividad permitirá delimitar, relacionar y clasificar los discursos proféticos estudiados, facilitando su análisis posterior.

6. Un análisis de los discursos proféticos presentes en los textos seleccionados. Este bloque de contenido incluirá:
  - 6.1. Un examen de los textos en sus dimensiones reales e imaginarias. En este sentido, se prestará especial atención a los diferentes estratos temporales, espaciales y acontecimentales sobre los que se construyen los discursos proféticos.
  - 6.2. Una explicación de la finalidad y la utilidad sociopolíticas de los textos. Se precisarán, en este caso, los componentes críticos, legitimadores o mistificadores de los discursos proféticos.

*(Esta página foi intencionalmente deixada em branco)*



## **Grupo Informal de História Medieval**

Universidade do Porto, Faculdade de Letras  
Via Panorâmica, s/n, 4150-564 – Porto, Portugal  
[www.gihmedieval.com](http://www.gihmedieval.com)